

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

MÁRCIA EMÍLIA DA ROCHA ASSIS ELOI

**PERFIL DE FLUÊNCIA DA FALA INFANTIL CAPIXABA: COMPARAÇÃO COM A
VARIEDADE MINEIRA E DIFERENTES MÉTODOS DE COLETA**

**VITÓRIA
2021**

MÁRCIA EMÍLIA DA ROCHA ASSIS ELOI

**PERFIL DE FLUÊNCIA DA FALA INFANTIL CAPIXABA: COMPARAÇÃO COM A
VARIEDADE MINEIRA E DIFERENTES MÉTODOS DE COLETA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues Meireles

Coorientadora: Prof^a Dr^a Letícia Corrêa Celeste

**VITÓRIA
2021**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

- E37p Eloi, Márcia Emília da Rocha Assis, 1983-
Perfil de fluência da fala infantil capixaba: comparação com
a variedade mineira e diferentes métodos de coleta : Perfil de
fluência da fala infantil capixaba / Márcia Emília da Rocha
Assis Eloi. - 2021.
187 f. : il.
- Orientador: Alexsandro Rodrigues Meireles.
Coorientadora: Leticia Corrêa Celeste.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.
1. Fala. 2. Percepção da fala em crianças. 3. Fonética. 4.
Análise prosódica (Linguística). I. Meireles, Alexsandro
Rodrigues. II. Celeste, Leticia Corrêa. III. Universidade Federal
do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV.
Título.

CDU: 80

Márcia Emília da Rocha Assis Eloi

**PERFIL DE FLUÊNCIA DA FALA INFANTIL CAPIXABA:
COMPARAÇÃO COM A VARIEDADE MINEIRA E
DIFERENTES MÉTODOS DE COLETA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 18 de junho de 2021.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues Meireles (UFES)

Orientador e Presidente da Comissão

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)

Examinadora Interna

Profa. Dra. Lilian Coutinho Yacovenço (UFES)

Examinadora Interna

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues Meireles

Por: Profa. Dra. Vanessa de Oliveira Martins-Reis (UNB)

Examinadora Externa

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues Meireles

Por: Profa. Dra. Sandra Merlo (IBF)

Examinadora Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ALEXSANDRO RODRIGUES MEIRELES - SIAPE 1611981
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN
Em 23/08/2021 às 13:50

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/213094?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
LILIAN COUTINHO YACOVENCO - SIAPE 297946
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN
Em 23/08/2021 às 18:38

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/213621?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
MARIA MARTA PEREIRA SCHERRE - SIAPE 99992013
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLi/CCHN
Em 24/08/2021 às 19:54

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/214740?tipoArquivo=O>

Dedico esta tese ao Allan, à Sophia, à Elise e à Alice.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao único que é digno de receber a honra e a glória, Deus. Àquele que foi Pai, amor e aconchego nas minhas mais profundas adversidades e me sustentou até aqui para provar que Ele É em minha vida. Sou muito grata, meu Senhor!

Apresento meus agradecimentos a meu orientador Alexsandro, que tive a honra de conhecer em um encontro despretensioso no *coffee break* do Colóquio de Prosódia em 2011, que me recebeu como aluna especial em sua turma de Fonética e Fonologia na Universidade Federal do Espírito Santo, me arguiu no processo seletivo, acolheu minhas ideias e me fez acreditar que seria possível. Alex, seu currículo dispensa apresentações da sua competência acadêmica, por isso destaco aqui a sua bondade, seu desprendimento e sua empatia como ser humano. Obrigada por ajudar a tornar possível o sonho de uma vida.

Agradeço a Letícia, minha coorientadora. Tudo começou com uma pontuação que perdi na sua disciplina de “Fonologia”, ainda na graduação, e aquilo me instigou. Depois, participei com ela do grupo de estudos da fluência da fala, logo eu que não gostava de fluência. Escrevemos juntas alguns trabalhos para congressos, discutimos muita fluência e rimos bastante também. Um dia, compartilhei o meu desejo de fazer mestrado e fui gentilmente recebida na sua casa para discutir as minhas possibilidades. Hoje tenho a honra em tê-la mais perto. Você me enxergou e plantou, lá atrás, a sementinha da pesquisadora que eu tenho me tornado. Gratidão.

Agradeço à minha banca de qualificação, professoras doutoras Maria Marta Pereira Scherre e Lilian Coutinho Yacovenco, pela gentileza das contribuições que foram tão essenciais para a condução do trabalho. Agradeço também à minha banca de defesa pelas ricas e pertinentes contribuições que, tenho certeza, aperfeiçoaram este trabalho.

Agradeço à Universidade Federal do Espírito Santo e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela acolhida nas pessoas dos meus queridos e competentes professores do doutorado. Agradeço a todos os meus colegas do programa, que fizeram juntos essa estrada ser tráfegável. Em especial, agradeço a Aparecida (Cida), que foi, ao mesmo tempo, aconchego e ânimo para mim; ao Jares, que foi o cúmplice

das minhas angústias e meu suporte nas inquietações teóricas; a Rossana (*in memoriam*) que, mesmo internada em um leito de hospital, me fez gargalhar e me deu uma bronca quando pensei em desistir.

Estendo minha gratidão às escolas participantes da pesquisa por torná-la possível e às famílias que nos confiaram suas crianças para as coletas de fala. Agradeço aos meus alunos e ex-alunos por serem a jovialidade e o ar fresco que me impulsionam a prosseguir. Agradeço, especialmente, às minhas alunas orientandas de iniciação científica e projetos de extensão que auxiliaram na coleta dos dados que compõem esta tese. Vocês foram os meus braços para alcançar tantas falas. Gratidão.

Agradeço às Políticas Públicas de Incentivo à Educação do governo PT, nas pessoas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da ex-presidenta Dilma Vana Rousseff. Eu sou fruto de políticas públicas bem-sucedidas e me orgulho muito.

Agradeço todos os meus familiares pelo incentivo e pela torcida. Agradeço, principalmente, àqueles que celebraram cada vitória acadêmica conquistada e por acreditarem que seria possível. Mãe, pai, irmãos, avó, tios, tias, primos e primas vocês estão representados nessas linhas.

Agradeço a Sophia pelas vasilhas lavadas (risos), pela ajuda com as irmãs e pela paciência comigo ao longo desse longo processo acadêmico. Agradeço a Elise por entender minhas ausências e meu humor matinal duvidoso. Agradeço a Alice por ser a minha gotinha de afeto diário no seu “te amo, mãe”. Vocês três são a minha maior missão. Deixo para vocês o meu exemplo de força e determinação. Sempre foi por vocês.

Agradeço ao Allan, meu marido, amante, amigo, cúmplice e tantas outras definições que a vida me permitiu ter. Obrigada por alegrar-se com minhas vitórias, por sonhar junto comigo e por continuar no sonho durante o processo para torná-lo realidade.

Deus mantém em perfeita paz quem tem o propósito firme e confia Nele.
Isaías 26:3

RESUMO

A fluência é entendida como o fluxo contínuo e suave de produção da fala e pode ser determinada a partir de aspectos como a taxa de elocução e a tipologia das disfluências. Objetiva-se comparar a fluência da fala infantil das variedades mineira e capixaba do português brasileiro e averiguar a interferência dos diferentes métodos de coleta na fluência da fala. Participaram da pesquisa 201 crianças com faixa etária de 6 a 11 anos de idade, que produziram um somatório de 410 amostras de fala coletadas por meio de três distintos experimentos. No primeiro experimento, a coleta foi realizada com tarefa de fala, usando-se figura estática e comparação das variedades mineira e capixaba do português brasileiro; no segundo experimento, as diferentes tarefas de fala foram coletadas a partir de figura estática e de fala semiespontânea; no terceiro experimento, as coletas foram realizadas em diferentes tarefas de fala com figura estática, história em sequência e fala semiespontânea) e com as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro). No primeiro experimento, a taxa de elocução foi semelhante entre as variedades mineira e capixaba; já a descontinuidade de fala, a disfluência típica de hesitação e as disfluências atípicas de prolongamento, pausa e intrusão de som ou segmento foram maiores na variedade mineira e a disfluência típica de revisão foi maior na variedade capixaba. No segundo experimento, os resultados mostraram semelhança, na taxa de elocução, descontinuidade de fala e disfluência típica e atípica, entre os diferentes métodos de coleta de fala por meio de figura estática e da fala semiespontânea. No terceiro experimento, ao se analisar isoladamente as diferentes tarefas na coleta de fala, houve diferença estatisticamente significativa entre os métodos de coleta de fala que evidenciaram menor taxa de elocução e menor descontinuidade de fala na tarefa de fala com uso de figura estática. Por outro lado, a fala semiespontânea se mostrou com maior taxa de elocução (palavra por minuto), maior descontinuidade de fala, hesitação e interjeição. Pela análise isolada das diferentes ordens dos encontros para a coleta de fala, constatou-se que a ordem dos encontros isoladamente não interfere nas variáveis da fluência da fala. Ainda no terceiro experimento, ao se analisar as diferentes tarefas de fala associada às diferentes ordens dos encontros, verificou-se que a taxa de elocução se manteve semelhante entre os diferentes métodos, entretanto o primeiro encontro se mostrou mais propenso para o aumento da descontinuidade de fala e de disfluência típicas e atípicas. Por outro lado, o terceiro

encontro se mostrou mais favorável para a fluência com a diminuição das disfluência típicas e atípicas. De maneira geral, entende-se que há diferença regional entre as variedades mineira e capixaba e que os diferentes métodos de coleta interferem na fluência da fala infantil.

Palavras-chave: Fluência. Disfluência. Métodos. Coleta de fala. Variedades.

ABSTRACT

Fluency is understood as the continuous and smooth flow of speech production and can be determined from aspects such as the rate of speech and typology of disfluencies. The objective of this thesis is to compare the child speech fluency in the Minas Gerais and Capixaba varieties of Brazilian Portuguese, and to verify the interference of different methods of collection in speech fluency. The study included 201 children aged 6 to 11 years, who produced a total of 410 speech samples collected through three distinct experiments. In the first experiment, the collection was performed with a speech task with static figures. In the second experiment, the different speech tasks were collected with static figures and semi-spontaneous speech. In the third experiment, the gathering of data was performed with different speech tasks (static figures, sequence story, and semi-spontaneous speech) and with the different orders of the meetings (first, second and third meeting). In the first experiment, the speech rate was similar between Minas Gerais and Capixaba varieties, while speech discontinuity, typical disfluency of hesitation, and atypical disfluencies of prolongation, pause, and intrusion of sound or segment were higher in the Minas Gerais variety and the typical disfluency of revision was higher in the Capixaba variety. In the second experiment, the results showed similarity in the rate of speech, speech discontinuity, and typical and atypical disfluency, among the different methods of speech collection through static figures and semi-spontaneous speech. In the third experiment, when we analyzed the different tasks in speech gathering in isolation, there was a significant statistical difference between the speech gathering methods that showed lower speech rate and lower speech discontinuity in the speech task with a static figure. On the other hand, the semi-spontaneous speech was shown to have a higher rate of speech (word per minute), greater speech discontinuity, hesitation, and interjection. When analyzing in isolation the different orders of the meetings for speech collection, we found that the order of the meetings alone does not interfere with the speech fluency variables. Also in the third experiment, when analyzing the different speech tasks associated with the different orders of the meetings, we verified that the rate of speech remained similar between the different methods. However, the first meeting proved to be more prone to increasing speech discontinuity in typical and atypical disfluencies. On the contrary, the third meeting was more favorable for fluency with a reduction of typical and atypical disfluencies. In general, it is understood that there is a regional difference between the

Minas Gerais and Capixaba varieties and that the different gathering methods interfere in the child speech fluency.

Keywords: Fluency. Disfluency. Methods. Speech collection. Varieties.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistemas envolvidos no processo de fluência.....	31
Figura 2 – Como fluência e disfluências são encontradas na literatura	33
Figura 3 – Livro do Teste de linguagem Infantil ABFW e Fichário de cartelas de figuras para os testes de Fonologia e Vocabulário	60
Figura 4 – Apresentação das temáticas abordadas na tese	64
Figura 5 – Explicação da relação entre os termos variedade, variação, variável e variante	67
Figura 6 – Condicionadores internos e externos que atuam simultaneamente na língua	68
Figura 7 – Figuras estáticas do instrumento AFC (Avaliação Fonológica das Crianças)	94
Figura 8 – Figura estática “O roubo do biscoito” do instrumento “Teste de Boston” ..	95
Figura 9 – Figuras estimuladoras de história em sequência	95
Figura 10 – Três figuras estimuladoras de história em sequência	96
Figura 11 – Esboço resumido dos experimentos e métodos da coleta de fala	101
Figura 12 – Critérios para marcação das disfluências na transcrição da fala	102
Figura 13 – Codificação da análise dos testes de <i>post hoc</i> da parte A do terceiro experimento.....	11515
Figura 14 – Codificação da análise dos testes de <i>post hoc</i> da parte C do terceiro experimento.....	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos fonoaudiólogos participantes pelos estados brasileiros e Distrito Federal	80
Gráfico 2 – Instrumento utilizado e tarefa cognitiva na coleta de fala	81
Gráfico 3 – Ordem dos encontros na coleta de fala	82
Gráfico 4 – Variáveis analisadas e calculadas na amostra de fala pelas fonoaudiólogas	82
Gráfico 5 – Etapas da atuação clínica que necessitam de maior divulgação científica na perspectiva das fonoaudiólogas	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia das disfluências típicas e atípicas	36
Quadro 2 - Tipos de marcadores conversacionais e a comparação com a classificação das tipologias das disfluências	38
Quadro 3 – Terminologia e conceitos relativos às duas principais medidas do tempo de fala	42
Quadro 4 – Aspectos metodológicos dos estudos de medidas temporais da fala.....	44
Quadro 5 – Média/ valores absolutos de TE e TA encontrados nos estudos com sujeitos com desenvolvimento típico	488
Quadro 6 – Média de TE e TA encontradas nos estudos com sujeitos com alteração na fala	49
Quadro 7 – Artigos científicos com descrição dos instrumentos de avaliação da fluência.....	53
Quadro 8 – Descrição dos artigos selecionados considerando as variáveis título, autor, ano, tipo de estudo, objetivo e esboço do método de coleta.....	74
Quadro 9 - Respostas discursivas acerca da comparação dos achados clínicos com os achados de Andrade (2004; 2012)	84
Quadro 10 – Resumo das variáveis que sofreram influência das diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros	144
Quadro 11 – Roteiro facilitador para a coleta da amostra da fala “três por três”	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das características das amostras do 1º experimento.....	106
Tabela 2 – Índices de taxa de elocução das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo.....	106
Tabela 3 – Índices de descontinuidade de fala das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo.....	107
Tabela 4 – Média da produção das disfluências típicas das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo.....	107
Tabela 5 – Média da produção das disfluências atípicas das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo.....	108
Tabela 6 – Distribuição por sexo e idade das amostras do 2º experimento	110
Tabela 7 – Índices de taxa de elocução nas diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática.....	110
Tabela 8 – Índices de descontinuidade de fala nas diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática	111
Tabela 9 – Índices de disfluências típicas nas diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática	111
Tabela 10 – Índices de disfluências atípicas nas diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática	113
Tabela 11 – Índices de taxa de elocução nas diferentes tarefas de fala	115
Tabela 12 – Análise do <i>post hoc</i> das taxas de elocução que sofreram influência da variação da tarefa cognitiva na coleta de fala	116
Tabela 13 – Índices de descontinuidade de fala nas.....	116
Tabela 14 – Análise do <i>post hoc</i> descontinuidade de fala que sofreu influência da variação da tarefa cognitiva na coleta de fala	117
Tabela 15 – Índices de disfluências típicas nas diferentes tarefas de fala	117

Tabela 16 – Análise do <i>post hoc</i> das disfluências típicas que sofreram influência da variação da tarefa cognitiva na coleta de fala	118
Tabela 17 – Índices de disfluências atípicas nas diferentes tarefas de fala	119
Tabela 18 – Índices de taxa de elocução na ordem dos encontros.....	121
Tabela 19 – Índices de descontinuidade de fala na ordem dos encontros.....	121
Tabela 20 – Índices de disfluências típicas na ordem dos encontros.....	122
Tabela 21 – Índices de disfluências atípicas na ordem dos encontros.....	123
Tabela 22 – Índices de taxa de elocução e descontinuidade de fala nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros	125
Tabela 23 – Índices de descontinuidade de fala nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros.....	126
Tabela 24 – Análise do <i>post hoc</i> da descontinuidade de fala que sofreu influência da variação da ordem dos encontros de coleta de fala	12727
Tabela 25 – Índices de disfluências típicas nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros.....	1288
Tabela 26 – Análise do <i>post hoc</i> das disfluências típicas que sofreram influência da variação da ordem dos encontros de coleta de fala	130
Tabela 27 – Índices de disfluências atípicas de fala nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros	13232
Tabela 28 – Análise do <i>post hoc</i> para as disfluências atípicas que sofreram influência da variação da ordem dos encontros de coleta de fala	13333
Tabela 29 – Comparação dos valores de referência da taxa de elocução e descontinuidade de fala de crianças de 8 e 9 anos dos sexos feminino e masculino nas variedades mineira e capixaba	13636

LISTA DE SIGLAS

AFC	Avaliação Fonológica das Crianças
ASHA	<i>American Speech and Hearing Association</i>
GE	Grupo de experimento
PB	Português brasileiro
PCAF	Protocolo para coleta de amostra de fala
RAD	Requisito de Apoio Discursivo
SSI	<i>Stuttering Severity Instrument</i>
TA	Taxa de articulação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TE	Taxa de elocução

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
2.1 FLUÊNCIA DA FALA.....	3030
2.1.1 A gagueira	33
2.2 DISFLUÊNCIAS DA FALA	35
2.2.1 Marcadores conversacionais	37
2.2.2 Aí, né.....	41
2.3 MEDIDAS TEMPORAIS DA FALA: TAXA DE ELOCUÇÃO E DE ARTICULAÇÃO	41
2.3.1 Considerações sobre as características das amostras e métodos dos estudos sobre TE e TA	47
2.3.2 Considerações sobre as medidas de TE e TA	50
2.4 AVALIAÇÕES DE FLUÊNCIA DA FALA	50
2.4.1 Breve relato sobre o instrumento ABFW	59
2.4.1.1 <i>Fonologia.....</i>	61
2.4.1.2 <i>Vocabulário</i>	61
2.4.1.3 <i>Fluência.....</i>	62
2.4.1.4 <i>Pragmática</i>	63
3 FUNDAMENTAÇÃO, PERCURSO E JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA	64
3.1 A VARIAÇÃO REGIONAL	64
3.1.1 Sociolinguística.....	65
3.1.1.1 <i>Variedade, variação, variável e variante.....</i>	66
3.1.2 Sociolinguística Variacionista: condicionadores internos e externos	67
3.1.3 Dialectologia	699
3.1.4 Variação regional dos aspectos da fluência da fala.....	71
3.2 DIFERENTES MÉTODOS DE COLETA DE FALA	7272
3.2.1 Diferentes tarefas na coleta de fala	72
3.2.2 Diferentes tarefas de fala no perfil de fluência	78
3.3 DIFERENTES ORDENS DOS ENCONTROS NA COLETA DE FALA.....	78
3.4 PESQUISA COM FONOAUDIÓLOGAS CLÍNICAS	80
3.4.1 Considerações metodológicas	85
4 MÉTODOS	866

4.1 ASPECTOS ÉTICOS.....	91
4.2 CENÁRIO	91
4.3 AMOSTRA.....	91
4.4 INSTRUMENTOS.....	93
4.4.1 Anamnese acerca do desenvolvimento infantil.....	93
4.4.2 O teste de fluência da fala	93
4.4.3 O teste de Fonologia.....	94
4.4.4 As figuras estimuladoras da fala	94
4.5 PROCEDIMENTOS.....	96
4.5.1 Coleta da amostra de fala.....	97
4.5.2 Descrição dos experimentos de coleta das amostras de fala	97
4.5.2.1 Primeiro experimento – método de coleta única de amostra de fala por meio de figura estática	97
4.5.2.2 Segundo experimento – método de coleta dupla de amostra de fala com figura estática e fala semiespontânea	98
4.5.2.3 Terceiro experimento – método de coleta tripla de amostra de fala com figura estática, fala semiespontânea e história em sequência.....	99
4.6 ANÁLISE DA FALA	101
4.7 ANÁLISE DOS DADOS.....	103
5 RESULTADOS	105
5.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO PRIMEIRO EXPERIMENTO	105
5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO SEGUNDO EXPERIMENTO.....	110
5.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TERCEIRO EXPERIMENTO – PARTE A	114
5.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TERCEIRO EXPERIMENTO - PARTE B	120
5.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TERCEIRO EXPERIMENTO – PARTE C	124
6 DISCUSSÃO	135
6.1 AS VARIEDADES MINEIRA E CAPIXABA (PRIMEIRO EXPERIMENTO)	135
6.2 OS DIFERENTES MÉTODOS DE COLETA DE FALA (SEGUNDO E TERCEIRO EXPERIMENTO).....	138
7 CONCLUSÕES	147
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	151
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ANAMNASE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	162

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	165
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	170
ANEXO C – RESOLUÇÃO Nº 196 DE 10 DE OUTUBRO DE 1996	172
ANEXO D – FLUÊNCIA. PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO (BLOCO AVULSO).....	181
ANEXO E – FONOLOGIA. PROTOCOLO DE REGISTRO - IMITAÇÃO	182
ANEXO F – FIGURAS ESTÁTICAS: INSTRUMENTO AFC (AVALIAÇÃO FONOLÓGICA DAS CRIANÇAS	183
ANEXO G – FIGURAS ESTIMULADORAS DE HISTÓRIA EM SEQUÊNCIA UTILIZADAS NA COLETA DE FALA	186

1 INTRODUÇÃO

O ser humano possui a capacidade de se comunicar por meio da articulação da linguagem e a busca pela compreensão dos mecanismos dessa complexa habilidade pode ser considerada o foco de interesse de estudiosos da Linguística e da Fonoaudiologia, entre outras áreas. A Linguística é a ciência que estuda os fenômenos relacionados à linguagem, buscando estabelecer os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas (SILVA, 2009). Por sua vez, de acordo com a Lei nº 6.965, de 9 de dezembro de 1981, o fonoaudiólogo é “[...] o profissional, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológicas na área da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz. (BRASIL, 1981).

O Curso de Linguística Geral, obra póstuma de Saussure, publicada em 1916, é considerado um marco nos estudos linguísticos, sendo creditado a ela o reconhecimento da Linguística como ciência. Ferdinand de Saussure é um dos expoentes do estruturalismo que, juntamente com o gerativismo, compõe o que se pode chamar de polo formalista linguístico. Uma das principais dicotomias saussurianas é a oposição *langue* (língua) x *parole* (fala).

De acordo com Saussure [1916]/(2012, p. 41), a língua representa uma parte essencial da linguagem, mas não se confunde com ela; “[...] é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Dessa forma, a língua representa um sistema supraindividual, utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. Por outro lado, para Saussure, a fala representa o uso individual do sistema que caracteriza a língua, correspondendo a dois momentos: “1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º - o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (SAUSSURE, 2012, p. 45). Embora reconheça que os dois aspectos da linguagem, a língua e a fala, estejam intimamente

relacionados, Saussure (2012) prioriza o estudo do sistema, excluindo o falante e o contexto social de suas pesquisas.

Na segunda metade do século XX, outras tendências ganharam destaque, como a Sociolinguística, a Linguística de Texto, a Análise do Discurso e o Funcionalismo, em função das crescentes questões discursivas que surgiam (PEZZATI, 2009). Para Labov [1972]/(2008), a língua é uma forma de comportamento social e não pode ser estudada sem levar em consideração o aspecto social e a sociedade.

Do ponto de vista do desenvolvimento, a linguagem oral se dá por meio das entradas sensoriais dos bebês (e posteriormente da criança) em todas as suas formas (como a audição, a visão, o tato etc.), bem como da sua interação motora com o mundo (AGUADO, 2005). Após um árduo processo de levantamento de hipóteses e testes, a criança reduz seu extenso repertório inicial de sons para aqueles da língua materna e, com o tempo, passa a dar significado tanto na recepção quanto na expressão de sons e palavras (AGUADO, 2005; BOYSSON-BARDIES, 2009). Essa modalidade linguística constitui-se de um produto da interação de subsistemas que se organizam em subsistemas fonológico, lexical, morfossintático, discursivo e pragmático (PUYUELO; RONDAL, 2007). Para Prates e Martins (2011), a fala pode ser entendida como o canal que viabiliza a expressão da linguagem oral correspondente à sua realização motora e se refere basicamente à maneira de articular os sons na palavra, incluindo a fluência.

A fluência da fala, assim como a disfluência, é um aspecto linguístico no mínimo polêmico de ser conceituada e sofre interferências de diferentes teorias para justificar sua manifestação. A fluência pode ser definida como o fluxo contínuo e suave de produção da fala (ANDRADE; CERVONE; SASSI, 2003). Aspectos da fluência como taxa de elocução¹ e tipologia das disfluências são determinantes para estabelecer a fluência e a gagueira de uma população (ANDRADE, 2000; YAIRI; AMBROSE; NIERMANN, 1993). Para Scarpa e Fernandez-Svartsman (2012) a fluência e disfluência não podem ser dimensionadas apenas pela ausência ou presença de rupturas ou até mesmo aos aspectos fonético-articulatórios. Para as autoras, tanto a

¹ Neste trabalho, utilizaremos o termo taxa de elocução (TE), conforme proposto por Meireles (2007) em sua tese.

fluência quanto a disfluência são fenômenos linguísticos influenciados por aspectos semânticos, pragmáticos, comunicativos e prosódicos (SCARPA; FERNANDEZ-SVARTSMAN, 2012).

Esses aspectos, acrescidos da frequência das disfluências, são utilizados na clínica fonoaudiológica nacional como os mais importantes marcadores de fluência e gagueira em crianças (ANDRADE, 2004b). No entanto, embora utilizados em larga escala em um país com dimensões continentais, os escores desses importantes marcadores não foram validados nacionalmente nas diversas variedades do português brasileiro (PB).

Além dos aspectos relacionados à fluência em si, um fator importante para ser levado em consideração na avaliação da fluência são os diferentes métodos de coleta de fala. Quanto às diferentes tarefas na coleta de fala, Merlo (2006) pesquisou cinco adultos quanto às hesitações em tipos textuais, apoio visual e conhecimento declarativo. A autora usou métodos diferentes de coleta de fala com o uso de narrativa de *cartoon*, narrativa pessoal, descrição de figura e descrição pessoal em adultos altamente escolarizados. A autora não encontrou diferença estatisticamente significativa em suas principais variáveis. Dessa forma, constata-se que o desenvolvimento linguístico dos participantes é considerado estável; além disso, a amostra é estatisticamente pequena (MERLO, 2006). Por outro lado, a presente pesquisa propõe-se estudar a população infantil que se encontra em desenvolvimento e merece, portanto, ser investigada.

Quanto às pesquisas das variáveis da fluência da fala em variedades diferentes do português, podemos citar Silva (2014), que pesquisou a fluência da fala florianopolitana; Meireles, Tozetti e Borges (2010), que compararam a taxa de elocução das variedades mineira e baiana, e Castro e outros (2014), que compararam a fluência de fala de falantes do português brasileiro com a de falantes do português europeu.

O presente trabalho objetiva comparar a fluência da fala infantil das variedades mineira e capixaba do português brasileiro e averiguar a interferência dos diferentes métodos de coleta na fluência da fala. Diante da ideia orientadora da pesquisa esboçada na elaboração dos problemas, das hipóteses e dos objetivos, este estudo

justifica-se do ponto de vista linguístico e fonoaudiológico devido às características sociais, fonéticas e linguísticas envolvidas nos objetos de pesquisa.

As variáveis analisadas no estudo, como as medidas de taxa de elocução, descontinuidade de fala e tipologias das disfluências (típicas e atípicas) nas diferentes tarefas de fala e diferentes ordens dos encontros propõem uma importante análise da variedade capixaba do PB que auxiliará a prática clínica fonoaudiológica e a reflexão acerca do comportamento linguístico infantil.

A pesquisa das medidas temporais da fala, como a taxa de elocução, relaciona-se aos estudos fonético-articulatórios e viabilizam ao linguista o entendimento do comportamento motor da fala, fomentando material científico para discutir os aspectos prosódicos da variedade capixaba. Já os dados acerca da descontinuidade de fala e as tipologias das disfluências possibilitam ao linguista um conhecimento acerca do processamento linguístico e do uso de marcadores discursivos realizados pela criança. Todas as variáveis da fluência da fala propostas neste estudo favorecem o entendimento da variedade capixaba do PB como aspecto regional da variação linguística.

No que tange à Fonoaudiologia, as características da fluência propostas nesta pesquisa são importantes parâmetros para o desenvolvimento típico da fluência da fala para a variedade capixaba e consequentemente podem favorecer a clínica terapêutica fonoaudiológica.

Este trabalho tem como base os estudos de Andrade (2000; 2004a, 2004b e 2006) no que objetiva medir a taxa de elocução, classificar e calcular as tipologias das disfluências, além de medir a descontinuidade de fala na variedade capixaba e nos diferentes métodos de coleta de fala. Vale-se também das contribuições da literatura linguística, principalmente a Dialetoлогия, e das pesquisas fonoaudiológicas acerca da fluência da fala.

O *corpus* deste trabalho compõe-se de amostras da coleta da fala de crianças capixabas e mineiras, como também de amostras da fala de crianças capixabas em diferentes métodos de coleta de fala.

Quanto à organização da tese, na seção 2 foi realizada uma revisão da literatura sobre a fluência da fala, as tipologias das disfluências, as medidas temporais da fala (taxas de elocução e articulação) e as avaliações da fluência da fala.

Na terceira seção, apresentamos fundamentação, percurso e justificativa metodológica com a abordagem de temas como variação regional, diferentes métodos de coleta de fala e uma pesquisa com fonoaudiólogas clínicas que atuam com fluência da fala. A pesquisa objetivou descrever os aspectos de avaliação em fluência e gagueira na prática clínica fonoaudiológica e coletou informações importantes que auxiliaram a elaboração metodológica do trabalho.

A seção 4 discorre sobre os métodos utilizados na elaboração desta pesquisa. Essa parte é dividida em aspectos éticos, caracterização da amostra, cenário, instrumentos, procedimentos, análise dos dados e análise estatística.

A quinta seção é composta pela apresentação dos resultados da pesquisa e se divide em três experimentos. O primeiro experimento foi a comparação das variáveis da fluência da fala entre as variedades mineira e capixaba. O segundo experimento foi a comparação das variáveis da fluência da fala entre as diferentes tarefas na coleta de fala, a partir de figura estática e fala semiespontânea. O terceiro experimento se dividiu em parte A, B e C.

Na parte A do terceiro experimento, foi realizada a comparação das variáveis da fluência da fala nas diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea. Na parte B do terceiro experimento foi realizada a comparação das variáveis da fluência da fala nas diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro). Na parte C do terceiro experimento foi realizada a comparação das diferentes tarefas de fala colhidas a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea e as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro).

A seção 6 é composta pela discussão dos dados de cada experimento, a sétima seção discorre sobre as conclusões da pesquisa e, na seção 8, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FLUÊNCIA DA FALA

Antes de iniciarmos o desenvolvimento propriamente dito desta seção, é importante destacar Chambers (1997), que em seu texto reflete acerca do uso indiscriminado ou como ele diz, “não técnico” do termo fluência. A autora sinaliza a possibilidade do uso do termo “fluência” em dois casos, a saber: 1º) para designar alguma proficiência geral do idioma, relacionada ao desenvolvimento de aptidões linguísticas; 2º) para designar a competência comunicativa do falante. No entendimento de Chambers (1997), é difícil separar os conceitos de fluência e proficiência, uma vez que se espera maior fluência de alguém proficiente, contudo, escolhemos desenvolver fluência na ótica da competência comunicativa neste trabalho.

A fluência da fala pode ser entendida, de acordo com *American Speech and Hearing Association* (ASHA, 1999, p.), como “[...] a continuidade, suavidade, velocidade e esforço com os quais as unidades fonológicas, lexicais, morfológicas e/ou sintáticas de linguagem são expressas”. A fala fluente é então um enunciado longo, contínuo, suave, sem esforço e com ritmo adequado (ANDRADE, 2004a).

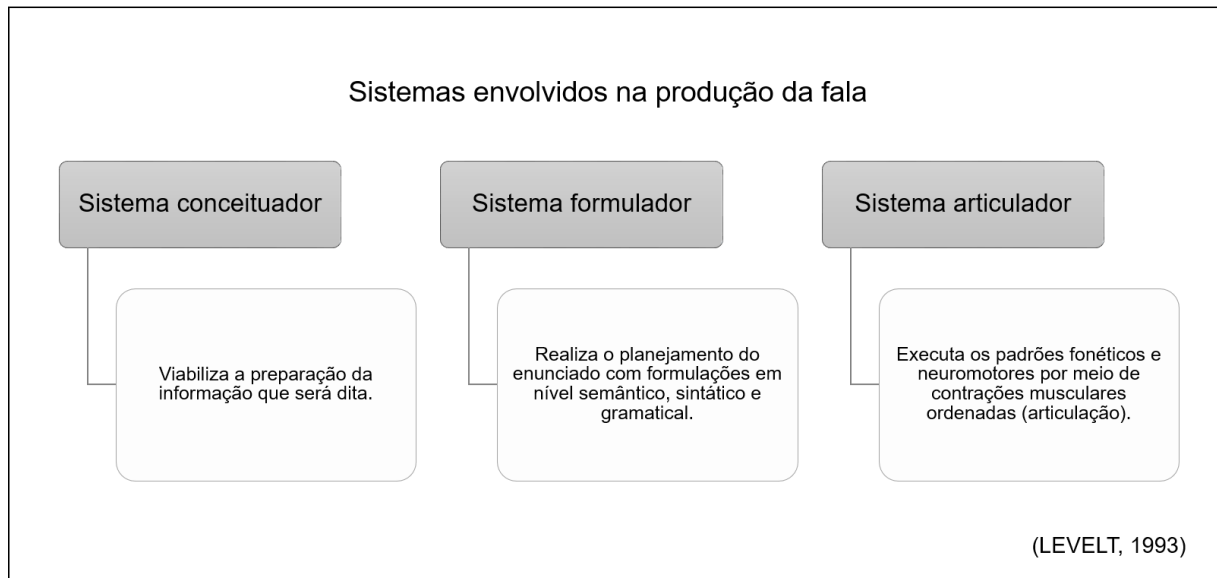
Na contribuição de se estabelecer uma definição, Merlo (2006) propõe uma definição operacional para fluência:

Fluência é uma habilidade linguística que resulta do acoplamento entre fatores que auxiliam a continuidade textual, como: hesitações, reformulações, pausas fluentes, taxa de elocução, facilidade de emissão, habilidade gramatical e complexidade semântica. É um conceito utilizado em língua materna, segunda língua e língua estrangeira. É suscetível a alterações, como ocorre nas gagueiras, taquilalia, taquifemia e afasias (MERLO, 2006, p. 31).

Para que haja a produção da fala, aqui também entendido quanto aos aspectos da fluência, segundo Levelt (1995), é preciso haver integridade, eficiência e sincronia dos sistemas conceituador, formulador e articulador. Inicialmente o sistema conceituador viabiliza a preparação da informação que será dita; em seguida, o sistema formulador realiza o planejamento do enunciado com formulações em nível semântico, sintático e gramatical (por exemplo, na escolha semântica lexical apropriada), que será codificado em padrões fonéticos e neuromotores, executados por meio de contrações

musculares ordenadas da articulação, sob o comando do sistema motor (sistema articulador). É necessária a sincronia entre os três sistemas descritos (LEVELT, 1993), conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Sistemas envolvidos no processo de fluência



Fonte: Elaboração da autora (2021) com base em Levelt (1995).

O desenvolvimento da fluência oral apresenta importante papel no processo evolutivo da linguagem, uma vez que o ritmo e a taxa de elocução vão interferir diretamente na transmissão da mensagem (DUARTE; CRENITTE; LOPES-HERRERA, 2009).

Para Simon (2005), pode-se considerar analisar a fluência infantil a partir do momento que a criança produz expressões combinatórias de ao menos dois vocábulos, o que ocorre em torno de 1 ano e 6 meses a 2 anos de idade.

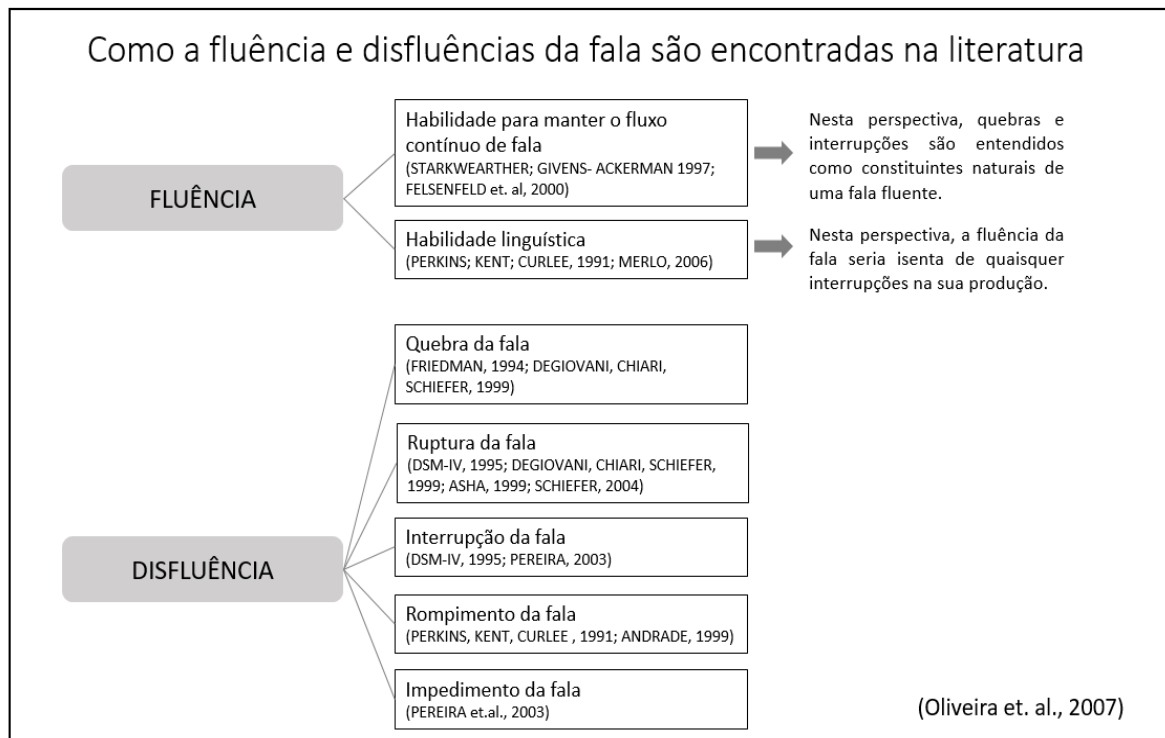
No entendimento da autora, alguns aspectos são cruciais e devem ser observados no que tange à fluência da fala, a saber: 1) continuidade de fala – diz respeito à coarticulação entre os fonemas e entre as sílabas; a capacidade que crianças apresentam em coordenar a sua produção de maneira ágil obedece a uma cronologia desenvolvimental e reflete a maturação do sistema nervoso central; 2) pausas – as pausas preenchem diferentes funções, como a respiratória, a ênfase, a separação de orações, e traduzem a pontuação de uma leitura, por exemplo. Nas crianças, assim como nos adultos, uma outra função das pausas é permitir uma reflexão discursiva

para acesso lexical; o número de pausas diminui com o aumento da velocidade de fala e com a idade; 3) velocidade – a velocidade de fala, neste trabalho considerada como taxa de elocução, é diminuída em idades tenras e aumenta gradativamente; 4) ritmo – o ritmo é um aspecto prosódico que remete à sequência de sílabas e caracteriza-se pelos parâmetros acústicos que são a duração, a altura e a intensidade vocais; o ritmo é experimentado pela criança a partir do balbúcio (de 6 a 8 meses de idade) e desenvolve-se mais veementemente em torno de 2 a 3 anos de idade, quando observam-se longas e frequentes repetições de partes de palavras na criança em pleno desenvolvimento linguístico (SIMON, 2005).

As disfluências podem ser entendidas como uma interrupção do fluxo de fala (ANDRADE, 2004a) e podem estar presentes tanto na fala considerada fluente (ASHA, 1999; MEIRA, 2009) quanto na fala alterada (ASHA, 1999). Andrade (2004) acrescenta ainda a presença de esforço e falta de suavidade na definição de disfluência. Assim, em uma fala fluente, também são esperadas disfluências (nesta tese consideradas como disfluências típicas).

Oliveira e colaboradores (2007) realizaram uma revisão de definições para os termos “fluência” e “disfluências”, conforme apresentado na Figura 2. As autoras apresentam a fluência, a partir das referências consultadas, como uma característica da fala de pouco consenso na literatura, entretanto sinalizam a disfluência como uma característica da fala mais homogênea em sua definição.

Figura 2 – Como fluência e disfluências são encontradas na literatura



Fonte: Elaboração da autora (2021) com base em Oliveira e outros (2007).

Para tentar estabelecer a “normalidade” ou a patologia das disfluências de uma fala, é realizada a avaliação da fluência. Para Andrade (2000), a avaliação da fluência é alcançada por meio da análise das tipologias das disfluências, que se relaciona com o processamento da linguagem, e por meio da velocidade de fala (nesta tese tratada como taxa de elocução), que é analisada por palavra ou sílaba por minuto.

2.1.1 A gagueira

A gagueira pode ser entendida da seguinte forma:

Stuttering is a disruption in the forward flow of speech that may be accompanied by physical tension, secondary behaviors, negative reactions to speaking situations, and difficulty communicating. Disfluency (a component of stuttering) is merely a disruption in the forward flow of speech. While all speakers have disfluencies, about one percent of the population stutters.” (ASHA, 2013, p.)

Assim, entende-se a gagueira como uma alteração do fluxo de fala com significativos componentes motores e emocionais. A gagueira, segundo Andrade, Cervone e Sassi (2003), é definida por rupturas involuntárias do fluxo da fala que provocam lentificação

na velocidade de fala e grau de rompimento acima da taxa pertinente à idade do falante.

A gagueira infantil difere-se das outras apresentações da alteração pela alta taxa de remissão espontânea (até 80 % dos casos). Essa remissão pode ser atribuída ao amadurecimento das funções neurais (estabilidade dos padrões motores, temporais e linguísticos) da fala e da linguagem. Nesse sentido, valores de referência precisos para o perfil da fluência em crianças propiciam uma avaliação confiável e norteiam o tratamento que favorece a remissão espontânea da gagueira (YAIRI; AMBROSE; NUERMANN, 1993).

As disfluências do fluxo da fala, típicas ou atípicas, dependem de um processo neurofuncional e linguístico que responde pela temporalização dos sons para a formação de palavras e sentenças (PERKINS; KENT; CURLEE, 1991; ANDRADE, 2000, 2004a, 2004b).

Para Andrade (2000, 2004a, 2004b), a fluência ou a gagueira podem ser determinadas pela tipologia das disfluências e pela velocidade de fala. Segundo Ambrose e Yairi (1999), as disfluências no fluxo da fala constituem a característica mais óbvia de gagueira e têm sido utilizadas para descrever, definir e medir tal distúrbio. Para Simon (2005), o período de maior desenvolvimento da linguagem (de 2 a 5 anos) é o mesmo período de maior manifestação da gagueira. Já a relação da alteração da fluência com o sexo da criança é de três meninos para uma menina (YAIRI; AMBROSE, 1993).

Logo, é evidente a importância de conhecer o perfil de fluência típica de uma variedade linguística a fim de favorecer a práxis fonoaudiológica na intervenção avaliativa, diagnóstica e terapêutica em fluência da fala.

Este trabalho baseou-se nos preceitos de Andrade (2000, 2004b, 2006) para estabelecer a fluência da fala: medida temporal da fala (taxa de elocução) e as disfluências da fala, que são apresentadas nas duas próximas seções.

2.2 DISFLUÊNCIAS DA FALA

Antes de iniciar esta seção, é importante resgatar que uma fala fluente apresenta disfluências. Assim, a disfluência em si não é um problema ou alteração, mas sim sua tipologia associada ao percentual de manifestação na fala que pode caracterizar gagueira, por exemplo. Andrade (2012) define disfluência como:

Rupturas involuntárias do fluxo de fala; comuns a todos os falantes em maior ou menor grau; passíveis ou não de recuperação espontânea e imediata. Podem ser de dois tipos: disfluências comuns (hesitações, interjeições, revisões, palavras não terminadas, repetições de frase) e disfluências gags (3 ou mais repetições de sons e/ou sílabas e/ ou palavras, prolongamentos, bloqueios, pausas (ANDRADE, 2012, p. 108).

Para este trabalho, utilizaremos os termos disfluências típicas e atípicas. A classificação de cada disfluência, bem como sua descrição e exemplo, estão expostos no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipologia das disfluências típicas e atípicas

Disfluências típicas	Descrição	Exemplo
Hesitação	Pausa curta (1 a 2 segundos), quando a criança parece estar procurando a palavra e/ou há prolongamento de vogais usuais.	É..., ã... hum...
Interjeição ²	Inclusão de sons, palavras ou frases, sem sentido ou irrelevantes, no contexto da mensagem.	Tá, né, assim, como, você sabe, daí etc.
Revisão	Mudança no conteúdo, na forma gramatical da mensagem ou na pronúncia da palavra.	Ela ele pode vir aqui? ele viu, comeu todo o doce/
Palavra não terminada	Palavra que é abandonada, não terminada, posterior e usualmente é seguida por uma revisão. Ocasionalmente pode não ser.	João ganhou uma bici, João ganhou um carrinho legal. Eu fui para o Gua no fim de semana.
Repetição de palavra	Repetição de uma palavra inteira, incluindo-se monossílabos, preposições e conjunções	Eu eu preciso de uma caneta/ Que que horas são?
Repetição de segmentos	Repetição de pelo menos duas palavras completas na mensagem.	Que dia, que dia bonito!
Repetição de frase	Repetição de uma frase já expressa.	Hoje eu acordei cedo. Hoje eu acordei cedo.
Disfluências atípicas		
Repetição de sílaba	Repetição de uma sílaba inteira ou de uma parte da palavra.	Eu quero a bababababanana O poporporco é feio
Repetição de som	Repetição de um fonema ou do elemento que compõe a palavra.	Você quer s s s s suco?
Prolongamento	Duração inapropriada de um fonema ou de um elemento de um ditongo que pode ou não estar acompanhado por características qualitativas da fala.	Issssso é meu? Ssssaí daí
Bloqueio	Tempo inapropriado para iniciar um fonema ou à liberação de uma posição articulatória fixa.	Boca aberta antes de iniciar a emissão ou tremores faciais antes da emissão etc.
Pausa	Interrupção do fluxo da fala pelo rompimento temporal da sequência podendo ou não estar associada a características qualitativas.	Mais de 2 segundos para realizar a conexão dos elementos.
Intrusão	Produção de sons ou cadeias de sons não pertinentes ao contexto inter ou intrapalavras.	

Fonte: Andrade (2012).

² Optamos por manter o termo “interjeição” neste quadro para facilitar o entendimento da comunidade fonoaudiológica. Entretanto, propomos termos substitutos para esses marcadores conversacionais.

As disfluências são parâmetros fundamentais para definir, descrever e medir o grau de disfluências na fala do indivíduo, sendo crucial o seu estudo para distinguir as disfluências simples daquelas que possam ser indicativas de gagueira (LAMÔNICA; BRITTO, 2017).

2.2.1 Marcadores conversacionais

Ao analisarmos a maneira como as tipologias das disfluências são apresentadas, deparamos com um impasse linguístico teórico importante acerca do conceito e do uso de algumas disfluências, principalmente as típicas.

A tipologia do tipo “interjeição”, conforme se apresenta descrita por Andrade (2000; 2004b; 2006), nos remete à ideia mais voltada para marcadores conversacionais do que interjeição propriamente dita. O livro *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara [1999]/(2009), define as interjeições como

[...] expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir outras unidades complexas (BECHARA, 2009, p. 331)

O autor classifica as interjeições em quatro tipos:

1. Vocalizações que na escrita precedem o uso do ‘h’, como em “Oh!”, “hum!”, “ah!”, entre outras.
2. Palavras já utilizadas no idioma com contorno melódico exclamativo, como em “puxa!”, “bravo!”, entre outras.
3. Palavras que reproduzem ruídos de animais ou de objetos, como em “tic - tac”, “pum!”, entre outras; aqui, o autor parece se referir a onomatopeias.
4. Locuções interjetivas (um grupo de palavras com valor de interjeição) como em “ai de mim!”, “valha-me Deus!”, “cruz credo!”, entre outras (BECHARA, 2009).

Após a explanação do que configura interjeição, entendemos que o termo utilizado por Andrade (2000, 2004b, 2006) não se aproxima do conceito gramatical. No entanto, os atributos linguísticos empregados nas disfluências típicas mais se aproximam com os marcadores discursivos.

Os marcadores conversacionais ou marcadores discursivos são elementos linguísticos que têm conceitos e definições heterogêneas que aguçam muita discussão teórica. Oliveira e Silva e Macedo (1996, p.) apresentaram suas reflexões acerca dos marcadores conversacionais e caracterizaram como marcador “[...] qualquer partícula ou expressão que ajuda a arrumar o que se quer dizer”. As autoras apontam que é difícil delimitar se as expressões inteiras são consideradas marcadores ou se apenas alguns elementos.

No livro *Análise de textos orais*, Urbano (1995) dedicou um capítulo para discutir tal elemento e definiu os marcadores discursivos:

Os marcadores conversacionais são elementos linguísticos que estruturam o texto, considerado não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Ou seja, são recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso (URBANO, 1995, p. 99).

Oliveira e Silva e Macedo (1996) propuseram uma classificação dos marcadores conversacionais com a finalidade de contribuir para os estudos desses elementos linguísticos. Para exemplificar os tipos de marcadores conversacionais propostos por Oliveira e Silva e Macedo (1996) e a comparação com a classificação das tipologias das disfluências proposta por Andrade (2000, 2004b, 2006), mais especificamente as hesitações e as interjeições, foi elaborado o Quadro 2, apresentado a seguir.

Quadro 2 - Tipos de marcadores conversacionais e a comparação com a classificação das tipologias das disfluências

Continua

Classificação do marcador de acordo com Oliveira e Silva e Macedo (1996)	Definição de Oliveira e Silva e Macedo (1996)	Exemplo e Aplicação	Classificação das disfluências de Andrade (2000, 2004b, 2006)
Iniciadores	Iniciam turnos, podendo também introduzir o discurso direto.	Ah, bom, bem, não, olha, ih, espera. Aplicação: <i>Olha</i> , eu em questão de cozinha eu gosto de fazer tudo.	Não é sinalizada a classificação desse tipo de marcador.

Continua

Classificação do marcador de acordo com Oliveira e Silva e Macedo (1996)	Definição de Oliveira e Silva e Macedo (1996)	Exemplo e Aplicação	Classificação das disfluências de Andrade (2000, 2004b, 2006)
Requisito de Apoio Discursivo (RAD)	Usado para se certificar da atenção do interlocutor, ocorrendo, na grande maioria das vezes no final do enunciado.	Né? ,Tá?, Sabe?, Entendeu?, Viu? Não é mesmo? Aplicação: E de vez em quando ele é chato e precisa de correção, <i>né?</i>	“Né?” e “Tá?” são sinalizados como interjeição.
Redutores	Evitam uma postura assertiva ou autoritária do locutor.	Eu acho, pô, sei lá. Aplicação: Mas não fico muito assim, <i>sei lá</i> , confiante não.	Não é sinalizada a classificação deste tipo de marcador.
Esclarecedores	Tentar resumir ou retomar com maior clareza parte do discurso.	Quer dizer, isto é, deixa eu ver, (xovê). Aplicação: Meu filho não está preocupado com a vida, e tal. <i>Quer dizer</i> , eu acho que ele...	Não é sinalizada a classificação deste tipo de marcador.
Preenchedores de pausa	Evitam o silêncio enquanto um novo trecho de fala está sendo preparado.	Assim, bem, hããã, ééé. Aplicação: <i>Éééé</i> , eu acho que tirei carteira com vinte anos.	“Hãããã” e “éééé” são sinalizados como hesitação.
Sequenciadores	Marcam sequência no discurso.	Aí, então, depois. Aplicação: Ele foi lá <i>aí</i> jogou água em todo mundo, <i>aí</i> quando todo mundo tava molhado...	“Aí” é sinalizado como interjeição.
Resumidores	Encerram uma lista de itens e resumem o que se considera ser o conhecimento do interlocutor.	Essas coisas, e tal, coisa e tal, e tudo, papapá, bababá, tatatá. Aplicação: Aí vem os filho, atura isso, aquilo, <i>papapá</i> , <i>bababá</i> , é isso aí.	Não é sinalizada a classificação deste tipo de marcador.

Classificação do marcador de acordo com Oliveira e Silva e Macedo (1996)	Definição de Oliveira e Silva e Macedo (1996)	Exemplo e Aplicação	Classificação das disfluências de Andrade (2000, 2004b, 2006)
Argumentadores	Iniciam argumentação, geralmente contrária ao discurso precedente.	Agora, não, não mas, é mas, sim mas, eu pra mim. Aplicação: <i>Eu pra mim</i> , a Odila é que tá errada.	Não é sinalizada a classificação deste tipo de marcador.
Finalizadores	Dão um fecho ao turno de um falante.	Então tá, é isso aí, tudo bem. Aplicação: ... e o carro está tudo legal. <i>É isso aí</i> .	Não é sinalizada a classificação deste tipo de marcador.

Fonte: Elaboração da autora (2021) com base em Oliveira e Silva e Macedo (1996).

No Quadro 2, podemos verificar que os marcadores conversacionais classificados como Requisito de Apoio Discursivo (RAD) e sequenciador (OLIVEIRA E SILVA; MACEDO, 1996) são denominados por Andrade (2000, 2004b, 2006) como disfluências típicas de interjeição. Outra diferença é percebida na classificação do marcador conversacional preenchedores de pausa (OLIVEIRA E SILVA; MACEDO, 1996) tratado por Andrade (2000, 2004b, 2006) como hesitação, porém aqui com a mesma definição.

2.2.2 Aí, né

Como os marcadores conversacionais “RAD” e “sequenciador” foram as classificações que destoaram das apresentadas por Andrade (2000, 2004b, 2006), vamos falar um pouco mais sobre eles.

Os Requisitos de Apoio Discursivo (RAD) são considerados marcadores conversacionais de maior frequência, pesquisados desde os anos 80, e parecem ter a função principal de “manter o fluxo da conversa e a harmonia entre os participantes” (OLIVEIRA E SILVA; MACEDO, 1996 p. 17). As autoras ainda sinalizam que o RAD é mais comentário realizado em turnos de fala mais longos, na tentativa do falante de manter uma interação, uma espécie de devolutiva, consentimento e apoio do

interlocutor; paralelamente as autoras questionam a função do RAD de meramente marcar o ritmo de fala e indicam que não são vícios da linguagem; pelo contrário, os RAD estão sistematizados na gramática e no discurso (OLIVEIRA E SILVA; MACEDO, 1996, p. 26). Aqui, refletimos que talvez marcar o ritmo seja uma função da interação do falante com o interlocutor.

Oliveira e Silva e Macedo (1996) inferem que o marcador “aí” foi classificado como sequenciador por sua função de conectivo temporal ou aditivo. Ele pode substituir parcialmente a conjunção “e” e organizar os discursos, bem como indicar sequências temporais e recurso linguístico auxiliar para a mudança de assunto. As autoras concluem que sequenciador “aí” não é um vício da linguagem, mas usado de maneira “previsível e sistemática” pelo falante para “suprir suas necessidades na conversação” (OLIVEIRA E SILVA; MACEDO, 1996, p. 32).

É importante destacar que, na prática clínica cotidiana, a Fonoaudiologia considera esses marcadores conversacionais como fenômenos comuns na língua e presentes no desenvolvimento típico. O que consideramos “inadequado” ou como “alteração” é o uso demasiado dos marcadores discursivos a ponto de impedir ou dificultar a transmissão da informação.

Neste trabalho há o entendimento de que interjeição, como determinada por Andrade (2000, 2004b, 2006), não seja a interjeição gramatical, desta forma, optamos por adotar e propor o termo “Marcadores de Apoio e Sequenciadores” (MAS).

“MAS” (Marcadores de Apoio e Sequenciadores) é a aglutinação dos marcadores conversacionais do tipo RAD (né, tipo assim, etc.) com o marcador do tipo sequenciador (aí) e será utilizado nesta tese para favorecer o entendimento da comunidade fonoaudiológica e também para comparações de resultados encontrados. Todavia, em pesquisas futuras propomos a distinção dos mesmos conforme preconizado pelos autores supracitados Oliveira e Silva e Macedo (1996).

2.3 MEDIDAS TEMPORAIS DA FALA: TAXA DE ELOCUÇÃO E DE ARTICULAÇÃO

Explicar os aspetos temporais que envolvem a produção da fala não é uma tarefa simples vista a vasta diversidade metodológica de coleta e análise desses aspectos.

Além disso, por se tratar de um fenômeno dinâmico, a manifestação dos aspectos temporais da fala pode variar, inclusive, pela intenção comunicativa do falante.

Duas medidas que são comumente associadas aos aspectos temporais da fala são a taxa de elocução (TE) e taxa de articulação (TA).

As medidas temporais da fala podem ser entendidas como fatores não linguísticos que compreendem a duração dos elementos linguísticos da fala (LAVÉ, 1995). As principais medidas temporais da fala são a taxa de elocução e taxa de articulação.

A TE, também conhecida como tempo de fala ou velocidade de fala, é classificada por Laver (1995) como *“speaking rate was defined as the number of syllables per second including filled and silent pauses”*, ou seja, a taxa de elocução é definida com o número de sílabas por segundo, incluindo pausas preenchidas e silenciosas.

Gonçalves (2013) reflete acerca da taxa de elocução como fenômeno dinâmico e destaca a dificuldade metodológica na mensuração do objeto, o que dificulta a comparação dos resultados encontrados em pesquisas. A autora adverte para a diferença entre TE e TA e resume suas pesquisas terminológicas e conceituais acerca dessas medidas, conforme o Quadro 3.

Além das medidas temporais da fala, outro fator que merece ser destacado é a incongruência nas unidades linguísticas utilizadas em pesquisa de medidas temporais da fala que podem variar em palavras, sílabas ou fonemas (COSTA; MARTINS-REIS; CELESTE, 2016; GONÇALVES, 2013).

Quadro 3 – Terminologia e conceitos relativos às duas principais medidas do tempo de fala

Taxa de elocução (<i>“speech rate”</i> , <i>“speaking rate”</i> , <i>“syllable rate”</i>)	Número de unidades linguísticas constantes em um intervalo de fala dividido pela duração desse intervalo. Considera todo material vocal, linguístico e não linguístico, além das pausas (silenciosas e preenchidas) e de outras interrupções na fluência (JESSEN, 2007; LAVÉ, 1995). É medida tanto global (no texto oral integral) como localmente (em um intervalo de fala menor que o texto oral integral).
Taxa de articulação	Número de unidades linguísticas constantes em um intervalo de fala pausa-excludente dividido pela duração desse intervalo. Há consenso quanto à exclusão das pausas silenciosas, mas controvérsia quanto à consideração (LAVÉ, 1995; MILLER <i>et al.</i> , 1984; ROBB <i>et al.</i> , 2004; TSAO; WEISMER, 1997; VERHOEVEN <i>et al.</i> , 2004) ou não

	(DANCOVIČOVÁ, 1997, 2001; JACEWICZ <i>et al.</i>, 2009; JESSEN, 2007; KÜNZEL, 1997) das pausas preenchidas e da fala disfluente. Também pode ser medida global e localmente. É alternativamente definida com base na duração média das sílabas, obtida por meio da divisão da duração do intervalo de fala pelo número total de sílabas (CRYSTAL ; HOUSE, 1990; MILLER <i>et al.</i>, 1984; QUENÉ, 2008).
--	---

Fonte: Gonçalves (2013).

Para Andrade (2004b), o enunciado medido em palavras por minuto expressa a produção da informação; já em sílabas por minuto expressa a taxa de elocução. Por outro lado, podemos pensar nas medidas temporais da fala conforme apresentado por Costa, Martins-Reis e Celeste (2016, p. 42).

[...] tempo de elocução (duração total de um determinado enunciado), tempo de pausas (duração total dos espaços de silêncio no discurso) e tempo total de articulação (que é a duração resultante da subtração do tempo de pausas do tempo total de elocução)” (COSTA; MARTINS-REIS; CELESTE, 2016, p. 42).

Logo, a TA se refere estritamente à produção fluente e hesitativa (excluem-se pausas silenciosas e sons não fônicos, como risos, tosse e pigarro), e a TE refere-se a todo o material linguístico produzido em dado espaço de tempo (MERLO, 2006).

A proposta desta seção é apresentar pesquisas que utilizaram as medidas temporais da fala (taxa de elocução e articulação). Foram selecionados 15 trabalhos e analisados quanto aos aspectos metodológicos no que tange às características da amostra, ao método utilizado para coleta de dados, ao objetivo do estudo e ao local de realização (Quadro 4).

Quadro 4 – Aspectos metodológicos dos estudos de medidas temporais da fala

Referência do artigo	Título	Objetivo do Estudo	Tipo de estudo	Características da Amostra		Método utilizado para coleta	Local do estudo
				Sexo	Idade		
Barbosa, 2007	Análise e modelamento dinâmicos da prosódia do português brasileiro	Justificar o emprego de construtos-chave das teorias de sistemas dinâmicos (doravante TSD), para o estudo científico da prosódia da fala	Estudo experimental	4 M	20 a 30 anos	Leitura de História Infantil	São Paulo, SP
Meireles e Barbosa, 2009	O papel da taxa de elocução nos processos dinâmicos de mudança linguística	Investigar o provável papel da taxa de elocução nas mudanças diacrônicas de proparoxítonas a paroxítonas	Análise descritiva transversal (*)	N: 8(**)	20 a 30 anos	Palavras inseridas em uma frase	São Paulo, SP e Belo Horizonte, MG
Folha e Felício, 2009	Relações entre idade, porcentagem de consoantes corretas e velocidade de fala	Analisar e comparar o desempenho de crianças, de acordo com a faixa etária, quanto ao índice de porcentagem de consoantes corretas (PCC) e medidas de velocidade de fala, bem como determinar a relação entre essas variáveis	Análise descritiva transversal (*)	103 F 97 M	6 a 12 anos	Teste de Linguagem Infantil ABFW (imitação e nomeação) e repetição de palavras faladas	São Paulo, SP
Arcuri e outros, 2009	Taxa de elocução de fala segundo a gravidade da gagueira	Comparar as taxas de elocução de indivíduos com diferentes gravidades de gagueira	Análise descritiva transversal (*)	3 F 3 M	22 a 35 anos	Fala espontânea e leitura	São Paulo, SP
Wertzner e Silva, 2009	Velocidade de fala em crianças com e sem transtorno fonológico	Comparar o desempenho de crianças, com e sem transtorno fonológico, em diferentes tarefas de velocidade de fala	Análise descritiva transversal (*)	N: 40(**)	4 a 11 anos	Duas provas de imitação	São Paulo, SP
Silva, 2010	Estudo sociofonético de variações rítmicas no dialeto capixaba	Investigar a realização rítmica de indivíduos com escolaridade média e	Análise descritiva transversal (*)	2 F 2 M	13 a 22 anos	Enunciados previamente escolhidos	Vila Velha, ES

fundamental da comunidade linguística do bairro Vila Garrido							
Andrade e Martins, 2010	Variação da fluência da fala em idosos	Verificar o perfil da fluência da fala em idosos em diferentes parâmetros	Análise descritiva transversal (*)	N 128*** 89 F 39 M	60 – 99 anos	Fala espontânea	São Paulo, SP
Celeste e Reis, 2013	Expressão de certeza e dúvida na gagueira: estudo dos aspectos temporais da fala	Examinar o papel da organização temporal do discurso na expressão das atitudes de certeza e dúvida em grupo de adultos com gagueira, comparando-a em um grupo de adultos fluentes	Análise descritiva transversal (*)	24 M	20 – 40 anos	10 frases chave de dúvida e de certeza	Belo Horizonte, MG
Oliveira, Fiorin, Nogueira e Laroza, 2013	Perfil da fluência: análise comparativa entre gagueira desenvolvimental Persistente Familiar e isolada	Avaliar e comparar a fluência de indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente familiar e de indivíduos com Gagueira Desenvolvimental Persistente Isolada, caracterizando a tipologia das disfluências, a porcentagem de disfluências, a taxa de elocução e a gravidade da gagueira	Estudo experimental e transversal com comparação entre grupos	7 F 33 M	6 – 42 anos	Fala espontânea	Marília, SP
Oliveira, Broglio, Bernardes e Capellini, 2013	Relação entre taxa de elocução e descontinuidade da fala na taquifemia	Correlacionar a taxa de elocução com as rupturas da fluência em pessoas com taquifemia e comparar com pessoas sem taquifemia	Análise descritiva transversal (*)	8 F 6 M	8 – 40 anos	Figura como estímulo visual	Marília, SP
Gonçalves, 2013	Taxa de elocução e de articulação em corpus forense do português brasileiro	Estabelecer o potencial individualizante da TE e da TA, visando à incorporação das taxas temporais ao conjunto de parâmetros	Estudo observacional correlacional retrospectivo	2 F 5 M	14 – 31 anos	Fala espontânea em situação de diálogo	Rio Grande do Sul, RS

técnico-comparativos utilizados na perícia de CL, assim como verificar a relação existente entre tais taxas e as variáveis independentes idade, sexo, escolaridade, gap temporal, tipo de gravação e tamanho do intervalo de fala.							
Castro e outros, 2014	Perfil de fluência: comparação entre falantes do português brasileiro e do português europeu	Comparar a fluência de fala de falantes do português brasileiro com a de falantes do português europeu	Análise descritiva transversal (*)	N: 76(**)	18 – 29 anos	Fala espontânea	Belo Horizonte, MG e Faro, Portugal
Novaes, Nicolielo-Carrilho e Lopes-Herrera, 2015	Velocidade e fluência de fala em crianças com distúrbio fonológico	Verificar e descrever a velocidade e fluência de fala de crianças com Distúrbio Fonológico (DF) com e sem intervenção fonoaudiológica	Análise descritiva transversal (*)	N: 30(***)	5 – 8 anos	Fala espontânea produzida em interação com adultos em situação lúdica	São Paulo, SP
Costa, Martins-Reis e Celeste, 2016	Metodologias de análise da velocidade de fala: um estudo piloto	Descrever o desempenho de adultos fluentes em diferentes medidas de velocidade de fala	Estudo observacional analítico transversal	13 F, 11 M	18 – 59 anos	Figura como estímulo visual	Belo Horizonte, MG
Gonçalves, 2017	Taxa de elocução e taxa de articulação em <i>corpus</i> utilizado na perícia de Comparação de Locutores	Verificar a taxa de elocução (TE) e de articulação (TA), bem como a adequação do uso dessas medidas temporais na perícia de Comparação de Locutores	Estudo observacional correlacional retrospectivo (*)	2 F, 5 M	14 – 31 anos	Fala espontânea produzida em conversação	Rio Grande do Sul, RS

N= número amostral; M= masculino; F= feminino. (*)Tipo de estudo considerado após a leitura do texto. (**) Sexo não informado (***)Resultado baseado em cálculo.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

2.3.1 Considerações sobre as características das amostras e métodos dos estudos sobre TE e TA

Em relação ao tamanho da amostra, o estudo com maior número amostral, realizado por Folha e Felicio (2009), incluiu 200 indivíduos, já os artigos com menor amostra, realizados por Barbosa (2007) e Silva (2010), incluíram 4 (quatro) indivíduos. Não foi possível realizar comparações entre os estudos no que diz respeito às faixas etárias das amostras, pois apresentaram grande variabilidade de idade (de 4 a 99 anos), contudo pode-se perceber uma predominância na pesquisa com adultos.

Silva (2010), no trabalho intitulado *Estudo sociofonético de variações rítmicas no dialeto capixaba*, apresentou experimento de taxa de elocução como nesta tese, entretanto foi utilizada a unidade vogal-vogal em três taxas (lenta, normal e rápida) não abordando, portanto, a fala em seu uso cotidiano. De maneira semelhante, Barbosa (2007) realizou estudo com a análise da leitura de texto. Ambos utilizaram tais metodologias porque precisaram controlar as variáveis linguísticas analisadas.

As pesquisas, de uma maneira geral, apresentam maior enfoque nos distúrbios (taquifemia, gagueira e distúrbio fonológico), como os realizados por Arcuri e colaboradores (2009), Wertzner e Silva (2009), Celeste e Reis (2013), Oliveira e colaboradores (2013) e Novaes, Nicolielo-Carrilho e Lopes-Herrera (2015). No entanto, a avaliação da fluência fornece importantes parâmetros sobre a efetividade da linguagem (ANDRADE, 2000), por isso há a necessidade de se investigar o desenvolvimento típico e não apenas as alterações.

Os estudos realizados na Região Sudeste, mais precisamente no estado de São Paulo, foram maioria entre os artigos selecionados, seguidos da Região Sul do Brasil, demonstrando um déficit de estudo nas outras regiões do país.

Quanto aos tipos de estudos, foi predominante a análise descritiva transversal, entretanto essa metodologia pode não atribuir precisão aos resultados, já que a avaliação é realizada em um único recorte de momento. Segundo Andrade (2012), a fluência é uma habilidade multifacetada que varia dependendo do dia, das emoções e do tema de conversação.

Após a apreciação desses artigos, observou-se que sete estudos (ARCURI *et al.*, 2009; ANDRADE; MARTINS, 2010; OLIVEIRA *et al.*, 2013; GONÇALVES, 2013; NOVAES *et al.*, 2015; GONÇALVES, 2017) utilizaram a fala espontânea como o método para coleta, sendo considerada primordial, já que a coleta de fala sem um roteiro prévio favorece a compreensão do desenvolvimento e da variabilidade de fala (LENNES; ALAROUTO; VAINIO, 2001). As medidas temporais de fala TA e TE, encontradas nos estudos, podem ser observadas nos Quadros 5 e 6 a seguir, divididas em pessoas típicas e atípicas, respectivamente:

Quadro 5 – Média/ valores absolutos de TE e TA encontrados nos estudos com sujeitos com desenvolvimento típico

Artigo	Taxa de Elocução	Taxa de Articulação
Barbosa, 2007	(1)	(2)
Meirelles e Barbosa, 2009	Homens: 348 sil/min ⁽⁴⁾⁽⁵⁾ Mulheres 312 sil/min ⁽⁴⁾⁽⁵⁾	(2)
Folha e Felicio, 2009	GI = 1,28, GII = 1,37, GIII = 1,47 (2)(3)	
Andrade e Martins, 2010	60 anos: 118,4 sil/min 70 anos: 111,38 sil/min 80 anos: 102,92 sil/min 90 anos: 99,67 sil/min	(2)
Gonçalves, 2013	316,2 sil/min ⁽⁴⁾	371,4sil/min ⁽⁴⁾
Costa, Martins-Reis e Celeste, 2016	18 a 29 anos: 196,17 sil/min 30 a 39 anos: 179,33 sil/min 40 a 49 anos: 146,33 sil/min 50 a 59 anos: 158,33 sil/min Média: 170,04 sílabas por minuto	18 a 29 anos: 212,50 sil/min 30 a 39 anos: 209,00 sil/min 40 a 49 anos: 160,17 sil/min 50 a 59 anos: 177,50 sil/min Média: 180,88 sílabas por minuto
Gonçalves, 2017	316,2 sil/min ⁽⁴⁾	371,4sil/min ⁽⁴⁾

(1) O artigo relata a evolução da taxa de elocução nas diversas frases, no entanto não expõe valores.

(2) Não informado.

(3) O presente artigo trata da velocidade de fala, não separando taxa de elocução de taxa de articulação.

(4) Resultados transformados de segundo para minuto.

(5) Resultado médio das velocidades rápida, lenta e normal.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Quadro 6 – Média de TE e TA encontradas nos estudos com sujeitos com alteração na fala

Artigo	Objetivo	Taxa de Elocução	Taxa de Articulação
Arcuri e outros, 2009	Comparar as taxas de elocução de indivíduos com diferentes gravidades de gagueira	Grau Leve – 0,57 pal/min Grau Moderado – 0,62 pal/min Grau Grave – 1,20 pal/min ⁽¹⁾	(2)
Wertzner e Silva, 2009	Comparar o desempenho de crianças, com e sem transtorno fonológico, em diferentes tarefas de velocidade de fala	Sentença curta: Grupo Controle: 292,8 sil/min Grupo com Transtorno Fonológico: 262,2 sil/min ⁽¹⁾ Sentença longa: Grupo Controle: 370,2 sil/min Grupo com Transtorno Fonológico: 331,8 sil/min ⁽¹⁾	(2)
Celeste e Reis, 2013	Examinar o papel da organização temporal do discurso na expressão das atitudes de certeza e dúvida em grupo de adultos com gagueira, comparando-a em um grupo de adultos fluentes	Declarativa - 352,8 sil/min Interrogativa – 376,2 sil/min Certeza – 368,4 sil/min Dúvida 1 – 221,4 sil/min Dúvida 2 – 336 sil/min ⁽¹⁾	Declarativa – 352,8 sil/min Interrogativa – 376,2 sil/min Certeza – 368,4 sil/min Dúvida 1 – 259,2 sil/min Dúvida 2 – 370,8 sil/min ⁽¹⁾
Oliveira, Fiorin, Nogueira e Laroza, 2013,	Avaliar e comparar a fluência de indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente familiar e de indivíduos com Gagueira Desenvolvimental Persistente Isolada, caracterizando a tipologia das disfluências, a porcentagem de disfluências, a taxa de elocução e a gravidade da gagueira	Gagueira desenvolvimental: 177,88 sil/min Gagueira isolada: 168,56 sil/min	(2)
Oliveira, Broglio, Bernardes e Capellini, 2013	Correlacionar a taxa de elocução com as rupturas da fluência em pessoas com taquifemia e comparar com pessoas sem taquifemia	Com taquifemia: 295,28 sil/min Sem taquifemia: 247,62 sil/min	(2)
Castro e outros, 2014	Comparar a fluência de fala de falantes do português brasileiro com a de falantes do português europeu	Brasileiro: 211,2 sil/min ⁽³⁾ Português: 213,5 sil/min	(2)
Novaes, Nicolielo-Carrilho e Lopes-Herrera, 2015	Verificar e descrever a velocidade e fluência de fala de crianças com Distúrbio Fonológico (DF) com e sem intervenção fonoaudiológica	Grupo com DF em terapia: 120,11sil/min Grupo com DF sem terapia: 110,21 sil/min Grupo controle: 146,59 sill/min	(2)

DF: Distúrbio Fonológico

⁽¹⁾ Resultados transformados de segundo para minuto⁽²⁾ Não foi pesquisada⁽³⁾ Taxa referente a amostra de Belo Horizonte (português brasileiro).

Fonte: Elaboração da autora (2021).

2.3.2 Considerações sobre as medidas de TE e TA

Não foi possível classificar as taxas quanto à sua velocidade (rápida ou lenta) e acredita-se que essa impossibilidade esteja justificada pelos aspectos socioculturais dos sujeitos (LAVER, 1995) e métodos de coleta, uma vez que a análise das taxas apresenta-se clara nos estudos.

Quando as TE e TA são comparadas entre os estudos com indivíduos com desenvolvimento típicos e estudos com indivíduos com alteração, percebe-se uma grande diferença nos valores, com as menores taxas encontradas em indivíduos com desenvolvimento típico (ANDRADE; MARTINS, 2010).

Nos estudos que apresentaram o valor para TE e TA (CELESTE; REIS, 2013; COSTA; MARTINS-REIS; CELESTE, 2016; GONÇALVES, 2013; GONÇALVES, 2017), as médias da taxa de elocução são menores do que as da taxa de articulação, condição prevista na literatura e atribuída à maior duração do intervalo de fala, provocada pelas pausas e eventos de disfluências constantes na fala (GONÇALVES, 2017). Na maioria dos estudos, a TA não é investigada, analisando somente a TE.

Pode-se aferir, pela literatura selecionada para compor esta seção, que os valores das taxas encontradas variam. Tal fato pode estar relacionado às questões culturais, sociais e econômicas, regionais e de coleta de dados, já que a fluência pode ser entendida por um ângulo multifacetado (MERLO, 2006).

2.4 AVALIAÇÕES DE FLUÊNCIA DA FALA

O objetivo desta seção é apontar os instrumentos que são utilizados nas pesquisas de fluência da fala no Brasil. Para isso, foram selecionadas 21 publicações acerca das avaliações da fluência e os instrumentos utilizados.

Os 21 artigos estão apresentados no Quadro 7, que especifica a data de publicação, o título, o objetivo, os instrumentos utilizados, a amostra e os autores. Destaca-se que apenas um dos artigos (ANGRISANI *et al.*, 2009) não aponta como foi realizada a avaliação da fluência da fala e que os demais demonstram certa variação quanto aos instrumentos empregados na avaliação da fluência.

O instrumento americano *Stuttering Severity Instrument* (SSI) foi utilizado em 76% dos artigos, ou seja, 16 do total de trabalhos selecionados para essa revisão. O SSI afere o grau de severidade da gagueira, a frequência e a duração das disfluências atípicas, como também a intensidade dos concomitantes físicos (movimentos da face, corpo e intrusão de sons não verbais). O instrumento classifica a gagueira como muito leve, leve, moderada, severa e muito severa (RILEY, 1994).

Os instrumentos elaborados por Claudia Regina Furquim de Andrade são utilizados em 14 artigos, ou seja, em 66% do total de artigos pesquisados, de modo concomitante ao SSI ou de maneira separada. Desse total, seis artigos utilizam o Perfil de fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos (ANDRADE, 2006), e oito artigos utilizam o teste de fluência do ABFW (ANDRADE, 2000; 2004a). Esses dados demonstram a relevância das produções de Andrade no cenário clínico e de pesquisa nacional.

A proposta pioneira de Andrade com a criação de um instrumento para averiguar a fluência da fala composto no ABFW (ANDRADE; BEFI-LOPES; FERNANDES; WERTZNER, 2000, 2004) em 2000 foi revisada e atualizada em 2004 com a segunda edição do protocolo, agora com valores encontrados nas pesquisas e tidos como padrão de normalidade. Posteriormente, em 2006, com os resultados mais robustos das pesquisas, houve a publicação do Perfil de fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos agora, com apresentação do Protocolo para coleta de amostra de fala (PCAF) que segue o mesmo modelo apresentado anteriormente nas edições do teste de fluência do ABFW (ANDRADE; BEFI-LOPES; FERNANDES; WERTZNER, 2000, 2004). O teste de linguagem infantil está exposto no próximo subtópico da seção.

Das 21 pesquisas selecionadas para análise, verifica-se que 8 estudos incluíram em sua amostra sujeitos fluentes, um dos quais (COSTA; MARTINS-REIS; CELESTE, 2016) foi realizado em sua totalidade com indivíduos fluentes; 5 estudos foram de caso controle com indivíduos com gagueira e fluentes (ANDRADE *et al.*, 2008a; FIORIN *et al.*, 2015; REGAÇONE *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2016; FURINI *et al.*, 2017), um estudo com indivíduos fluentes e parkinsonianos (JUSTE; ANDRADE, 2017) e um estudo com indivíduos fluentes e taquifêmicos (PERRUCINI *et al.*, 2017).

Os estudos evidenciam a importância das pesquisas que envolvem sujeitos com desenvolvimento típico (fluentes), inclusive para fomentar características clínicas patológicas, efeito de abordagens terapêuticas e de metodologias e avaliação da fluência.

Quadro 7 – Artigos científicos com descrição dos instrumentos de avaliação da fluência

Nº	Referência	Título	Objetivo	Instrumentos utilizados nos estudos	Amostra do estudo
1	Andrade, Schiefer e Pereira, 200	Avaliação comportamental do processamento auditivo em indivíduos gogos	Descrever os resultados da avaliação comportamental do processamento auditivo em indivíduos gogos e comparar o grau de alteração da desordem do processamento auditivo com o grau de gravidade da gagueira.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994)	56 indivíduos com gagueira
2	Andrade, Sassi, Juste e Ercolin, 2008a	Qualidade de vida em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente	Conhecer a influência da habilidade de fala - quanto às reações afetivas, comportamentais e cognitivas - sobre a qualidade de vida de indivíduos fluentes e com gagueira persistente do desenvolvimento (GPD).	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994) Perfil da fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos (ANDRADE, 2006).	- Grupo caso: 20 indivíduos com gagueira persistente do desenvolvimento, sem qualquer outro déficit associado - Grupo controle: 20 indivíduos fluentes
3	Andrade, Sassi, Juste e Ercolin, 2008b	Modelamento da fluência com o uso da eletromiografia de superfície: estudo piloto	Verificar a efetividade de um tratamento para gagueira baseado exclusivamente no uso da eletromiografia de superfície	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994) Perfil da fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos (ANDRADE, 2006).	4 indivíduos adultos com gagueira do desenvolvimento

4	Oliveira e outros, 2010	Orientação familiar e seus efeitos na gagueira infantil	Verificar a contribuição da orientação familiar de curto prazo na fluência da fala de crianças com gagueira.	ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C. (ANDRADE, 2000).	20 crianças com gagueira e 40 familiares
5	Oliveira, Fiorin, Nogueira e Laroza, 2013	Perfil da fluência: análise comparativa entre gagueira desenvolvimental persistente familiar e isolada	Avaliar e comparar a fluência de indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente familiar e de indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente Isolada, caracterizando a tipologia das disfluências, a porcentagem de disfluências, a taxa de elocução e a gravidade da gagueira.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994) ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C. (ANDRADE, 2000).	- Grupo I: 20 indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente familiar - Grupo II: 20 indivíduos com Gagueira Desenvolvimental Persistente Isolada
6	Souza e outros, 2013	Frequência e tipologia das disfluências: análise comparativa entre taquifêmicos e gagos	Quantificar e comparar as tipologias das disfluências da fala de adultos com taquifemia e adultos com gagueira desenvolvimental persistente.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994) Perfil da fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos (ANDRADE, 2006).	- Grupo I: 5 adultos com taquifemia - Grupo II: 10 adultos com gagueira
7	Oliveira e Pereira, 2014	Gagueira desenvolvimental persistente: avaliação da fluência pré e pós-programa terapêutico	Comparar a fluência de crianças com gagueira quanto à porcentagem de sílabas gaguejadas, porcentagem de descontinuidade da fala, fluxo de sílabas e palavras por minuto e gravidade da gagueira, em situação de pré e pós-aplicação do programa de intervenção fonoaudiológica.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994) ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C. (ANDRADE, 2000).	10 crianças com gagueira

8	Santana e Oliveira, 2014	Achados relevantes da história clínica de taquifêmicos	Caracterizar os achados relevantes da história clínica de adultos com taquifemia.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994) Perfil da fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos (ANDRADE, 2006).	8 adultos com taquifemia
9	Oliveira e Scivoletto, 2014	Relação entre abstinência de maconha e fluência da fala em um adolescente com gagueira: implicações para o tratamento fonoaudiológico e psiquiátrico	Relatar a experiência bem-sucedida da abordagem fonoaudiológica junto a um adolescente de 16 anos, do gênero masculino, com diagnóstico de distúrbio da comunicação (Gagueira--F98.5--CID-10) e psiquiátrico (Dependência de Maconha--F12.2; Transtorno de Conduta não socializado--F91.1).	Perfil da fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos (ANDRADE, 2006).	Relato de caso
10	Rossi e outros 2014	Habilidades fonológicas em crianças com gagueira	Estudar as características de desenvolvimento fonológico de crianças gagas e não gagas, e investigar possível associação entre a presença de gagueira e a de processos fonológicos.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994). ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C. (ANDRADE, 2000).	20 crianças com gagueira
11	Nogueira e outros, 2015	Gagueira desenvolvimental persistente familiar: disfluências e prevalência	Caracterizar e comparar a frequência das disfluências da fala de adultos com gagueira desenvolvimental persistente familiar do sexo masculino e feminino, a severidade do distúrbio e determinar a prevalência familiar e a razão entre	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994).	30 adultos com gagueira

			gêneros da gagueira nos familiares dos probandos.		
12	Carrasco, Schiefer e Azevedo, 2015	O efeito do <i>feedback</i> auditivo atrasado na gagueira	Verificar o efeito do <i>feedback</i> auditivo atrasado (<i>delay auditory feedback</i>) e da retroalimentação com a frequência alterada (<i>frequency altered feedback</i>) em indivíduos que manifestam gagueira.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994).	- Grupo I: oito indivíduos gagos submetidos à terapia de fala com o uso do aparelho <i>SpeechEasy</i> ® Grupo II: oito indivíduos gagos submetidos à terapia sem o uso do aparelho
13	Fiorin e outros, 2015	Fluência da leitura e da fala espontânea de escolares: estudo comparativo entre gagos e não gagos	Comparar a fluência da leitura e da fala espontânea entre escolares com e sem gagueira, quanto à frequência e tipologia das disfluências, e taxa de elocução.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994).	- Grupo caso: 20 escolares com gagueira - Grupo controle: 20 escolares sem gagueira
14	Regaçone e outros, 2015	Avaliação eletrofisiológica do sistema auditivo em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente	Descrever os achados dos exames eletrofisiológicos de indivíduos com gagueira e comparar com indivíduos com desenvolvimento típico.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994). ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C (ANDRADE, 2000).	- Grupo caso: 13 crianças e 4 adultos com gagueira - Grupo controle: 13 crianças e 4 adultos com desenvolvimento típico
15	Silva e outros, 2016	Prolongamentos na fala de adultos com e sem gagueira	Realizar uma análise quantitativa e qualitativa dos prolongamentos de adultos com e sem gagueira.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994).	Grupo caso: 15 adultos com gagueira Grupo controle: 15 adultos fluentes
16	Buzzeti e outros, 2016	Comparação da leitura de escolares com gagueira em duas condições de escuta: habitual e atrasada	Comparar os efeitos imediatos do atraso na retroalimentação auditiva na tarefa de leitura oral em escolares	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994).	- Grupo caso: 8 indivíduos com gagueira moderada

			com gagueira do desenvolvimento persistente.		- Grupo controle: 8 indivíduos com gagueira grave
17	Costa, Martins-Reis e Celeste; 2016	Metodologias de análise da velocidade de fala: um estudo piloto	Descrever o desempenho de adultos fluentes em diferentes medidas de velocidade de fala.	ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C (ANDRADE, 2000).	24 adultos fluentes
18	Juste e Andrade, 2017	Perfil da fluência da fala em diferentes tarefas para indivíduos com Doença de Parkinson	Caracterizar o perfil da fluência da fala de indivíduos com Doença de Parkinson em diferentes tarefas de fala.	ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C (ANDRADE, 2000).	- Grupo caso: 20 indivíduos com diagnóstico de Doença de Parkinson - Grupo controle: 20 indivíduos sem qualquer alteração de comunicação e/ou neurológica
19	Picoloto e outros, 2017	Efeito da retroalimentação auditiva atrasada na gagueira com e sem alteração do processamento auditivo central	Verificar o efeito da retroalimentação auditiva atrasada na fluência da fala de indivíduos que gaguejam, com e sem alteração do processamento auditivo.	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994).	- Grupo I: 10 indivíduos com gagueira com Transtorno do Processamento Auditivo (GGTPA) - Grupo II: 10 indivíduos com gagueira sem alteração de processamento auditivo central
20	Perrucini e outros, 2017	Efeito da retroalimentação auditiva atrasada na fala e leitura de taquifêmicos	Comparar a velocidade de fala e a frequência das disfluências da fala espontânea e da leitura em adultos com e sem taquifemia, com duas formas diferentes de retroalimentação auditiva.	Perfil da fluência da fala: parâmetros comparativos diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos	- Grupo caso: 8 adultos com taquifemia - Grupo controle: 8 adultos fluentes

				e idosos (ANDRADE, 2006).	
21	Furini e outros, 2017	O papel das pistas temporais auditivas na fluência de adultos com gagueira	Comparar a frequência das disfluências e a taxa de elocução da fala espontânea e leitura em adultos com e sem gagueira em situações de retroalimentação auditiva habitual (RAH) e atrasada (RAA).	<i>Stuttering Severity Instrument</i> - SSI (RILEY, 1994). ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática, Parte C (ANDRADE, 2000)*	Grupo caso: 15 adultos com gagueira Grupo controle: 15 adultos sem gagueira

* Utilizado, no estudo, para classificar as disfluências.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

2.4.1 Breve relato sobre o instrumento ABFW

A avaliação clínica fonoaudiológica em Linguagem Oral Infantil é profundamente discutida no texto de Santana (2001), em que a autora questiona a prática clínica avaliativa descontextualizada do cotidiano linguístico do sujeito dentro de um consultório. Além disso, a autora indaga acerca do caráter punitivo dos testes avaliativos que evocam e quantificam muito mais os erros que os acertos e as potencialidades das crianças.

Por outro lado, há de se refletir que a prática clínica fonoaudiológica é limitada em tempo, espaço e recursos avaliativos. Logo, por mais que um fonoaudiólogo queira, torna-se completamente inviável avaliar seu paciente em diversos espaços e situações comunicativas.

Em revisão sistemática da literatura nacional acerca dos instrumentos sistemáticos e formais de avaliação da linguagem falada, utilizados em investigações científicas no Brasil, Lindau, Rossi e Giacheti (2015) verificam que há grande escassez de construção na língua portuguesa falada no Brasil ou na tradução, adaptação e validação de instrumentos utilizados em outros países. Os autores destacam ainda a importância no cenário clínico e científico do instrumento ABFW, apresentado nesta seção.

Na década de 90, quatro fonoaudiólogas docentes e pesquisadoras — Cláudia Regina Furquim de Andrade, Débora Maria Befi-Lopes, Fernanda Dreux Miranda Fernandes e Haydée Fiszbein Wertzner — elaboraram o instrumento de avaliação diagnóstica da linguagem infantil ABFW (assim denominado por receber as letras iniciais do sobrenome das autoras).

O ABFW – Teste de Linguagem Infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática (ANDRADE, BEFI-LOPES, FERNANDES, WERTZNER, 2000, 2004) pode ser utilizado em crianças de 2 a 12 anos. Na sua primeira publicação em 2000, o ABFW foi considerado pelas autoras um teste inédito para o português brasileiro e sua validação e os parâmetros comparativos populacionais foram averiguados nas teses e dissertações de suas autoras. Posteriormente, em 2004, as autoras publicaram a segunda edição do teste revisado e atualizado.

Figura 3 – Livro do Teste de linguagem Infantil ABFW e Fichário de cartelas de figuras para os testes de Fonologia e Vocabulário



Fonte: Booktoy (2019). <https://www.booktoy.com.br/abfw-fichario-teste-completo-749>.

Ao apresentarem o teste, as autoras abordam a importância de dados objetivos ao avaliar a linguagem infantil para a obtenção da precisão diagnóstica das desordens de linguagem.

A ideia orientadora de apresentar o ABFW (ANDRADE, BÉFI-LOPES, FERNANDES, WERTZNER, 2000, 2004) na escrita desta tese é que, dos quatro testes compostos no instrumento, três foram utilizados na escrita deste trabalho, a saber: fonologia e vocabulário para inclusão das crianças com desenvolvimento típico e o teste de fluência que é o foco da presente pesquisa.

Destaca-se que, embora seja utilizado em pesquisas nacionais, o teste ABFW (ANDRADE, BÉFI-LOPES, FERNANDES, WERTZNER, 2000, 2004) não é gratuito, por isso optamos por não utilizar os “anexos do instrumento” neste volume, uma vez que essa atividade não é permitida.

O “ABFW”, como mencionado, é um instrumento composto por quatro testes: fonologia (parte A), vocabulário (parte B), fluência (parte C) e pragmática (parte D) que serão apresentados a seguir.

2.4.1.1 Fonologia

Fonologia (parte A) (WERTZNER, 2000, 2004) é um teste elaborado por Haydée Fiszbein Wertzner que tem o objetivo de verificar o inventário fonético das crianças e as regras fonológicas utilizadas. O teste foi elaborado para ser utilizado em crianças de 3 a 12 anos de idade.

O teste de fonologia é composto pelas provas de imitação e nomeação com oito anexos. Para sua aplicação, são necessários os anexos 1 e 2; os anexos 3 e 4 são necessários para a análise do teste, os demais anexos são complementares. Nesta pesquisa, vamos focar nos anexos 1 e 2, visto que o teste não foi utilizado para diagnosticar alterações e sim constatar desenvolvimento típico.

O anexo 1 (imitação) é constituído por 39 vocábulos que devem ser ditos pelo fonoaudiólogo e repetidos pela criança. Posteriormente, a fala da criança deve ser transcrita e analisada.

O anexo 2 (nomeação) é constituído por 34 vocábulos que devem ser nomeados a partir da vista das figuras do teste de fonologia. Posteriormente a fala da criança deve ser transcrita e analisada. A fala das crianças deve ser gravada em áudio para posterior análise e conferência.

A análise é realizada a partir da transcrição da fala da criança, da marcação de substituições e omissões, além das classificações dos processos fonológicos analisados no teste. O teste apresenta tabelas de domínio dos fonemas, de encontros consonantais e de produtividade dos processos fonológicos de acordo com a idade das crianças. Dessa maneira, pode ser compreendido o desenvolvimento típico ou alterado do subsistema fonológico da criança.

2.4.1.2 Vocabulário

Vocabulário (parte B) (BEFI-LOPES, 2000, 2004) é um teste elaborado por Débora Maria Befi-Lopes, que tem o objetivo de verificar a competência lexical pela avaliação do vocabulário. O teste foi elaborado para ser utilizado em crianças de 2 a 6 anos de idade.

O teste de vocabulário é composto por quatro anexos. Nesta pesquisa, vamos focar nos anexos 1, 2 e 3, visto que o teste não foi utilizado para diagnosticar alterações e sim constatar desenvolvimento típico. Ressalta-se que a fala das crianças deve ser gravada em áudio para posterior análise e conferência.

No anexo 1, encontra-se o protocolo de registro de respostas dos nove campos semânticos analisados (vestuário, animais, alimentos, meios de transporte, móveis e utensílios, profissões, locais, formas e cores, brinquedos e instrumentos musicais).

O anexo 2 consiste na tabela-síntese de respostas — Esperado e Obtido. A análise é realizada a partir da transcrição da fala da criança, posterior à nomeação das figuras de cada campo semântico. Para a análise da produção da criança, são utilizados três tipos de classificações por vocábulos, a saber: designação de vocábulo usual (DVU), quando a criança fala exatamente o vocábulo conforme preconiza o teste; processo de substituição (PS), quando a criança substitui um vocábulo por outro; não designação quando a criança não responde ou diz que “não sabe”. Além disso, é possível verificar o que é esperado e obtido por idade (comparado com as tabelas de percentual de respostas por idades).

No anexo 3, de maneira qualitativa, podem ser classificados os processos de substituição realizados pela criança por meio de um recorte de diferenças e semelhanças entre o vocábulo preconizado pelo teste e o designado. As substituições são classificadas em parassinônimos, hiperônimos, hipônimos e co-hipônimos. O anexo 4 é complementar ao teste apenas para registro e averiguação de desordens da linguagem oral.

2.4.1.3 Fluência

Fluência (parte C) (ANDRADE, 2000, 2004b) é um teste elaborado por Cláudia Regina Furquim de Andrade, que tem o objetivo de obter o perfil de fluência da fala. A autora não determina a idade em que deve ser utilizado o teste, uma vez que o perfil da fluência pode ser analisado em qualquer idade.

Andrade indica a interação da criança pequena com a família para coleta de fala e ainda orienta acerca do uso estímulo visual como uma figura criativa para crianças

maiores para que a criança deva falar tudo o que quiser sobre a figura. São necessárias, no mínimo, 200 sílabas expressas, ou seja, sílabas fluentes. As amostras de fala devem ser transcritas literalmente e analisadas em três aspectos: tipologias das disfluências, frequência das disfluências e taxa de elocução (velocidade de fala).

Importante ressaltar que, no ABFW, o teste de fluência apresenta parâmetros comparativos, conforme apresentado na seção 2.1 *Fluência da fala* e é o foco principal desta tese.

2.4.1.4 Pragmática

Pragmática (parte D) (FERNANDES, 2000, 2004) é um teste elaborado por Fernanda Dreux Miranda Fernandes e tem o objetivo de analisar os aspectos funcionais da comunicação, ou seja, de usos da linguagem. O teste utiliza como unidade mínima o ato comunicativo.

Para realizar o teste de pragmática, a autora propõe a gravação de um vídeo de 30 minutos de interação com um adulto familiar da maneira mais espontânea possível. A aplicação do teste deve ser gravada e a análise é realizada envolvendo os seguintes aspectos: atos comunicativos (se há troca de turno); meios comunicativos (verbais, vocais e gestuais) e funções comunicativas (pedido de objeto, pedido de ação, pedido de rotina social, pedido de consentimento, pedido de informação, protesto, reconhecimento do outro, exibição, autorregulatório, nomeação, performativo, exclamativo, reativos, não focalizada, jogo, exploratória, narrativa, expressão de protesto e jogo compartilhado).

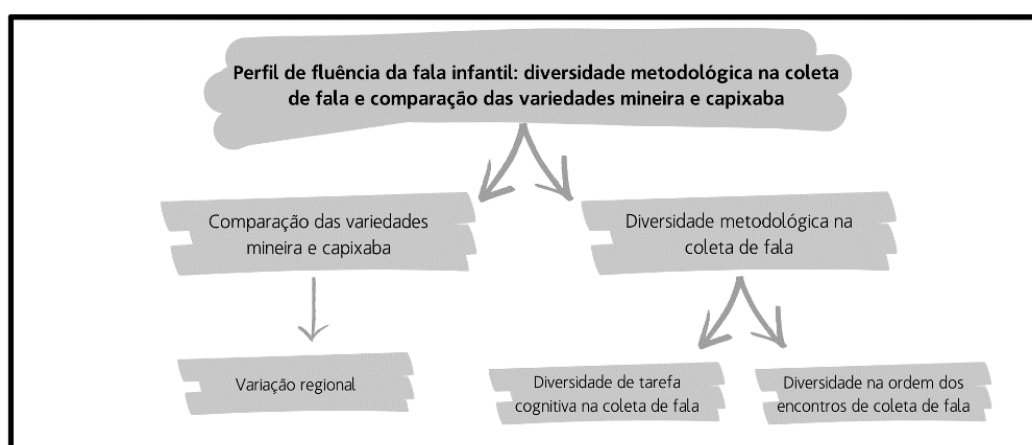
A gravação deve ser cuidadosamente analisada com o auxílio do anexo 1 do teste para posterior transcrição dos achados para a ficha síntese da pragmática anexo 2. A autora não estabelece padrões normativos para o teste.

Dos quatro testes compostos no instrumento ABFW (ANDRADE; BEFI-LOPES; FERNANDES; WERTZNER, 2000, 2004), a parte C da fluência foi utilizada nesta tese.

3 FUNDAMENTAÇÃO, PERCURSO E JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA

Esta seção foi desenvolvida para auxiliar o leitor na condução e no entendimento da fundamentação, do percurso e da justificativa metodológica, utilizados neste trabalho. A metodologia desta tese investiga a variação regional da fluência da fala nas variedades mineira e capixaba, diferentes métodos na coleta de fala (diferentes tarefas cognitivas e ordens dos encontros na coleta de fala), conforme apresentado em figura a seguir.

Figura 4 – Apresentação das temáticas abordadas na tese



Fonte: Elaboração da autora (2021).

Diante disso, inicialmente vamos expor as nuances e as fundamentações teóricas mais significativas para os métodos científicos utilizados neste trabalho, a saber: variação regional, variação metodológica de coleta de fala por meio da variação da tarefa cognitiva e variação da ordem dos encontros (interação entre os interlocutores).

Posteriormente, será apresentada uma pesquisa realizada com fonoaudiólogas clínicas para fundamentar e justificar as escolhas metodológicas.

3.1 A VARIAÇÃO REGIONAL

A variação regional abordada neste trabalho dialoga com abordagens teóricas da Sociolinguística, Sociolinguística Variacionista e Dialectologia. Além disso, serão apresentadas, nesta seção, pesquisas que se ocuparam de investigar a variação regional dos aspectos da fluência da fala.

3.1.1 Sociolinguística

A Linguística pode ser entendida por correntes teóricas bastante sedimentadas e, em contrapartida, por constantes evoluções em seus pressupostos. Um breve recordatório histórico remete aos ensinamentos de Hermann Paul, no século XIX, com a Neogramática, Ferdinand de Saussure com a corrente estruturalista do início do século XX e com o gerativismo de Noam Chomsky, da década de 60 (WEIREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Nesse cenário polarizado, com defensores das correntes teóricas já estabelecidas, ocorreu em 1966 o simpósio *Direções para a Linguística Histórica*, quando o debate sugerido por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog provocou reflexão e estudos acerca das motivações sociais para a mudança linguística. Para isso, eles se remeteram aos fundamentos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas. Nasceu então a Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Um recordatório teórico pode apresentar uma sutil nuance social na teoria de Saussure. Na escola saussuriana, a dicotomia entre língua e fala aponta que há uma importância social na definição de língua/linguagem, entretanto os estruturalistas não abordam os fatores sociais como relevantes e importantes fontes de pesquisa e reflexão (MARQUES, 2016). Dessa forma, com base na corrente pré-existente, advém a Sociolinguística.

O estudo da língua no contexto social nos permite compreender que a fala pode apresentar características regionais e sociais, proporcionando o estudo de tendências que estão ligadas a elas e que não seriam contempladas se apenas analisássemos a fala de um ponto de vista estritamente linguístico. A Sociolinguística pode ser entendida, portanto, embora não exclusivamente, como “[...] uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade que vivemos” (COELHO *et al.*, 2015, p. 12).

3.1.1.1 Variedade, variação, variável e variante

A Sociolinguística aborda conceitos bem peculiares que são fundamentais para o entendimento das teorias e pesquisas, por isso, optou-se por explicar acerca dos conceitos de variedade, variação, variável e variante.

Na perspectiva da Sociolinguística, Coelho e outros (2015) denominaram variedade os aspectos utilizados para categorizar e agrupar os falantes baseados a partir de diversos critérios, como os de natureza geográfica (variedade mineira e variedade capixaba), critérios sociais (variedade dos falantes mais ou menos escolarizados), variedade ocupacional (variedade de fala dos advogados), entre outros.

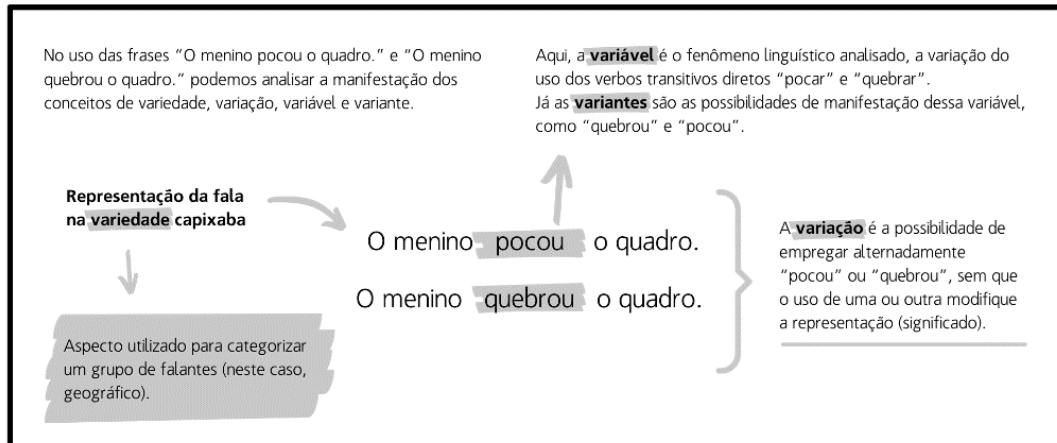
A variação linguística está relacionada às formas alternadas utilizadas para designar algo com o mesmo contexto referencial ou representacional. Em outras palavras, a variação é a possibilidade de se variar no uso de duas formas, entretanto mantendo a representação e significado (COELHO *et al.*, 2015).

Um exemplo para ilustrar o conceito de variação é a marca lexical “pocar” na substituição do verbo “quebrar” na variedade capixaba (YACOVENCO *et al.*, 2012). No uso cotidiano da variedade de fala capixaba, não faz diferença referencial ou representacional falar “O menino pocou o quadro” ou “O menino quebrou o quadro”; as duas formas significam a mesma coisa.

O fenômeno ou o objeto linguístico investigado pode ser denominado variável, já os tipos de formas que podem variar são chamadas de variantes.

A imagem a seguir apresenta os termos variedade, variação, variável e variante na retomada do exemplo da marca lexical “pocar”.

Figura 5 – Explicação da relação entre os termos variedade, variação, variável e variante



Fonte: Elaboração da autora (2021).

3.1.2 Sociolinguística Variacionista: condicionadores internos e externos

Um dos ramos da sociolinguística, denominado Sociolinguística Variacionista, na perspectiva de Coelho e colaboradores (2015), tem por objetivo descobrir quais são os elementos e os mecanismos que atuam sobre a variação de uma comunidade linguística, o modo como eles regulam ou condicionam a variação linguística na escolha entre uma ou outra variante.

Nesse sentido, a compreensão da variação e da mudança linguística ressalva a existência de condicionadores de ordem interna e externa sobre os fenômenos variáveis. Esses condicionadores são forças dentro e fora da língua que “justificam” o modo como um grupo de pessoas ou um único indivíduo fala da maneira como fala e atuam de maneira independente sobre o fenômeno linguístico. Assim, podemos entender que a variação linguística não pode ser entendida como aleatória e sim com padrões que merecem estudo.

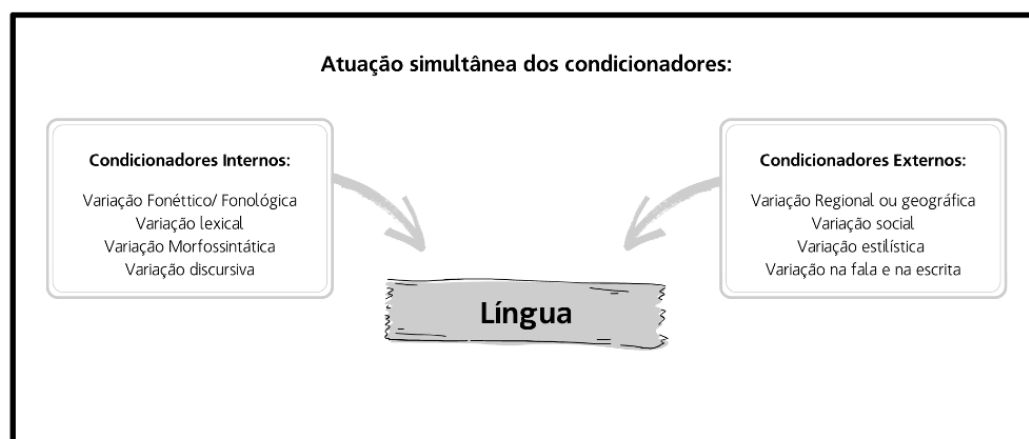
Quanto à ordem interna ou externa, esclarecemos que os condicionadores internos se relacionam aos aspectos linguísticos da variação e ocorrem nos diferentes subsistemas linguísticos: fonético/ fonológico, lexical, morfossintático, pragmático e discursivo. Em relação aos condicionadores externos, são aqueles considerados exteriores à língua: sexo/gênero, escolaridade, faixa etária, estilo, etnia, localização geográfica, entre outros, e atuam sobre o falante tanto quanto os fatores de ordem interna (COELHO *et al.*, 2015).

A variação regional, geográfica ou diatópica é entendida por padrões ou traços na fala que nos auxiliam na distinção entre uma variedade e outra e que nos auxilia a identificar a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala. Ademais, a variação regional pode ser estudada em diferentes tipos de unidades espaciais como países, estados, cidades, bairros ou grupos (COELHO *et al.*, 2015).

Os condicionadores sociais mais utilizados em estudos da Sociolinguística Variacionista no Brasil são: escolaridade, sexo/gênero e faixa etária. A variação linguística por faixa etária recebe um nome especial chamada variação diageracional (COELHO *et al.*, 2015). Além disso, um mesmo falante pode apresentar diferentes estilos no momento de sua interação linguística. A variação estilística acontece quando os falantes, que “têm uma variedade de estilos de fala alternantes” (LABOV, 2008, p. 40), realizam uma conversação de aspectos mais ou menos formais, mais ou menos expressivos etc., dependendo do interlocutor ou da situação comunicativa.

Os condicionadores internos e externos normalmente atuam de forma simultânea e não isolada, como mencionado anteriormente, o que pode ser observado na Figura X:

Figura 6 – Condicionadores internos e externos que atuam simultaneamente na língua



Fonte: Elaboração da autora (2021) com base em Coelho e outros (2015).

Na premissa do que foi abordado até agora, podemos inferir a importância das contribuições da Sociolinguística para entendimento do fenômeno linguístico abordado nesta tese, quando se tenta traçar o perfil de fluência da fala infantil de crianças capixabas por meio da diversidade de métodos de coleta de fala e realizar uma comparação entre as variedades capixaba e mineira.

Dessa forma, entende-se que para o desenvolvimento do objeto de estudo desta pesquisa, faz-se necessária uma reflexão acerca dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, mais precisamente dos condicionadores externos relacionados à localização geográfica (diferença entre o perfil de fluência da fala nos estados do Espírito Santo e Minas Gerais) e o perfil social da criança (faixa etária). Nesse sentido, as influências dos condicionadores externos nos parecem servir como um vantajoso aporte para a análise sobre o perfil de fluência de fala infantil capixaba.

Em relação à faixa etária, Naro (2012, p. 46) argumenta que, por meio desse grupo de fatores, consegue-se perceber uma visão simultânea das etapas ocorridas dentro do processo de mudança. Todo o processo se espelha na ocorrência de determinado fenômeno na fala das sucessivas faixas etárias. Ainda acrescenta que toda variação da fala representa um processo de mudança em progresso e essa mudança pode depender da faixa etária dos falantes (NARO, 2012, p. 47).

Na preocupação em traçar perfil de fluência da fala com diversidade de métodos de coleta de fala e comparação das variedades mineira e capixaba, entendemos que o recorte de faixa etária desta pesquisa é limitado, tendo em vista a fala infantil, entretanto considera-se que o estudo ganhará maior robustez com o cerco das análises da fluência a partir da consideração dos condicionadores internos (os aspectos linguísticos envolvidos na fluência da fala) e externos (regionais e sociais, a partir de faixa etária).

3.1.3 Dialectologia

A mudança é uma característica essencial e necessária da língua; ela muda porque os homens mudam, porque não se pensa hoje como se pensava ontem, porque coisas mudam, porque coisas novas surgem e outras desaparecem. Ela muda, então, porque não está feita, mas se faz, continuamente, pela atividade humana (ZÁGARI, 2004, p. 139).

Embora não haja consenso teórico acerca do uso das apropriações conceituais ou de fronteiras da Sociolinguística e Dialectologia (SIQUEIRA; MAGALHÃES; GONÇALVES, 2014), este trabalho considera variedade da Sociolinguística como sinonímia de dialeto (COELHO *et al.*, 2015). Já a variação regional pode ser entendida

como variação geográfica, diatópica, ou ainda Geolinguística e Dialectologia (aqui, assumidas como o mesmo foco de estudos).

A consideração dos fenômenos sociais associados aos fenômenos regionais constituintes deste trabalho se dá de acordo com o ponto de vista de Cardoso (2006 p. 97), que atribui à Dialectologia uma “[...] perspectiva prioritariamente diatópica (geográfica) com enfoques sociolinguísticos”. Assim, também por escolha e de uma maneira mais abrangente, a Dialectologia pode ser definida, de acordo com Cardoso (2010, p. 15) como “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

No livro *A Dialectologia no Brasil*, Cardoso e Ferreira (1994, p. 12) elegem três tipos fundamentais de diferenças internas nos dialetos, a saber: 1) diferenças de espaço geográfico ou diferenças diatópicas; 2) diferenças entre os distintos estratos socioculturais de uma mesma comunidade idiomática ou diferenças diastráticas; 3) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, de estilo distintos, segundo as circunstâncias em que se realizam os atos de fala ou diferenças diafásicas.

Assim, entende-se que falantes de uma mesma língua, mas de regiões diferentes, podem, certamente vão apresentar variações sociolinguísticas, por isso justifica-se pesquisar o perfil de fluência da fala em variedades regionais distintas (neste caso, as variedades mineira e capixaba).

As características que delimitam a variedade capixaba de outras variedades do PB ainda não são muito claras, por motivos, principalmente, relacionados à colonização, a comunidade capixaba se isolou dos demais estados da região sudeste que, por consequência, contribuiu para uma fala menos marcada linguisticamente (YACOVENCO; *et al.*, 2012). Desta forma, o projeto PortVix, que reúne amostras de fala da variedade capixaba, foi elaborado para favorecer a identidade linguística capixaba bem como a comparação com demais variedades (YACOVENCO; *et al.*, 2012).

As pesquisas baseadas no PortVix sinalizam familiaridade entre os fenômenos morfossintáticos capixabas e de outras variedades do PB. Entretanto, a fala capixaba apresenta alguns marcadores como, por exemplo, a ausência de artigos definidos antes de nomes de pessoas e de possessivos; a marca lexical com o uso do verbo “pocar” como

substituto do verbo quebrar, rebentar, estourar, etc.; o uso do pronome “você” na Capital Vitória e quase inexistência do “ocê” encontrado vastamente na variedade mineira (YACOVENCO; *et al.*, 2012).

3.1.4 Variação regional dos aspectos da fluência da fala

A fluência da fala, com foco nas variáveis de taxa de elocução e rupturas da fala, pode variar de acordo com a região/localidade. Serão apresentadas nesta seção pesquisas científicas que coadunam com o viés regional; embora não tratem diretamente a Dialectologia nas suas discussões, são importantes para esta fundamentação e justificativa metodológica.

As pesquisas encabeçadas por Andrade na população infantil paulista (ANDRADE, 2000, 2004a) e posteriormente nos demais ciclos de vida (MARTINS, 2007) nortearam a prática clínica fonoaudiológica nacional em fluência da fala e favoreceram pesquisas em outras variedades do português, realizadas também sobre o perfil da fluência da fala e suas variáveis. Aqui, apresentaremos pesquisas acerca das tipologias das rupturas (disfluências) e taxas de elocução.

A pesquisa realizada por Silva (2014), embora efetuada apenas com adultos, mostra que a fala florianopolitana é mais fluente (com menos rupturas ou disfluências) do que a fala paulista pesquisada por Martins (2007) e que a taxa de elocução dos sujeitos de Florianópolis é considerada mais rápida quando comparada à paulista.

Castro e outros (2014) comparou a fluência de fala de falantes do português brasileiro com a de falantes do português europeu e observou que a velocidade de fala dos falantes do português europeu em palavras por minuto é maior que a dos falantes do português brasileiro. A variável “hesitação” apresentou maior mediana para os falantes do português europeu e as variáveis “repetição de segmento” e “repetição de sons” com valores maiores para o português brasileiro.

No Brasil, a taxa de elocução divulgada como “normativa” para a comunidade infantil é a desenvolvida nas pesquisas de Andrade, realizadas na Grande São Paulo na década de 1990 e divulgadas nos anos de 2000 e 2004. No entanto, Laver (1995) já sinalizava a variação da taxa de elocução devido às particularidades dialetais de cada

comunidade sociolinguística; também assinalou que, enquanto em uma comunidade a fala pode ser considerada lenta, em outra pode ser considerada rápida (LAVER, 1995).

Assim, em um país com extensões geográficas continentais como o Brasil, entende-se ser impossível estabelecer um valor normativo de taxa de elocução a partir de apenas uma ou poucas variedades da língua, por isso estudos que exploraram a variação da taxa de elocução, de acordo com as variedades dialetais do português brasileiro, são importantes. Por exemplo, em pesquisa que comparou a taxa de elocução nas variedades mineira e baiana na produção da fala normal, lenta e rápida de sentenças evidenciou-se maior taxa de elocução na variedade mineira e sinalizou-se acerca da importância do controle dialetal na pesquisa dessa variável (MEIRELES; TOZETTI; BORGES, 2010).

3.2 DIFERENTES MÉTODOS DE COLETA DE FALA

3.2.1 Diferentes tarefas na coleta de fala

Na clínica fonoaudiológica, o momento de avaliação é de suma importância, pois é por meio dele que os desdobramentos diagnósticos e consequentemente terapêuticos vão acontecer. Portanto, a avaliação fonoaudiológica clínica requer conhecimento e o uso de ferramentas técnicas, relacionadas à Fonoaudiologia e à comunicação humana (GOULART; CHIARI, 2007).

De acordo com Goulart e Chiari (2007), é possível dividir a avaliação didaticamente em dois tipos: a avaliação estruturada, que conta com protocolos rígidos e específicos, e a não estruturada, que parte das questões trazidas pelo paciente/família. O avaliador atua como espectador das demandas do paciente (GOULART; CHIARI, 2007).

Para Spinillo (1991), a produção de narrativas orais requer especial atenção no processo avaliativo infantil. Para favorecer a produção dessas narrativas, indica o uso de estímulos de representações pictográficas para eliciar a fala. De maneira semelhante, Bitar (2002) aponta que estimular a fala a partir de imagens é uma das principais formas de desencadear a produção da linguagem oral, já que a leitura de imagens faz parte da leitura do mundo infantil.

Além disso, na justificação do uso de imagens, entende-se que a compreensão de figuras é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, uma vez que compreender imagens implica evolução gradual de tarefa cognitiva, pois permite que a criança perceba que a figura é uma representação icônica do objeto e não uma simples cópia dele (DOWNING; LEONG, 1982 *apud* BITAR, 2002). Acerca das particularidades encontradas no uso de imagens para eliciar a fala, Merlo (2006) explica:

Na comunicação por imagens, há dois níveis de leitura: “o que é mostrado” (em sentido estrito) e “o que significa” para o sujeito (em sentido amplo). Como a construção dos sentidos depende do conhecimento prévio do sujeito, uma mesma imagem origina textos diferentes de um sujeito para outro. (MERLO, 2006. p. 50).

Segundo Lucente (2013), a fala incitada não é sinônimo de total ausência de espontaneidade, pois, a depender da forma como os sujeitos têm a fala solicitada, pode-se alcançar uma fala semiespontânea. A fala semiespontânea desencadeia, em pessoas com desenvolvimento típico, maior número de disfluências comuns, em comparação à fala dirigida, como na leitura, por exemplo (FIORIN *et al.*, 2015).

Para esta seção, foram selecionados e descritos 12 estudos que utilizaram diferentes *inputs* pictóricos na coleta da amostra de fala, conforme pode ser observado no Quadro 8.

Quadro 8 – Descrição dos artigos selecionados considerando as variáveis título, autor, ano, tipo de estudo, objetivo e esboço do método de coleta

Artigo	Autor/ano	Tipo de estudo	Objetivo
O efeito da representação pictográfica na produção de narrativas	Spinillo,1991	Estudo de casos	O presente estudo comparou a performance de crianças (4 a 8 anos de idade) quanto à produção de narrativas orais em duas condições experimentais. Condição 1) produção de uma estória a partir de uma representação pictográfica (desenho feito pelo sujeito); Condição 2) produção de uma estória na ausência de qualquer representação pictográfica.
Era uma vez... e foram felizes para sempre: esquema narrativo e variações experimentais	Spinillo,1993	Estudo de casos	A presente investigação examinou o efeito de variações experimentais na produção de histórias. As variações experimentais foram: produção de histórias a partir de gravura com desenho feito pela criança, produção por sequência de gravuras e produção livre.
Contar histórias: uma proposta de avaliação assistida da narrativa infantil	Motta e outros, 2006	Estudo de casos	O objetivo do estudo foi investigar a narrativa de crianças pré-escolares, por meio de um procedimento assistido a partir de dois livros de história sem palavras.
Narrativas orais produzidas por crianças: a explicação em foco	Fiorindo, 2008	Estudo de casos	O objetivo do estudo foi apresentar como a explicação e a narração se articulam nas histórias orais produzidas pelas crianças em duas situações diferentes: situação (a) - as crianças inventaram narrativas a partir de uma representação pictográfica (desenho feito pelos próprios sujeitos); situação (b) - as crianças contaram histórias a partir de duas narrativas lidas pela pesquisadora.
Desempenho narrativo em sujeitos com distúrbio/ atraso fonológico	Souza e Sperb, 2009	Estudo descritivo comparativo transversal	O objetivo da pesquisa foi analisar comparativamente o desempenho narrativo de grupos de sujeitos com atraso e distúrbio fonológico e controles em aquisição típica Foi realizada a produção de narrativa espontânea (produção de uma história, um filme infantil ou um relato) e a produção de narrativa com figuras evocativas sobre a luta entre uma menina e um dragão.
Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem	Bento e Befi-Lopes, 2010)	Estudo descritivo transversal	O objetivo deste estudo foi analisar a narrativa em escolares com desenvolvimento típico de linguagem. A produção da fala foi incitada por quinze histórias representadas por figuras compostas por quatro cenas cada.
Estratégias comunicativas de pessoas com doença de Alzheimer	Brandão, Parente e Peña-Casanova, 2010	Estudo de casos	Investigar estratégias compensatórias que ocorrem na comunicação de pessoas com doença de Alzheimer (DA). A produção de fala foi coletada por meio de atividade com e sem pistas informativas. A produção de fala

			sem pista informativa foi sobre o tema “casamento” e com pistas visuais foi a partir de uma sequência de doze figuras dispostas em quadrinhos e também foi incitada a produção da narrativa por meio de figuras em sequência da história de Chapeuzinho Vermelho.
Narrativas orais de crianças com desenvolvimento típico de linguagem	Cavalcante e Mandrá, 2010	Estudo descritivo transversal	O objetivo do estudo foi verificar o tempo de narrativa, o tempo de pausa, o número de palavras e de intervenções do interlocutor em narrativas orais de crianças pré-escolares com desenvolvimento de linguagem típico. A produção da fala foi incitada com e sem apoio visual. A coleta de fala com apoio visual contou com o relato de fatos que compunham as figuras do livro “O dia a dia de Dáda” e sem apoio visual com o relato de um fato ocorrido em sua rotina.
Doença de Alzheimer e a aplicação de diferentes tarefas discursivas	Brandão e Parente, 2011	Revisão bibliográfica	O objetivo deste trabalho foi revisar estudos sobre o discurso de pessoas com doença de Alzheimer, descrevendo o desempenho discursivo dessa população em tarefas discursivas classificadas de acordo com os estilos de <i>input</i> fornecidos.
Complexidade da história e pausas silentes em crianças com e sem distúrbio específico de linguagem	Befi-Lopes e outros, 2013	Estudo descritivo transversal	Este estudo teve como objetivo verificar o tempo médio das pausas silentes em narrativas e a influência da complexidade da história na produção destas pausas nas narrativas de crianças em desenvolvimento típico de linguagem e em crianças com Distúrbio específico de linguagem. A produção da fala foi incitada por quinze histórias representadas por figuras compostas por quatro cenas cada.
Doença de Alzheimer: cognição e discurso narrativo com apoio em figuras	Lima e outros, 2014	Estudo transversal quantitativo	Investigar as características discursivas de pessoas com Doença de Alzheimer (DA) nos estágios moderado e moderado-grave. A produção da fala foi incitada com uma sequência de figuras que ilustra o conto infantil “Chapeuzinho Vermelho” que continha uma sequência de doze figuras dispostas em quadrinhos, sendo todas as imagens ordenadas no tempo.
Análise do discurso de indivíduos afásicos fluentes e com leve dificuldade de compreensão oral	Medeiros e outros, 2016	Estudo descritivo transversal	O objetivo deste estudo foi analisar os discursos narrativo, descritivo, conversacional e procedural de indivíduos afásicos fluentes e compará-los com indivíduos saudáveis. A produção da fala foi incitada por meio do teste Mini-Exame do Estado Mental e o diagnóstico de demência no Brasil – MEEM e por meio do Teste do desenho do relógio (<i>Clock completion: an objective screening test for dementia</i>).

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Ainda que as pesquisas utilizadas nesse recorte teórico tenham foco na produção e análise discursiva de pessoas que apresentam tanto o desenvolvimento linguístico normal quanto alterado (que não é o foco deste trabalho), a ideia norteadora de apresentá-las nesta seção está na constatação do uso de diferentes métodos no momento de coleta de fala.

Os artigos que utilizam uma única figura para incitar a fala (LIMA *et al.*, 2014; BRANDÃO; PARENTE, 2011) concordam que esse tipo de *input* gera uma produção oral significativamente descritiva. Lima e outros (2014) acrescentam que, além da produção descritiva, o uso de uma única figura pode gerar uma produção narrativa a depender de como a solicitação é realizada, que pode ser “descreva em detalhes a ilustração”, gerando uma produção majoritariamente descritiva, ou “conte uma história com base na figura”, gerando uma produção majoritariamente narrativa.

Além disso, as autoras nomeiam esse tipo de tarefa como *input* diretivo, considerando que essa tarefa direciona o indivíduo na construção da produção oral. Esse *input* diretivo, de acordo com Brandão e Parente (2011), parece diminuir as solicitações de memória, uma vez que o conteúdo a ser dito já está exposto na imagem.

O estudo de Medeiros e outros (2016) não descreve quais estímulos pictóricos foram utilizados, entretanto os indivíduos estudados apresentaram discurso indicativo de figura simples, pois produziram discurso do tipo narrativo, com caráter descritivo da cena em sua maioria. Segundo Lima e outros (2014), a produção descritiva normalmente aparece em estímulos pictóricos de figuras únicas.

Com contornos que abordam a fluência da fala na tipologia das rupturas, Befi-Lopes e outros (2013) relatam que a complexidade das informações pictóricas apresentadas na história em sequência poderá influenciar na produção oral e aumentar consideravelmente o tempo médio de pausas silentes em crianças com desenvolvimento típico de linguagem, uma vez que a criança poderá precisar de mais tempo (longas pausas) para a produção oral. Assim, de acordo com o artigo mencionado, as imagens em sequência devem ser escolhidas de acordo com a realidade do indivíduo (BEFI-LOPES *et al.*, 2013).

Os artigos que utilizaram desenhos das crianças estudadas como estímulo pictórico para a produção de fala (SPINILLO, 1991; 1993; FIORINDO, 2008) apontam que o discurso é mais elementar e dependente de apoio da imagem para a continuidade da produção de fala. As autoras concordam que as figuras podem ser elementos limitantes na produção e que as produções sem estímulos visuais forçam o indivíduo avaliado a recrutar maiores habilidades cognitivas e linguísticas.

A prerrogativa de que o uso de estímulos visuais sensibiliza as demandas cognitivas e linguísticas é reforçado por Lima e outros (2014), pois acreditam que as tarefas de fala com figuras diminuem as solicitações de memória, permitindo que o indivíduo recrute menos capacidades corticais e produza um discurso mais “empobrecido”. Em consonância, Spinillo (2008) infere que a fala é mais bem elaborada quando a criança não possui apoio visual e que as habilidades linguísticas do avaliado não devem ser generalizadas em decorrência somente da fala produzida a partir de estímulos pictóricos, devido a seu caráter limitante.

Por outro lado, excluindo os contextos investigativos de uma pesquisa, a prática clínica em Linguagem, aqui fonoaudiológica, requer o auxílio de instrumentos que compõem imagens, pois favorecem a interação, promovem ludicidade, objetivam e otimizam o tempo de avaliação. Para Bitar (2002), a utilização de imagens é considerada a principal forma clínica de eliciar a fala.

Os artigos que utilizaram livros de figuras sem texto para eliciar a fala (CAVALCANTE; MIRANDA, 2010; MOTA *et al.*, 2006) expõem que os livros de figuras são facilitadores da produção oral e, embora apresente maior número de pausas, mostram-se capazes de envolver e motivar a criança, podendo resultar em aumento do número de palavras e diminuição da necessidade de intervenção do interlocutor no momento de coleta da fala quando comparado à coleta de fala espontânea.

Cavalcante e Mandrá (2010) indicam a coleta de fala com diferentes *inputs* como prática clínica, pois a comparação das diferentes falas provenientes dos diferentes estímulos permite a análise e a avaliação de todo o aspecto da fala e da linguagem como um todo.

3.2.2 Diferentes tarefas de fala no perfil de fluência

Diferentes tarefas de fala foram observadas em pesquisas sobre fluência, conforme apresentadas a seguir. Com o objetivo de investigar e caracterizar a velocidade e as rupturas da fala em situação espontânea e em leitura oral de indivíduos gagos e não gagos, Pinto, Schiefer e Avila (2013) investigaram 30, divididos em dois grupos: 15 indivíduos com gagueira e 15 indivíduos sem gagueira. As autoras perceberam que ocorreram mais disfluências na fala espontânea que na leitura oral de texto em ambos os grupos. Dessa forma, observaram a interferência da tarefa cognitiva na fluência da fala.

Fiorin e outros (2015) compararam a fluência da leitura e da fala espontânea entre escolares com e sem gagueira. Nesse estudo, as autoras observaram que houve interferência da tarefa cognitiva no total de disfluências produzidas tanto no grupo de escolares com gagueira quanto no grupo de escolares sem gagueira. As autoras observaram que houve maior produção de disfluências na fala espontânea e discutiram que ambos os grupos requerem um tempo adicional para a produção desse tipo de fala, resultando na maior quantidade de disfluências.

Juste e outros (2018) desenvolveram estudo com o objetivo de analisar a frequência das rupturas de fala em diferentes tarefas de fala, comparando o desempenho de indivíduos com doença de Parkinson, pessoas com gagueira e grupo controle. Nessa pesquisa, a coleta de fala aconteceu em três diferentes condições, a saber: discurso monólogo, leitura com apoio de um segundo locutor e leitura oral solo. A análise estatística apontou interferência das tarefas de fala na produção das disfluências, com maior produção de disfluências comuns para todos os grupos pesquisados e maior produção de disfluências atípicas nos grupos de pessoas com doença de Parkinson e gagueira.

3.3 DIFERENTES ORDENS DOS ENCONTROS NA COLETA DE FALA

A presente pesquisa conta com a variável “ordem dos encontros da coleta” como um fator significativo para o estabelecimento do perfil da fluência da fala. dessa forma, pressupõe-se que conta com a interação entre a pesquisadora e as crianças

participantes da pesquisa. Retomando o objetivo de analisar o perfil da fluência a partir da ordem do encontro de coleta de fala, na hipótese de a ordem dos encontros interferir na amostra de fala coletada e consequentemente no perfil da fluência apresentado pela criança, entende-se a necessidade de abordar a interação entre o pesquisador e o sujeito.

As interações que são estabelecidas durante o processo de coleta de fala podem interferir na condução da coleta e consequentemente nos resultados encontrados. Simão (1989) já sinalizava que as ações tanto do pesquisador quanto do entrevistado vão se ajustando no momento de interação a ponto de um interferir diretamente na conduta do outro. Essa afirmativa foi considerada neste trabalho na coleta de fala das crianças.

Em seu trabalho acerca de fundamentos teóricos e uma análise variacionista, Battisti (2014) explica os procedimentos metodológicos necessários para pesquisas que usam as redes sociais. Ainda que as redes sociais não sejam o foco desta pesquisa, a afirmação de Battisti de que “[...] laços mais íntimos entre os indivíduos implicariam um maior grau de interação pela fala, e isso potencializaria a influência do comportamento linguístico de um indivíduo sobre o do outro” (BATTISTI, 2014, p. 87) pode ser aqui coadunada na provocação, no mínimo, de uma curiosidade.

O fato desta pesquisa projetar três encontros para coleta de fala relaciona-se com a prática clínica da pesquisadora principal, conforme o seguinte relato:

Quando recebo o paciente e as famílias para uma consulta percebo, inicialmente, um receio da criança e da família acerca das condutas que serão realizadas. O consultório fonoaudiológico é um espaço de cuidado em saúde onde o uso de jaleco, luvas e, às vezes, máscara é comum e pode trazer estranheza para a criança. Assim, a condução da escuta e anamnese antecede o processo avaliativo que, em minha prática, não é realizado no primeiro encontro.

Normalmente meu segundo encontro é para desenvolver uma interação com o paciente por meio de jogos e coletar, “entre uma jogada e outra”, as primeiras informações clínicas formais.

Minha preocupação em fragmentar as sessões de avaliação se dá pela dificuldade de interação da criança; além disso, tenho percebido ao longo desses quase dez anos de atuação clínica que, quanto mais encontros tenho com o meu paciente, mais interativa será nossa relação, consequentemente maior amostra de fala coletarei e mais fidedigna será a minha avaliação, diagnóstico e conduta terapêutica.

Embora o espaço desta pesquisa não seja um consultório clínico e tampouco os sujeitos sejam pacientes, optou-se por coletar a fala em três encontros justamente para pesquisar possíveis interferências da interação na amostra da fala coletada.

3.4 PESQUISA COM FONOAUDIÓLOGAS CLÍNICAS

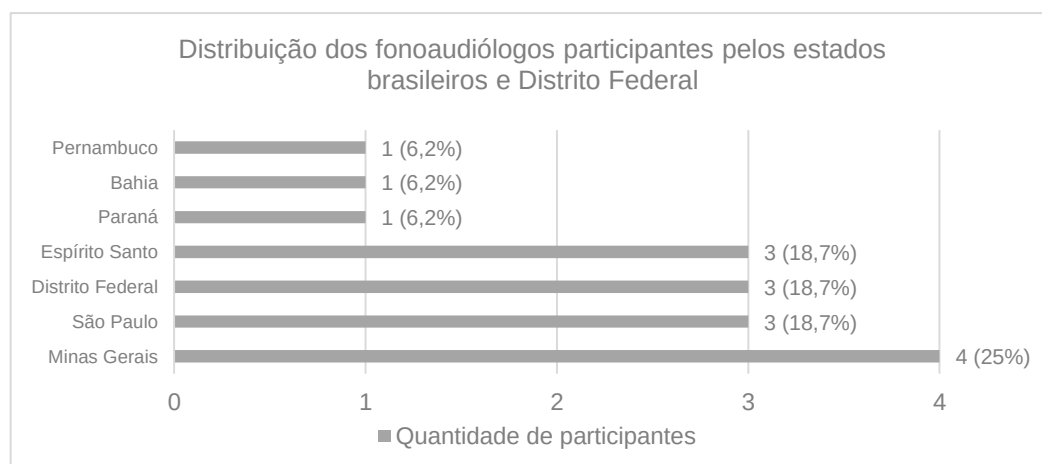
Do ponto de vista empírico, a prática clínica fonoaudiológica em fluência não obedece a um único modelo de coleta, análise e consequentemente atuação terapêutica. Assim, o questionamento inicial da prática fonoaudiológica em fluência se fazia necessário principalmente no primeiro e talvez mais emblemático momento, que é a coleta da amostra de fala.

Embora a prática clínica seja realizada com abordagens heterogêneas, uma pesquisa acerca do retrato da atuação fonoaudiológica em fluência foi realizado com a finalidade de nortear as condutas metodológicas eleitas neste trabalho.

Foi realizada uma pesquisa descritiva de corte transversal, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Vila Velha CAAE: 61331216.5.0000.5064, de parecer número 1.844.154. O objetivo da pesquisa foi descrever os aspectos de avaliação em fluência e gagueira na prática clínica fonoaudiológica.

Participaram da pesquisa 16 fonoaudiólogas, que atuam clinicamente com fluência da fala, com idade média de 41,3 anos ($\pm 9,7$) e tempo médio de atuação fonoaudiológica de 17,8 anos ($\pm 8,1$). A maioria das fonoaudiólogas participantes atuam em Minas Gerais (4), conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição dos fonoaudiólogos participantes pelos estados brasileiros e Distrito Federal

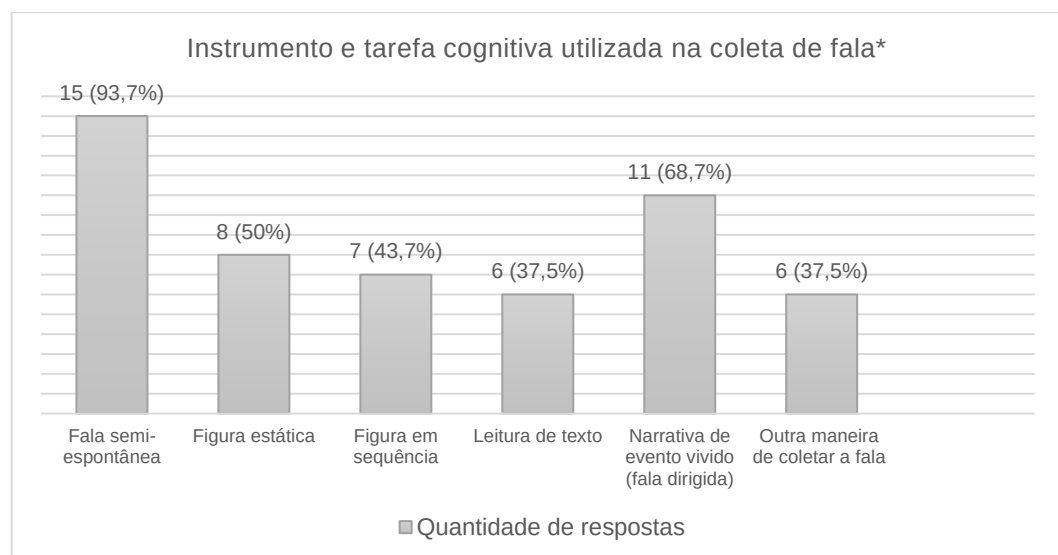


Fonte: Elaboração da autora (2021).

As fonoaudiólogas participantes responderam perguntas acerca da coleta da amostra de fala, do processo de análise da fala coletada, dos parâmetros normativos e do referencial teórico utilizado nas condutas clínicas. Posteriormente cada fonoaudióloga pôde discursar livremente sobre sua prática clínica em fluência e sobre o uso ou não dos dados normativos de Andrade (2004b; 2012).

Ao serem questionadas acerca do instrumento e da tarefa cognitiva utilizados na coleta de fala na prática clínica em fluência (Gráfico 2), a maioria das fonoaudiólogas responderam que utilizam a fala semiespontânea (93,7%), seguida de narrativa de evento vivido (68,7%) e coleta de fala com uso de figura estática (50%).

Gráfico 2 – Instrumento utilizado e tarefa cognitiva na coleta de fala

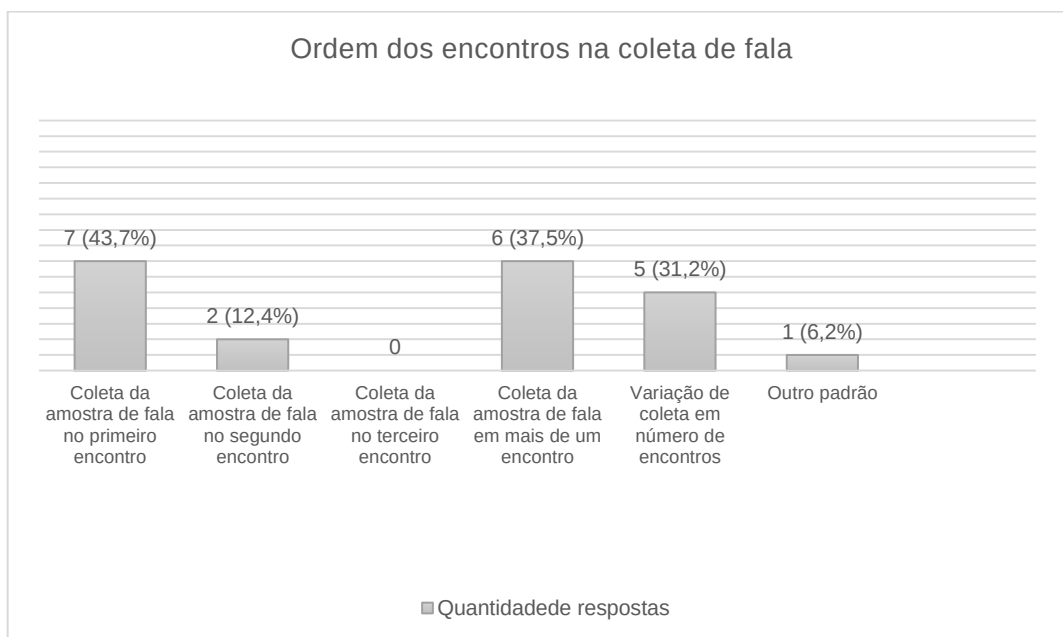


*Cada fonoaudióloga pode escolher mais de um instrumento e tarefa cognitiva.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Acerca da ordem dos encontros para a coleta da amostra de fala na prática clínica em fluência (Gráfico 3), 47% das fonoaudiólogas responderam que coletam a fala no primeiro encontro; em seguida, a coleta de amostra de fala em mais de um encontro (31,2%) e realizam diversos encontros para coletar de fala (31,2%).

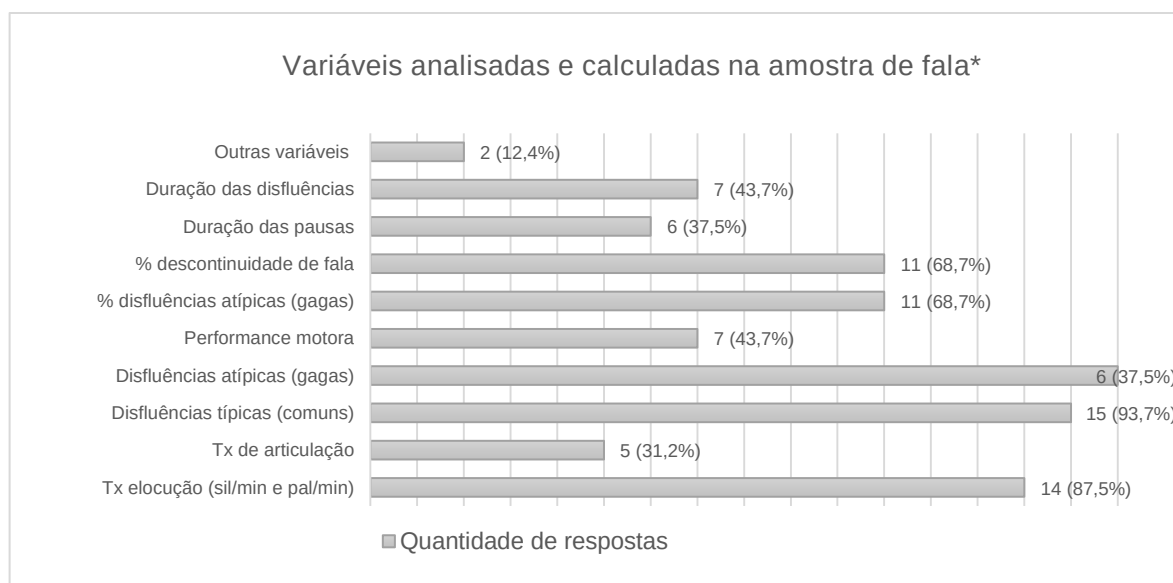
Gráfico 3 – Ordem dos encontros na coleta de fala



Fonte: Elaboração da autora (2021).

Quanto às variáveis analisadas e calculadas na prática clínica em fluência (Gráfico 4), a maioria das fonoaudiólogas responderam que analisam as disfluências típicas/comuns (93,7%), seguidas pela análise de taxa de elocução (sílabas por minuto e palavra por minuto - 87,5%) e porcentagem de descontinuidade de fala e disfluências típicas/comuns (ambas com 68,7%).

Gráfico 4 – Variáveis analisadas e calculadas na amostra de fala pelas fonoaudiólogas



Tx: taxa; sil: sílaba, pal: palavra; min: minuto.

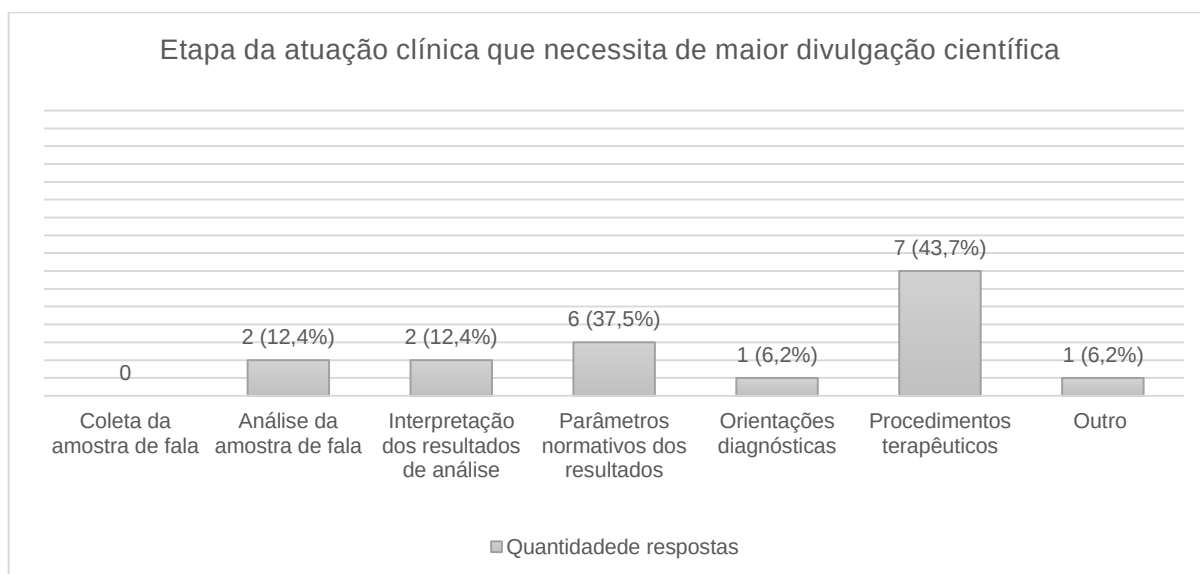
*Cada fonoaudióloga pode escolher mais de uma variável.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Ao serem questionadas acerca da realização da análise acústica, apenas uma fonoaudióloga respondeu que sim (6,2%), 12 responderam que não (75%) e 3 responderam que às vezes (18,7%) realizam análise acústica da fala da amostra de fala na prática clínica em fluência.

Quando perguntadas acerca de qual etapa da atuação em fluência precisaria de maior divulgação científica que corroborasse sua atuação clínica, 43,7% (7) das fonoaudiólogas responderam sobre os procedimentos terapêuticos em fluência, seguidos de 37,5% (6) daquelas que entendem ser importante ter parâmetros normativos dos resultados. Um dado nos chamou atenção acerca da coleta de amostra de fala que não foi mencionada por nenhuma fonoaudióloga participante da pesquisa.

Gráfico 5 – Etapas da atuação clínica que necessitam de maior divulgação científica na perspectiva das fonoaudiólogas



Fonte: Elaboração da autora (2021).

As fonoaudiólogas foram questionadas se, ao analisar a fluência da fala infantil, comparam os achados sugeridos pela autora Claudia Regina Furquim de Andrade no *Teste ABFW* (2004b) e no Livro *Gagueira infantil, risco, diagnóstico e programas terapêuticos* (2012) para saber se seu paciente se encontra dentro do esperado para a idade/sexo. Nessa questão, 62,5% (10) responderam que utilizam os achados da autora como parâmetros normativos e 37,5% (6) responderam que não utilizam os parâmetros da autora.

Posteriormente, as fonoaudiólogas discursaram livremente sobre o porquê de utilizarem ou não os achados da autora Claudia Regina Furquim de Andrade para comparar seus achados. As respostas podem ser visualizadas no Quadro 9. Foram destacadas em negrito palavras utilizadas para categorizar os discursos.

Quadro 9 - Respostas discursivas acerca da comparação dos achados clínicos com os achados de Andrade (2004; 2012)

Compara os achados clínicos?	Respostas discursivas
Sim	“Prognóstico” “Por ser a única referência de normalidade do Brasil” Para entender melhor o grau de comprometimento da criança e auxiliar no diagnóstico diferencial da gagueira com a taquifemia. “Porque são os parâmetros disponíveis no Brasil com publicações em revistas científicas nacionais e internacionais.” “Exatamente para saber se a criança encontra na aquisição de linguagem, para observar essa fala, se tem características ou não de gagueira.” “Pois além de ser uma pesquisadora referência, com credibilidade nos seus trabalhos, costumo usar estes valores como referência, pois acredito não haver outros para a população brasileira” “É um dos exames com classificação das tipologias (típicas e atípicas) com concordância com muitos teóricos internacionalmente reconhecidos. Tem adaptações boas por outros profissionais que também facilitam o nosso trabalho” “Para definir o tipo de intervenção mais indicado” “Porque está validado no país” “Pois esse parâmetro fornece uma análise quantitativa importante, principalmente para a devolutiva a família, mostrando o que é esperado para a idade e sexo do paciente.”
Não	“Porque a rotatividade do sistema público é enorme, então acabamos já partindo pra terapia sem registrar tais parâmetros.” “Não me traz um resultado efetivo” “Porque realizo análise qualitativa e não quantitativa” “Utilizo os parâmetros do SSI” “Não faço a comparação porque trato os sintomas.” “Falta de conhecimento sobre o material citado”

Fonte: Elaboração da autora (2021).

3.4.1 Considerações metodológicas

As fonoaudiólogas demonstram utilizar uma variação nos métodos de coleta de fala tanto nos instrumentos e tarefas cognitivas quanto acerca do momento que essa coleta acontece de acordo com a ordem dos encontros. Assim, podemos verificar que não há um consenso a respeito do modo como deve ser realizada a coleta de fala entre as fonoaudiólogas participantes da pesquisa.

Pode ser observada uma variação nas variáveis que são eleitas para analisar a fluência, como também é possível afirmar que a análise acústica da fala não é uma prática comum entre as fonoaudiólogas que participaram da pesquisa.

Dessa forma, pode-se perceber que, embora exista uma grande diversidade nos métodos, a coleta da amostra de fala parece não ser um objetivo ou uma necessidade científica para as fonoaudiólogas participantes da pesquisa. No entanto, há uma necessidade explícita em parâmetros normativos das variáveis analisadas na fluência da fala, bem como nos procedimentos terapêuticos.

Diante do uso de diferentes métodos para a coleta da amostra de fala e da não sinalização desse “momento” como uma etapa da atuação clínica que necessita de maior divulgação científica, a reflexão feita é que a etapa da coleta da amostra de fala deveria ser tão importante quanto os parâmetros normativos ou as condutas e os procedimentos terapêuticos, entretanto parece não haver tal questionamento na prática fonoaudiológica.

Em relação às respostas discursivas é interessante observar que 50% das fonoaudiólogas que usam os parâmetros estabelecidos por Andrade (2004b; 2012) acreditam que esses parâmetros são os melhores representativos da população brasileira. Já as fonoaudiólogas que disseram não usar sinalizaram acerca das dificuldades da aplicação prática, da pouca aplicabilidade clínica ou da falta de conhecimento do material.

4 MÉTODOS

A partir do que foi encontrado na literatura, as hipóteses para esta tese foram elaboradas em dois eixos: o primeiro em relação à diferença entre as variedades mineira e capixaba e o segundo relacionado aos diferentes métodos de coleta de fala (diferentes tarefas e ordens dos encontros na coleta de fala).

Em relação à diferença entre as variedades mineira e capixaba, as hipóteses são:

- a variável da fluência da fala “taxa de elocução” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB;
- a variável da fluência da fala “descontinuidade de fala” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB;
- a variável da fluência da fala “tipologias das disfluências típicas” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB;
- a variável da fluência da fala “tipologias das disfluências atípicas” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB.

Espera-se que as variáveis da fluência analisadas sejam diferentes entre as duas regiões porque aspectos de ordem cultural, social e econômica, regional e de coleta de dados interferem diretamente já que a fluência da fala é multifacetada (MERLO, 2006).

Além disso, estudos realizados em regiões distintas do país como na população infantil paulista (ANDRADE, 2000, 2004a) e posteriormente nos demais ciclos de vida (MARTINS, 2007), na fala florianopolitana realizada por Silva (2014), e nas variedades mineira e baiana (MEIRELES; TOZETTI; BORGES, 2010) sinalizam que os valores das variáveis da fluência da fala podem variar de acordo com a região analisada.

Em relação às diferentes tarefas na coleta de fala, as hipóteses são:

- as diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “taxa de elocução”;
- as diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “descontinuidade de fala”;

- as diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências típicas”;
- as diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências atípicas”.

Na literatura consultada para esta tese foram verificadas pesquisas realizadas com coleta através de diferentes tarefas de fala como, por exemplo, coleta através de desenhos feitos pela criança (SPINILLO, 1991; 1993, FIORINDO, 2008); figura estática (SOUZA, SPERB, 2009); história em sequência (SPINILLO, 1993; BENTO, BEFI-LOPES, 2010; BRANDÃO, PARENTE, PEÑA-CASANOVA, 2010; BEFI-LOPES, et.al., 2013; LIMA, et. al. 2014); livros de histórias sem palavras (MOTTA, et.al. 2006; CAVALCANTE, MANDRÁ, 2010); narrativa após escuta de história (FIORINDO, 2008); fala espontânea (SPINILLO, 1991; 1993; SOUZA, SPERB, 2009; BRANDÃO, PARENTE, PEÑA-CASANOVA, 2010; CAVALCANTE, MANDRÁ, 2010); e leitura de texto (PINTO, SCHIEFER E AVILA, 2013; FIORIN et. al., 2015; JUSTE et. al., 2017).

Os estudos supracitados apontam para uma heterogeneidade no comportamento linguístico infantil, por isso, a tentativa de verificar a interferência das diferentes tarefas de fala no perfil da fluência é importante. No que tange a fala semiespontânea observa-se que as pessoas com desenvolvimento típico, são mais propensas a realização de disfluências típicas, em comparação à fala dirigida, como na leitura, por exemplo (FIORIN *et al.*, 2015). Outros padrões de fluência da fala ainda foram observados, mas espera-se a interferência direta da tarefa de fala.

Em relação às diferentes ordens dos encontros na coleta de fala, as hipóteses são:

- as diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “taxa de elocução”;
- as diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “descontinuidade de fala”;

- as diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências típicas”;
- as diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências atípicas”.

Para Batisti (2014), a interação estabelecida entre os interlocutores interfere no comportamento linguístico, por isso, acredita-se que as ordens dos encontros interferem nas variáveis da fluência da fala devido a familiaridade que a criança estabelece com a pesquisadora durante os encontros.

Desta forma, e sustentado pela perspectiva de Batisti (2014), o primeiro encontro geraria uma fala mais disfluente, enquanto o terceiro encontro produziria uma fala mais fluente. Por outro lado, a fala mais fluente e polida poderia ser observada no primeiro encontro e, conseqüentemente, ser mais fluente. Já a fala do terceiro encontro, com o estabelecimento de maior interação, poderia gerar mais conforto e espontaneidade na fala e ser mais propensa a disfluências.

Logo, para averiguar as hipóteses, o objetivo deste trabalho é comparar a fluência da fala infantil das variedades mineira e capixaba do PB, e averiguar a interferência dos diferentes métodos de coleta na fluência da fala. Para isso, faz-se necessário:

- medir a taxa de elocução da variedade capixaba do PB nas unidades de medidas sílaba e palavra por minuto;
- medir a descontinuidade de fala da variedade capixaba do PB;
- classificar as tipologias das disfluências da variedade capixaba do PB;
- calcular as tipologias das disfluências da variedade capixaba do PB;
- comparar a taxa de elocução das variedades mineira e capixaba do PB;
- comparar a descontinuidade de fala das variedades mineira e capixaba do PB;
- comparar as tipologias das disfluências das variedades mineira e capixaba do PB;
- coletar a amostra de fala nas diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e nas diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);

- medir a taxa de elocução nas diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea e nas diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- medir a descontinuidade de fala nas diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea e nas diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- classificar as tipologias das disfluências nas diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e nas diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- calcular as tipologias das disfluências nas diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e nas diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- comparar a taxa de elocução entre as diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e entre as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- comparar a descontinuidade de fala entre as diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e entre as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- comparar as tipologias das disfluências entre as diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e entre as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- comparar a taxa de elocução entre as diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- comparar a descontinuidade de fala entre as diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro);
- Comparar as tipologias das disfluências entre as diferentes tarefas de fala, a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, e as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro).

A construção dos métodos da pesquisa desta tese conta com três experimentos distintos. Inicialmente, houve a reprodução dos métodos de análise do perfil da

fluência propostos por Andrade (2000, 2004b, 2006) com diferentes métodos de coleta de fala e comparação das variedades mineira e capixaba.

Pesquisar a fluência a partir de diferentes métodos de coleta de fala objetivou inicialmente obter maior tempo de amostra de fala das crianças, uma vez que o primeiro experimento utilizado (método de coleta com figura estática) causou certa timidez nas crianças, resultando em pouca enunciação e quantidade de sílabas insuficientes para viabilizar a continuidade da pesquisa. Assim, houve a identificação da possibilidade de diferentes métodos de coleta propiciarem maior amostra de fala. Nesse sentido, foi realizado o segundo experimento.

No segundo experimento, foi acrescentado o método de coleta de fala semiespontânea e verificou-se que algumas crianças produziam enunciados com variação da extensão e das variáveis da fluência entre a fala coletada por meio de figura estática e fala semiespontânea, surgindo, dessa forma, o terceiro experimento de coleta de fala com a introdução da história em sequência.

O terceiro experimento ganhou robustez com uma pesquisa realizada com fonoaudiólogas clínicas que mostraram utilizar diferentes métodos de coleta de fala na análise clínica da fluência.

A inserção e o desenvolvimento de cada método de coleta de fala foram cuidadosamente planejados a fim de que novos objetivos em pesquisa fossem traçados. Tudo isso será devidamente explicado na seção de procedimentos desta tese.

Os três experimentos se diferem em relação ao método utilizado na coleta de fala, a saber:

1º experimento: método de coleta única da amostra de fala com figura estática (aqui, há comparação das variedades mineira e capixaba);

2º experimento: método de coleta dupla da amostra de fala com figura estática e fala semiespontânea

3º experimento: método de coleta tripla de amostra de fala com figura estática, fala semiespontânea e história em sequência.

4.1 ASPECTOS ÉTICOS

Este é um estudo descritivo de corte transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Vila Velha (UVV), CAAE 61331216.5.0000.5064, Parecer nº 1.844.154 (ANEXO A). O estudo foi submetido ao parecer ético da instituição onde a amostra foi coletada em projetos de extensão e iniciação científica, orientados pela pesquisadora principal.

Para a inserção das crianças na pesquisa, foi necessário que os seus pais ou responsáveis legais assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO B). Para isso, foram prestados os devidos esclarecimentos aos pais quanto aos aspectos voluntários da participação no estudo, seus possíveis benefícios, riscos e repercussões clínico-científicas.

Toda a operacionalização deste estudo está em consonância com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde (ANEXO C).

4.2 CENÁRIO

A coleta dos dados da amostra capixaba correu em sete escolas públicas municipais de Ensino Fundamental dos municípios de Cariacica e Vila Velha, na Grande Vitória, Espírito Santo. As escolas dispuseram de uma sala equipada com, no mínimo, uma mesa e duas cadeiras para a realização das coletas de fala. A seleção da sala foi realizada de maneira a minimizar ao máximo os ruídos para a coleta de fala. Já a coleta dos dados da amostra mineira ocorreu em escolas da região metropolitana de Belo Horizonte em estruturas similares da coleta capixaba.

4.3 AMOSTRA

A amostra foi composta por 201 crianças de escolas públicas municipais do Ensino Fundamental de 6 a 11 anos. Salienta-se que a amostra foi não probabilística, isto é, por conveniência desde que atendessem aos critérios de inclusão descritos adiante.

No primeiro experimento, participaram 84 crianças divididas em dois grupos: Grupo de Minas Gerais (MG), referente à coleta realizada com 42 crianças mineiras de 8 e 9 anos, com idade média de 8,3 anos ($\pm 0,4$); e Grupo do Espírito Santo (ES), referente à coleta realizada com 42 crianças capixabas de 8 e 9 anos, com idade média de 8,5 anos ($\pm 0,5$ desvio-padrão).

No segundo experimento, participaram 25 crianças (13 meninos e 12 meninas) de 6 a 11 anos, com idade média de 8,6 anos ($\pm 1,7$). As coletas se deram da seguinte forma: 12 sujeitos com a primeira coleta da fala por meio de figura estática e posteriormente foi coletada a fala semiespontânea; 13 sujeitos com a primeira coleta de fala semiespontânea e posteriormente com uso de figura estática.

No terceiro experimento, participaram 92 crianças (33 meninos e 59 meninas) de 6 a 11 anos, com idade média de 8,3 anos ($\pm 1,44$). As coletas se deram na seguinte forma: 29 sujeitos com a primeira coleta da fala com uso de figura estática, depois história em sequência e posteriormente foi realizada a coleta da de fala semiespontânea; 23 sujeitos realizaram a primeira coleta da fala a partir de história em sequência, depois de fala semiespontânea e posteriormente por meio de figura estática; 40 sujeitos com a primeira coleta a partir de fala semiespontânea, depois coleta fala com uso de figura estática e posteriormente por meio de história em sequência. Aqui não houve equiparação entre o número de sujeitos dos grupos porque alguns alunos faltaram e tiveram que ser excluídos da amostra. Optamos por desenvolver o trabalho com o número de sujeitos distintos nos grupos porque a análise estatística não sofreu interferência.

Os critérios de inclusão foram: crianças nascidas e residentes na Grande Vitória, cujo responsável consentiu a participação na pesquisa com sua assinatura do TCLE pertencentes à faixa etária de 6 a 11 anos de idade. Foram excluídas da amostra: I) as crianças participantes que não completarem o discurso de 200 sílabas (ANDRADE, 2000, 2004a)³; II) que possuem alteração neurológica e/ou fonoaudiológica que comprometam a fala (alterações de audição, linguagem, motricidade oral e voz a partir de relato e triagem fonológica e fonética) verificadas por meio dos instrumentos 1 e 3

³ Para Andrade (2000, 2004b) é necessário o mínimo de 200 sílabas fluentes para traçar o perfil de fluência da fala.

que descrevo nas próximas linhas); III) crianças bilíngues e; IV) crianças que faltaram em uma ou duas coletas (para as coletas que ocorreram em mais de um encontro).

4.4 INSTRUMENTOS

Os instrumentos empregados para a realização do estudo foram: 1) anamnese do desenvolvimento infantil (APÊNDICE A); 2) teste de Fluência (parte C) (ANDRADE, 2004b) (ANEXO D); 3) teste de Fonologia (parte A) (WERTZNER, 2004) (ANEXO E); 4) figuras estáticas estimuladoras da fala (ANEXO F); 5) figuras de histórias em sequência estimuladoras da fala (ANEXO G); 6) gravador e reproduzidor de voz - Sony Digital Voice Recorder 4gb - Icd-Px240; 7) disco rígido - HD externo portátil Samsung com capacidade de 1 *terabyte* para armazenamento da pesquisa; 8) programa Excel (Microsoft Corporation, 2016) e; 9) Programa estatístico SPSS (versão 20 – IBM Corp., 2011).

4.4.1 Anamnese acerca do desenvolvimento infantil

A anamnese objetivou levantar dados pessoais e de desenvolvimento das crianças do estudo, bem como verificar os critérios de inclusão e exclusão da amostra para participação na pesquisa.

A anamnese consta de um cabeçalho com informações, tais como nome da criança, data de nascimento, sexo, nome dos pais, telefone de contato, escolaridade e nome da escola. A anamnese apresenta perguntas acerca do desenvolvimento fonoaudiológico da criança, distribuídas em quatro eixos: audição, linguagem oral, motricidade orofacial e voz. Além dessas perguntas, os pais responderam sobre possíveis intervenções fonoaudiológicas e neurológicas realizadas.

4.4.2 O teste de fluência da fala

O teste foi desenvolvido por Andrade (2000; 2004b; 2006) com a finalidade de traçar o perfil de fluência da fala. Para isso, o protocolo propõe estabelecer o mínimo de 200 sílabas fluentes expressas e analisar as tipologias das disfluências (típicas e atípicas), a descontinuidade de fala e a taxa de elocução em sílaba por minuto e palavra por minuto.

As análises das variáveis do perfil de fluência serão esboçadas mais adiante nos procedimentos descritos nesta seção.

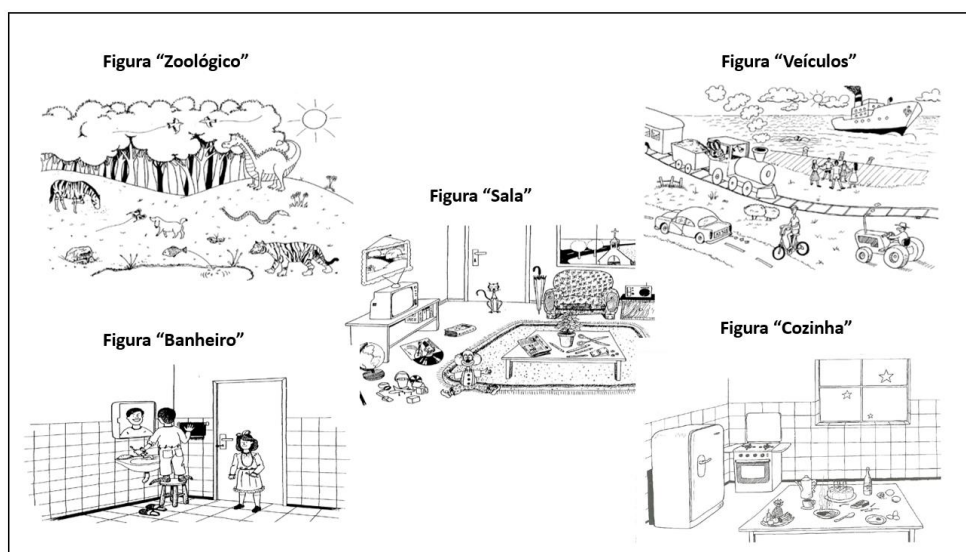
4.4.3 O teste de Fonologia

O teste de Fonologia (WERTZNER, 2004) foi utilizado para a triagem da linguagem (aspectos fonéticos e fonológicos) das crianças como um requisito necessário para a inclusão no estudo.

4.4.4 As figuras estimuladoras da fala

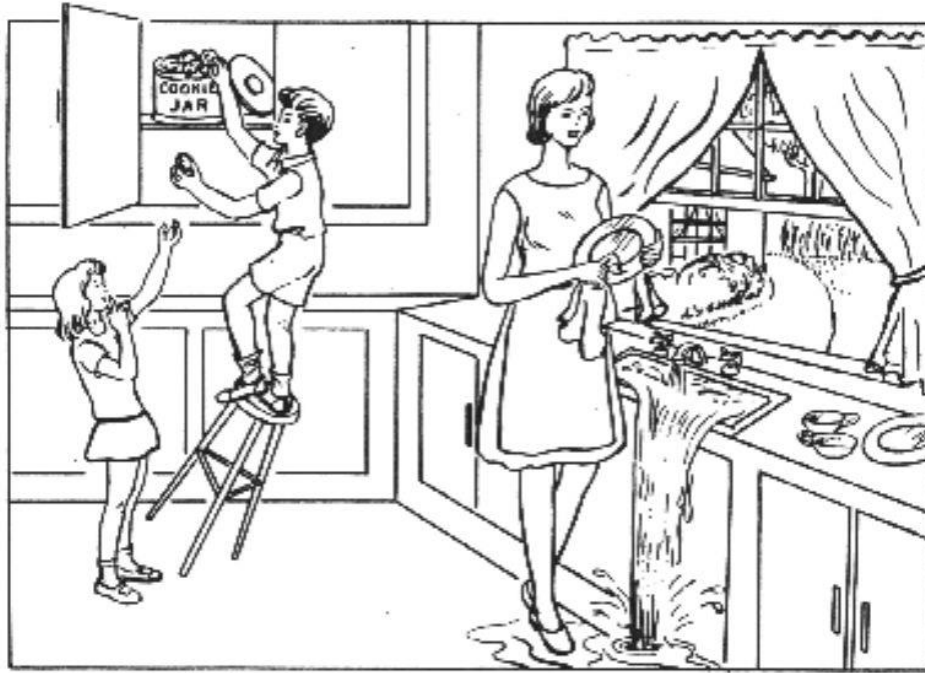
As figuras estimuladoras da fala foram selecionadas em formato de figuras estáticas e figuras de histórias sequenciais para viabilizar a produção discursiva da criança. Exemplo nas Figuras 7, 8, 9 e 10:

Figura 7 – Figuras estáticas do instrumento Avaliação Fonológica das Crianças (AFC)



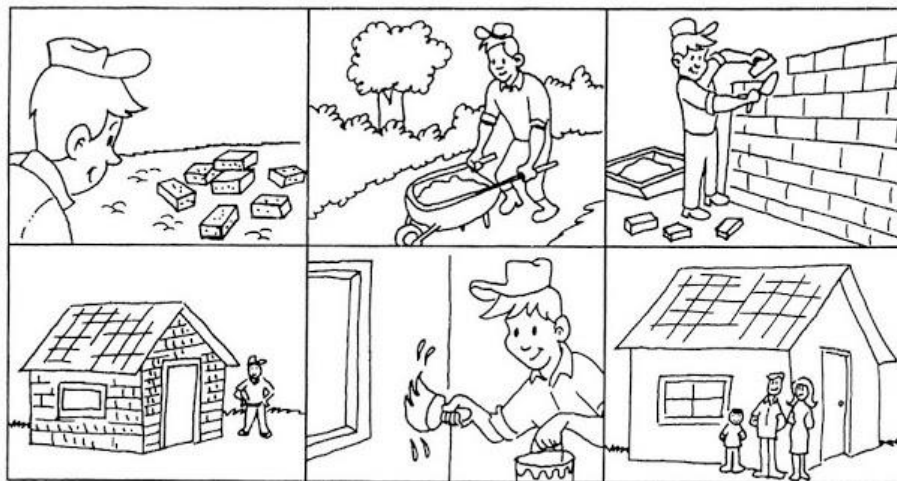
Fonte: Yavas, Hernandorena e Lamprecht(1991).

Figura 8 – Figura estática “O roubo do biscoito” do instrumento “Teste de Boston”



Fonte: Goodglass e Kaplan (1991).

Figura 9 – Figuras estimuladoras de história em sequência



Fonte: <https://www.slideshare.net/wagnervi/sequencia-para-produco-de-texto>.

Figura 10 – Três figuras estimuladoras de história em sequência



Fonte: <http://ekldata.com/VgbtMgtju6LdKWekERNqRm32Bak/images-sequentielles.jpg>

4.5 PROCEDIMENTOS

Inicialmente as escolas participantes da pesquisa foram contatadas por telefone e visitadas pela pesquisadora para que os termos de consentimento e a anamnese do desenvolvimento infantil fossem encaminhados aos pais das crianças para preenchimento.

Os pais receberam em um envelope o TCLE e a anamnese, assinaram o termo e responderam a anamnese acerca das características do desenvolvimento das crianças pertinentes aos critérios de inclusão e exclusão. Posteriormente entregaram o envelope com os documentos na escola.

Após a seleção dos participantes que se enquadraram nesses critérios, as crianças passaram por uma triagem do nível fonológico através do teste de Fonologia (WERTZNER, 2004).

As crianças tiveram ainda a(s) amostra(s) de fala coletada(s) em uma sala selecionada com vistas a minimizar ao máximo o ruído, normalmente a biblioteca ou sala de informática. Os procedimentos deste estudo dividem-se em duas etapas: a coleta da amostra de fala e a análise da fala.

4.5.1 Coleta da amostra de fala

As coletas de amostra de fala foram divididas em três experimentos com métodos distintos:

- 1º experimento: método de coleta única de amostra de fala com figura estática;
- 2º experimento: método de coleta dupla de amostra de fala com figura estática e fala semiespontânea;
- 3º experimento: método de coleta tripla de amostra de fala com figura estática, fala semiespontânea e história em sequência.

As coletas de fala do primeiro método ocorreram em um único encontro com as crianças, já as coletas do segundo e terceiro experimento ocorreram em um intervalo de tempo de sete dias. Além disso, a sequência dos métodos utilizados nas coletas diferiu entre as amostras propositalmente randomizadas.

4.5.2 Descrição dos experimentos de coleta das amostras de fala

4.5.2.1 Primeiro experimento – método de coleta única de amostra de fala por meio de figura estática

O parâmetro norteador dessa coleta foi estabelecido de acordo com a proposta de Andrade (2000, 2004b, 2006), por ser um método de coleta de fala rotineiramente utilizado na prática clínica e nas pesquisas fonoaudiológicas nacionais e internacionais com a temática, já mencionadas na seção 2.4 *Avaliações da fluência*

da fala, a saber: a produção obtida pelo discurso com estímulo visual com obtenção de, no mínimo, 200 sílabas expressas (sílabas fluentes) para posterior análise.

Para coleta da amostra da fala autoexpressiva das crianças, foram utilizadas figuras estáticas (Figuras 7 e 8), anteriormente mencionadas, para incitar a fala. Foi solicitado para a criança: “Por favor, olhe para esta figura. Você consegue identificar esses desenhos?”, com a resposta positiva, a criança tinha 30 segundos para visualizar a figura. Posteriormente, a pesquisadora disse: “Conte-me tudo o que você quiser sobre ela”. Após o relato da criança, caso fosse necessário acrescentar a amostra da fala, a pesquisadora elaborava questões relacionadas à figura para incitar a fala. Se a criança não conseguisse desenvolver uma narrativa com uso de figura inicialmente apresentada, outra figura era oferecida para a criança com a finalidade de estimular, no mínimo, 200 sílabas fluentes.

O grupo de crianças que participaram do primeiro experimento foi denominado Grupo do experimento 1 (GE1).

As amostras de fala correspondente à variedade mineira do português brasileiro fazem parte do banco de dados da coorientadora deste trabalho, Dr^a Letícia Correa Celeste, e foram gentilmente cedidas para a comparação com a variedade capixaba. Contudo, a coleta de fala obedeceu ao método do primeiro experimento e a análise das variáveis da fluência seguiu os mesmos parâmetros descritos nesta seção.

4.5.2.2 Segundo experimento – método de coleta dupla de amostra de fala com figura estática e fala semiespontânea

Os parâmetros norteadores dessa coleta também foram estabelecidos de acordo com a proposta de Andrade (2000; 2004b; 2006), por ser um método de coleta de fala rotineiramente utilizado na prática clínica e nas pesquisas fonoaudiológicas nacionais com a temática, já mencionadas na seção 2.4 *Avaliações da fluência da fala*. A produção obtida pelo discurso com estímulo visual foi com figura estática como no primeiro experimento, entretanto acrescida da fala semiespontânea com obtenção de, no mínimo, 200 sílabas expressas (sílabas fluentes) cada amostra de fala para

posterior análise. Assim, esse segundo experimento contou com a coleta do primeiro método o e com a fala semiespontânea descrita a seguir.

Para coleta da amostra da fala semiespontânea, foram utilizadas perguntas acerca do dia a dia da criança e de fatos especiais. Foi solicitado para a criança: “Por favor, me conte sobre seu último passeio em família. Você pode me contar como foi?”. Após o relato da criança, se fosse necessário acrescentar a amostra da fala para atender aos objetivos da pesquisa, era solicitado que a criança respondesse outras questões que incitassem a fala, como: “Me conte o dia mais divertido que você já viveu” ou “Qual filme você mais gosta? Me conte o que acontece no filme”.

No segundo experimento — Grupo do experimento 2 (GE2) — participaram crianças que foram divididas em dois grupos: no GE2A, as crianças receberam na primeira coleta a figura estática e posteriormente, na segunda coleta, foi coletada a amostra de fala semiespontânea; no GE2B, participaram crianças que tiveram coletada a amostra de fala semiespontânea e posteriormente (na segunda coleta) com figura estática.

4.5.2.3 Terceiro experimento – método de coleta tripla de amostra de fala com figura estática, fala semiespontânea e história em sequência

Estabeleceram-se os parâmetros norteadores dessa coleta também de acordo com a proposta de Andrade (2000, 2004b; 2006), por ser um método de coleta de fala rotineiramente utilizado na prática clínica e nas pesquisas fonoaudiológicas nacionais com a temática, já mencionadas na seção 2.4 *Avaliações da fluência da fala*. A produção obtida pelo discurso com estímulo visual ocorreu a partir de figura estática, como no primeiro método; com coleta de fala semiespontânea, como no segundo método, com obtenção de, no mínimo, de 200 sílabas expressas (sílabas fluentes) para análise. No entanto, o terceiro método contou com a coleta do primeiro e segundo experimentos supracitados e com o acréscimo da coleta com história em sequência descrita a seguir.

Para coleta da amostra da fala foram utilizadas figuras de história em sequência (Figura 9 e 10, mencionadas anteriormente) para incitar a fala. Foi solicitado para a criança: “Por favor, olhe para essa sequência, trata-se de uma história. Você

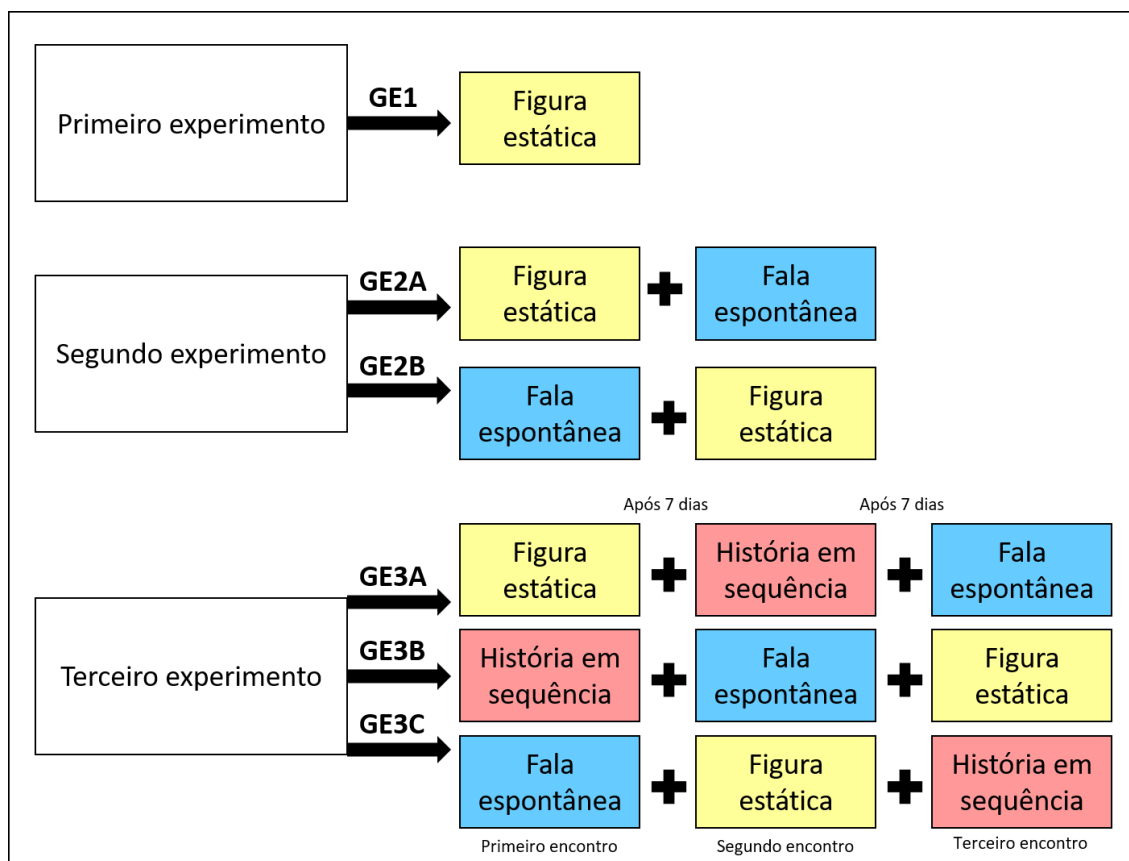
consegue identificar o que está acontecendo?” Caso a resposta fosse positiva, a criança tinha 30 segundos para visualizar a sequência. Posteriormente a pesquisadora disse: “Agora me conte a história”. Após o relato da criança, se fosse necessário acrescentar à amostra da fala para atender aos objetivos da pesquisa, era solicitado que a criança continuasse a história. Caso a criança não conseguisse desenvolver uma narrativa com figura inicialmente apresentada, outra figura de história em sequência era oferecida para a criança com a finalidade de estimular, no mínimo, 200 sílabas fluentes.

No terceiro experimento — Grupo do experimento 3 (GE3) —, participaram crianças que foram divididas em três grupos: GE3A com crianças que fizeram na primeira coleta com uso de figura estática, posteriormente (na segunda coleta) a coleta foi realizada a partir de figura de história em sequência e, por último (terceira coleta), por meio de fala semiespontânea; GE3B com crianças que fizeram a primeira coleta com uso de figura de história em sequência, posteriormente (na segunda coleta) a coleta por meio de fala semiespontânea e por último (terceira coleta), a coleta foi realizada a partir de figura estática; o GE3C com crianças que fizeram a primeira coleta a partir de fala semiespontânea, posteriormente (na segunda coleta) a coleta foi realizada a com uso de figura estática e por último (terceira coleta) a partir de figura da história em sequência.

A amostra da fala foi gravada com gravador portátil, transferida para um disco rígido externo e foi transcrita literalmente em sua totalidade (sílabas fluentes e disfluentes) para análise.

O resumo dos experimentos e métodos da coleta de fala podem ser visualizados na Figura 11.

Figura 11 – Esboço resumido dos experimentos e métodos da coleta de fala



Fonte: Elaboração da autora (2021).

Toda a amostra de fala coletada e considerada para análise deste trabalho foram discursos do tipo narrativo ou descritivo, embora a tipologia discursiva não tenha sido levada em consideração na análise dos dados.

4.6 ANÁLISE DA FALA

Os parâmetros norteadores desta análise se estabeleceram de acordo com a proposta de Andrade (2000, 2004b, 2006), por serem métodos de análise de fala rotineiramente utilizados nas pesquisas em fluência da fala, já mencionadas na seção 2.4 *Avaliações da fluência da fala*.

As variáveis analisadas na amostra de fala são: tipologias das disfluências (típicas e atípicas), descontinuidade de fala e taxa de elocução.

Tipologias das disfluências: para análise das tipologias das disfluências, as amostras de fala foram transcritas ortograficamente e literalmente (sílabas fluentes e

disfluentes) para viabilizar a classificação das disfluências seguindo os critérios de marcação apresentados na Figura 12:

Figura 12 – Critérios para marcação das disfluências na transcrição da fala

Eventos de disfluência - marcados em **negrito**

Segmento ininteligível - ~~~~~~

Interrupção do terapeuta - //

Hesitação - #

Pausa - _____

Bloqueio - / antes da sílaba bloqueada

Prolongamento - _ após a sílaba prolongada

Intrusão na palavra - o segmento de intrusão vem entre / /

Fonte: Andrade (2004b, p. 52).

A classificação das disfluências obedece aos critérios estabelecidos por Andrade (2000, 2004b, 2006): Disfluências típicas⁴ (hesitações, MAS - Marcadores de apoio e Sequenciadores⁵, revisões, palavras não terminadas, repetições de frases); e Disfluências atípicas (3 ou mais repetições de sons e/ou sílabas e/ou palavras, prolongamentos, bloqueios, pausas) conforme descrito no referencial teórico.

Descontinuidade de fala: para essa medida será utilizada a porcentagem de descontinuidade de fala que mede a taxa de disfluência no discurso, para calculá-la deve-se contar a somatória do número total de sílabas produzidas na amostra e a somatória do número total de disfluências (tipologias típicas e atípicas) e aplicar a relação de porcentagem.

$$\frac{\sum \text{do total de disfluências} \times 100}{\sum \text{das sílabas fluentes}} = \text{Descontinuidade de fala}$$

⁴ A autora chama de disfluências comuns e gags; neste trabalho, optamos por utilizar os termos disfluências típicas e atípicas respectivamente.

⁵ A autora denomina as disfluências típicas MAS (Marcadores de Apoio e Sequenciadores) como interjeições. Optamos por adotar este termo no trabalho para favorecer as comparações dos resultados com outros estudos e, ao mesmo tempo, sinalizar o equívoco na conceituação de tais disfluências pela comunidade fonoaudiológica.

Taxa de elocução: para análise das variáveis de medidas temporais da fala serão utilizadas as unidades de medida palavras e sílabas fonológicas conforme apresentado no teste de Fluência (ANDRADE, 2000, 2004b, 2006).

De acordo com o protocolo utilizado, analisa-se o fluxo de palavras e sílabas por minuto. Deve-se cronometrar o tempo total da amostra de fala — Tempo total de elocução (TTE) —, contar a somatória do número total de palavras e sílabas expressas fluentes produzidas e aplicar a regra para compatibilização por minuto.

Palavras por minuto:

$$\frac{\sum \text{das palavras fluentes} \times 60(\text{segundos})}{TTE(\text{tempo total de elocução em segundos})} = \text{Palavra/minuto}$$

Sílabas por minuto:

$$\frac{\sum \text{das sílabas fluentes} \times 60(\text{segundos})}{TTE(\text{tempo total de elocução em segundos})} = \text{Sílabas/minuto}$$

4.7 ANÁLISE DOS DADOS

Um banco de dados específico para este trabalho foi montado no editor de planilhas da Microsoft Excel e posteriormente foi importado pelo software SPSS (versão 20 – IBM Corp., 2011) para análise descritiva e inferencial. Para cada experimento, propõem-se métodos de análises específicas, a saber:

No primeiro experimento, as variáveis analisadas são tipologia das disfluências (típicas e atípicas), descontinuidade de fala e taxa de elocução (palavras e sílabas por minuto). Essas variáveis são comparadas entre as variedades mineira e capixaba na utilização do método de tarefa de fala com o uso de figura estática.

No segundo experimento, as variáveis analisadas são tipologia das disfluências, descontinuidade de fala e taxa de elocução. Essas variáveis são comparadas de acordo com os métodos de tarefa de fala nas coletas a partir figura estática e fala semiespontânea.

No terceiro experimento, as variáveis analisadas são tipologia das disfluências, descontinuidade de fala e taxa de elocução. Essas variáveis são comparadas de

acordo com os métodos de tarefa de fala nas coletas com figura estática, história em sequência e fala semiespontânea.

Para fins de análise descritiva, foi realizada a distribuição de frequência das variáveis categóricas envolvidas no estudo e análise das medidas de tendência central e de dispersão das variáveis contínuas. Os dados foram previamente conferidos e receberam tratamento adequado com codificação numérica, categorização e agrupamentos para viabilizar a análise no programa estatístico.

Para análise estatística inferencial, foram realizados os testes de normalidade para averiguar a distribuição da amostra Kolmogorov-Smirnov (para primeiro, segundo e terceiro experimento). Posteriormente foram utilizados os testes estatísticos selecionados por tipo de experimento e variáveis analisadas.

O experimento 1 apresentou distribuição normal para a variável taxa de elocução (utilizou o Teste T) e não normais ou não paramétricas para as tipologias das disfluências e descontinuidade de fala (utilizou o teste Mann-Whitney). O experimento 2 apresentou distribuição não normal ou não paramétrica- para todas as variáveis e utilizou o teste Wilcoxon.

O terceiro experimento apresentou distribuição normal para a variável taxa de elocução não normais ou não paramétricas para as tipologias das disfluências e descontinuidade de fala. As partes A e B do terceiro experimento utilizaram os testes estatísticos Anova de medidas repetidas (para sílaba e palavra por minuto) e o teste de Friedman (para descontinuidade de fala e tipologia das disfluências). A parte C do terceiro experimento utilizou o teste Anova unifatorial (para sílaba e palavra por minuto) e Kruskal Wallis (para tipologia das disfluências e descontinuidade de fala). Para todos os testes, foi utilizado o valor de significância de 5% ($p\text{-valor} \leq 0,05$).

A seguir apresentamos os resultados obtidos com a análise dos dados.

5 RESULTADOS

O *corpus* de análise foi composto por um somatório total de 410 amostras de fala de 201 crianças, com faixa etária de 6 a 11 anos de idade, comportadas no processo de coleta dos dados a partir de três experimentos, a saber: primeiro experimento – coleta com tarefa de fala com uso de figura estática das variedades mineira e capixaba do português brasileiro; segundo experimento – as diferentes tarefas de fala, por meio de figura estática e fala semiespontânea; terceiro experimento (parte A) – as diferentes tarefas de fala, com uso de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea; terceiro experimento (parte B) – diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro); terceiro experimento (parte C) – associação das diferentes tarefas de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea com as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro).

Os dados tabulados, bem como a análise estatística descritiva e inferencial dos três experimentos encontram-se na íntegra nos Apêndices 5, 6 e 7.

Os resultados obtidos com as análises estatísticas das amostras referentes a cada um dos experimentos, são apresentados a seguir.

5.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO PRIMEIRO EXPERIMENTO

No primeiro experimento, participaram 84 crianças divididas em dois grupos: Grupo MG referente à coleta realizada com 42 crianças mineiras de 8 e 9 anos, com idade média de 8,3 anos ($\pm 0,4$); Grupo ES, referente à coleta realizada com 42 crianças capixabas de 8 e 9 anos, com idade média de 8,5 anos ($\pm 0,5$ desvio-padrão).

Os resultados aqui apresentados se relacionam à coleta de fala com tarefa cognitiva com uso de figura estática das variedades mineira e capixaba do português brasileiro e totalizaram 84 amostras de fala. Na Tabela 1 pode-se verificar a caracterização das amostras dos dois grupos por sexo e idade.

Tabela 1 – Distribuição das características das amostras do 1º experimento

		MG		ES	
Características		N	%	N	%
Sexo					
	Masculino	19	45	21	50
	Feminino	23	55	21	50
	Total	42	100	42	100
Idade					
	8 anos	30	71	21	50
	9 anos	12	29	21	50
	Total	42	100	42	100

N – número de sujeitos da amostra.

Fonte: Elaboração da autora com base em dados da pesquisa (2021).

Utilizando o teste Kolmogorov-Smirnov, verificamos que as amostras do Espírito Santo e Minas Gerais apresentaram distribuição normal apenas para as variáveis de taxa de elocução (sílabas por minuto e palavras por minuto). Foi realizado o teste paramétrico T independente para as variáveis com distribuição normal (sílabas e palavras por minuto) e o teste não paramétrico Mann Whitney para as variáveis de descontinuidade de fala, disfluências típicas e disfluências atípicas que apresentaram distribuição não normal.

O teste T independente (Tabela 2) mostrou que, em média, as crianças capixabas e mineiras possuem a taxa de elocução com valores muito próximos sem diferença estatisticamente significativa em sílabas por minuto ($t(82) = -0,613$; $p > 0,05$) e palavras por minuto ($t(82) = -1,448$; $p > 0,05$).

Tabela 2 – Índices de taxa de elocução das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo

Sílabas por minuto	Média (DP ^(d))	T ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Minas Gerais	154,9(±54,6)	-1,448	82	0,15
Espírito Santo	169,5(±35,9)			
Palavra por minuto				
Minas Gerais	86,8(±30)	-0,613	82	0,54
Espírito Santo	90,2(±20,3)			

^(a) p- valor do Teste T

^(b) Graus de Liberdade

^(c) Valor do Teste T

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base em dados da pesquisa (2021).

Foi realizada a análise inferencial com o teste Mann-Whitney (Tabela 3) que mostrou significância estatística de maior produção de descontinuidade de fala nas crianças falantes da variante mineira ($M= 8,0$; $U= 434,000$; $p < 0,001$). Dessa forma, infere-se que a fala da amostra mineira pesquisada se apresenta mais disfluente do que a amostra capixaba.

Tabela 3 – Índices de descontinuidade de fala das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo

Descontinuidade de fala	Média (DP ^(a)) %	U ^(b)	Valor Z ^(c)	Valor de p ^(d)
Minas Gerais	8,0(±4,8)	434,000	4,008	p < 0,001
Espírito Santo	4,3 (±2,3)			

^(a) Desvio-padrão

^(b) Valor do Teste Mann-Whitney

^(c) Valor de Z

^(d) p - valor do Teste Mann-Whitney

Fonte: Elaboração da autora com base em dados da pesquisa (2021).

No que concerne às disfluências típicas (Tabela 4), o teste Mann-Whitney mostrou que há efeito das variedades mineira e capixaba sobre a produção de disfluências de hesitação ($M= 4,8$; $U= 469,000$; $p < 0,001$), revisão ($M= 42,9$; $U= 439 ,000$; $p < 0,001$) e repetição de segmento ($M= 0,9$; $U=681,500$; $p < 0,005$).

Foi verificada maior produção de hesitação na variedade mineira e maior produção de revisão e repetição de segmentos pela variedade capixaba do português brasileiro.

Tabela 4 – Média da produção das disfluências típicas das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo

Continua				
Hesitação	Média (DP ^(d))	U ^(c)	Valor Z ^(b)	Valor de p ^(a)
Minas Gerais	4,8(±3,8)	469,000	3,729	p < 0,001
Espírito Santo	2,2(±2,3)			
MAS⁶				
Minas Gerais	1,6(±2,2)	739,000	1,338	0,18
Espírito Santo	2,8(±3,7)			
Revisão				
Minas Gerais	1,1(±1,1)	439 ,000	4,507	p < 0,001
Espírito Santo	2,9 (±2,1)			
Palavra não terminada				
Minas Gerais	0,4(±0,8)	743,500	1,769	0,07
Espírito Santo	0,2 (±0,6)			

⁶ Marcadores de Apoio e Sequenciadores, denominado por Andrade (2000, 2004) como interjeição.

				Conclusão
Repetição de palavra	Média (DP^(d))	U^(c)	Valor Z^(b)	Valor de p^(a)
Minas Gerais	1,3(±1,6)	845,000	0,346	1,0
Espírito Santo	1,3 (±1,4)			
Repetição de Segmento				
Minas Gerais	0,5(±0,8)	681,500	1,952	p < 0,05
Espírito Santo	0,9 (±1,0)			
Repetição de frase				
Minas Gerais	0	---(e)	---(e)	---(e)
Espírito Santo	0			

^(a) p- valor do Teste Mann-Whitney

^(b) Valor de Z do Teste Mann-Whitney

^(c) Valor do Teste Mann-Whitney

^(d) Desvio-padrão

^(e) Não foi possível realizar a estatística teste

Fonte: Elaboração da autora com base em dados da pesquisa (2021).

Em relação às disfluências atípicas (Tabela 5), o teste Mann-Whitney mostrou que há efeito das variedades mineira e capixaba sobre a produção de disfluências de prolongamento (M= 3,7; U= 216,000; p <0,001), pausa (M= 0,62; U= 676,000; p <0,005) e intrusão de som ou segmento (M= 0,14; U= 777,000; p <0,005).

Foi verificada maior produção das disfluências mencionadas na variedade mineira do português brasileiro.

Tabela 5 – Média da produção das disfluências atípicas das amostras de Minas Gerais e do Espírito Santo

				Continua
Repetição de sílaba	Média (DP^(d))	U^(c)	Valor Z^(b)	Valor de p^(a)
Minas Gerais	0,12(±0,45)	859,000	0,502	0,61
Espírito Santo	0,05(±0,21)			
Repetição de som				
Minas Gerais	0,10(±0,37)	773,500	1,657	0,09
Espírito Santo	0,43(±1,15)			
Prolongamento				
Minas Gerais	3,17(±2,55)	216,000	6,450	p < 0,001
Espírito Santo	0,48 (±1,87)			
Bloqueio				
Minas Gerais	0,00	---(e)	---(e)	---(e)
Espírito Santo	0,00			

				Conclusão
Pausa	Média (DP ^(d))	U ^(c)	Valor Z ^(b)	Valor de p ^(a)
Minas Gerais	0,62(±1,56)	676,500	3,022	p < 0,05
Espírito Santo	0,17(±1,08)			
Intrusão de som ou Segmento				
Minas Gerais	0,14(±0,41)	777,000	2,291	p < 0,05
Espírito Santo	0,00(0,00)			

^(a) p- valor do Teste Mann-Whitney

^(b) Valor de Z do Teste Mann-Whitney

^(c) Valor do Teste Mann-Whitney

^(d) Desvio-padrão

^(e) Não foi possível realizar a estatística teste

Fonte: Elaboração da autora com base em dados da pesquisa (2021).

Entre as hipóteses estabelecidas para esta tese, as que se aplicam ao Experimento 1 e suas devidas interpretações são:

- A variável da fluência da fala “taxa de elocução” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB.

Essa hipótese foi refutada nas amostras pesquisadas.

- A variável da fluência da fala “descontinuidade de fala” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB.

Essa hipótese foi confirmada nas variedades mineira e capixaba.

- A variável da fluência da fala “tipologias das disfluências típicas” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB.

Essa hipótese foi confirmada parcialmente nas variedades mineira e capixaba. A manifestação das disfluências típicas de hesitação, revisão e repetição de segmento se diferem entre as variedades mineira e capixaba. As demais disfluências típicas foram iguais entre as variedades pesquisadas, a saber: MAS, palavra não terminada, repetição de palavra e repetição de frase.

- A variável da fluência da fala “tipologias das disfluências atípicas” é diferente entre as variedades mineira e capixaba do PB.

Essa hipótese foi confirmada parcialmente nas variedades mineira e capixaba. A manifestação das disfluências atípicas de prolongamento, pausa e intrusão de som ou segmento se diferem entre as variedades mineira e capixaba. As demais

disfluências atípicas foram iguais entre as variedades pesquisadas, a saber: repetição de sílaba, repetição de som e bloqueio.

5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO SEGUNDO EXPERIMENTO

Participaram desse experimento 25 crianças (13 meninos e 12 meninas) de 6 a 11 anos, com idade média de 8,6 anos ($\pm 1,7$). Os resultados aqui apresentados se relacionam às diferentes tarefas de fala por meio de figura estática e fala semiespontânea e totalizaram 50 amostras de fala. Na Tabela 6 pode-se verificar as características da amostra.

Tabela 6 – Distribuição por sexo e idade das amostras do 2º experimento

Idade	6 anos (N)	7 anos (N)	8 anos (N)	9 anos (N)	10 anos (N)	11 anos (N)	Total (N)
Sexo							
Masculino	2	3	1	3	2	2	13
Feminino	1	2	3	1	2	3	12
Total (N)	3	5	4	4	4	5	25

N – número de sujeitos da amostra.

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Todas as variáveis do segundo experimento não apresentaram distribuição normal na análise com o teste Kolmogorov-Smirnov. Posteriormente foi realizada a análise inferencial por meio do teste não paramétrico Wilcoxon.

Os dados apresentados na Tabela 7 demonstraram que embora as variáveis apresentem maiores médias na fala semiespontânea, não há diferença estatisticamente significativa entre as medidas taxas de elocução de sílaba ($Z=1,251$; $p>0,05$) e palavra por minuto ($Z=1,144$; $p>0,05$).

Tabela 7 – Índices de taxa de elocução nas diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática

Sílaba por minuto	Média (DP^(a))	Z^(b)	Valor de p^(a)
Figura estática	191,4($\pm 76,9$)	1,251	0,21
Semiespontânea	198,7($\pm 49,2$)		
Palavras por minuto			
Figura estática	115,3($\pm 52,7$)	1,144	0,25
Semiespontânea	148,0($\pm 154,6$)		

^(a) Desvio-padrão

^(b) Valor de Z do teste Wilcoxon

^(c) Valor de p do teste Wilcoxon

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Na Tabela 8, pode-se perceber que, embora a descontinuidade de fala apresente maior média na fala semiespontânea, não há diferença estatisticamente significativa ($Z=1,574$; $p>0,05$).

Tabela 8 – Índices de descontinuidade de fala nas diferentes tarefas por meio de fala semiespontânea e figura estática

Descontinuidade de fala	Média (DP ^(a)) %	Z ^(b)	Valor de p ^(a)
Figura estática	4,2(±3,1)	1,251	0,21
Semiespontânea	4,7 (±3,1)		

^(a) Desvio-padrão

^(b) Valor de Z do teste Wilcoxon

^(c) Valor de p do teste Wilcoxon

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Os dados apresentados na Tabela 9 demonstram que as variáveis de disfluências típicas apresentam maiores médias na coleta de fala semiespontânea, exceto as disfluências típicas de hesitação e repetição de palavra.

Na Tabela 9, os dados mostram ainda que disfluências típicas de hesitação ($Z=-0,826$; $p>0,05$), MAS ($Z=-1,666$; $p>0,05$), revisão ($Z=-0,788$; $p>0,05$), repetição de palavra ($Z=-0,311$; $p>0,05$), repetição de segmento ($Z=-0,433$; $p>0,05$), e repetição de frase ($Z=-1,000$; $p>0,05$) não sofreram diferença estatisticamente significativa entre as diferentes tarefas de fala a partir de fala semiespontânea e de figura estática. Já a disfluência típica de palavra não terminada ($Z=-2,271$; $p<0,05$) sofreu diferença estatisticamente significativa entre as diferentes tarefas de fala e apresentou maior produção na fala semiespontânea.

Tabela 9 – Índices de disfluências típicas nas diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática

Continua			
Hesitação	Média (DP ^(a))	Z ^(b)	Valor de p ^(a)
Figura estática	5,08(9,55)	-0,826	0,40
Semiespontânea	4,20(7,52)		
MAS			
Figura estática	2,68(4,60)	-1,666	0,09
Semiespontânea	4,96(6,63)		

			Conclusão
Revisão	Média (DP ^(a))	Z ^(b)	Valor de p ^(a)
Figura estática	3,20(3,00)		
Semiespontânea	4,28(5,96)	-0,788	0,43
Palavra não terminada			
Figura estática	0,12(0,33)		
Semiespontânea	0,44(0,65)	-2,271	0,02
Repetição de palavra			
Figura estática	1,92(1,68)		
Semiespontânea	1,92(2,17)	-0,311	0,75
Repetição de segmento			
Figura estática	0,72(1,51)		
Semiespontânea	0,75(0,97)	-0,433	0,66
Repetição de frase			
Figura estática	0,12(0,44)		
Semiespontânea	0,16(0,62)	-1,000	0,31

^(a) Desvio-padrão

^(b) Valor de Z do teste Wilcoxon

^(c) Valor de p do teste Wilcoxon

Fonte: Elaboração da autora com dados da pesquisa (2021).

Os dados apresentados na Tabela 10 demonstraram que as variáveis de disfluências atípicas apresentam maiores médias na coleta a partir de fala semiespontânea, exceto na pausa.

Para as variáveis de disfluências atípicas (Tabela 10), o teste não paramétrico de Wilcoxon indicou que a produção das disfluências atípicas de repetição de sílaba ($Z=-0,577$; $p>0,05$), repetição de som ($Z=0,000$; $p>0,05$), prolongamento ($Z=-0,552$; $p>0,05$), bloqueio ($Z=-1,000$; $p>0,05$), pausa ($Z=-1,414$; $p>0,05$) e intrusão de som ou segmento ($Z=0,000$; $p>0,05$) não sofreu influência dos diferentes tarefas de fala por meio de fala espontânea e de figura estática.

Tabela 10 – Índices de disfluências atípicas nas diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática

Repetição de sílaba	Média (DP^(a))	Z^(b)	Valor de p^(a)
Figura estática	0,04(0,20)	-0,577	0,56
Semiespontânea	0,08(0,27)		
Repetição de som			
Figura estática	0,00(0,00)	0,000	1,00
Semiespontânea	0,00(0,00)		
Prolongamento			
Figura estática	0,28(0,89)	-0,552	0,58
Semiespontânea	0,36(0,95)		
Bloqueio			
Figura estática	0,00(0,00)	-1,000	0,31
Semiespontânea	0,04(0,20)		
Pausa			
Figura estática	0,16(0,47)	-1414	0,15
Semiespontânea	0,08(0,40)		
Intrusão de som ou segmento			
Figura estática	0,00(0,00)	0,000	1,00
Semiespontânea	0,00(0,00)		

^(a) Desvio-padrão^(b) Valor de Z do teste Wilcoxon^(c) Valor de p do teste Wilcoxon

Fonte: Elaboração da autora com dados da pesquisa (2021).

Entre as hipóteses estabelecidas para essa tese, as que se aplicam ao Experimento 2 e suas devidas interpretações são:

- As diferentes tarefas na coleta de fala, com base em figura estática e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “taxa de elocução”;
- As diferentes tarefas na coleta de fala, a partir de figura estática e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “descontinuidade de fala”.
- As diferentes tarefas na coleta de fala, com base em figura estática e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências típicas”.

- As diferentes tarefas na coleta de fala, a partir figura estática e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências atípicas”.

As hipóteses supracitadas foram refutadas, pois as diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática não interferem na manifestação das tipologias das disfluência, na descontinuidade de fala ou na taxa de elocução (sílabas e palavras por minuto), exceto na disfluência típica de palavra não terminada que apresentou maior produção estatisticamente significativa na coleta por meio de fala semiespontânea.

5.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TERCEIRO EXPERIMENTO – PARTE A

Participaram desse experimento 92 crianças (33 meninos e 59 meninas) de 6 a 11 anos, com idade média de 8,3 anos ($\pm 1,44$). Os resultados aqui apresentados se relacionam às diferentes tarefas de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, totalizando 276 amostras de fala. Na análise estatística desta seção, foram desconsideradas as diferentes ordens dos encontros e focou-se nas diferentes tarefas de fala.

As variáveis da parte A do terceiro experimento foram testadas quanto a sua distribuição por meio do teste Kolmogorov Smirnov verificando-se que as variáveis de sílaba por minuto e palavra por minuto (de todos as diferentes tarefas de fala) apresentaram distribuição normal. As demais variáveis não apresentaram distribuição normal.

Foi realizada a análise inferencial das taxas de elocução (Tabela 11) por meio do teste paramétrico ANOVA de uma via com medidas repetidas, demonstrando que há efeito das diferentes tarefas de fala sobre as medidas de taxa de elocução de sílaba por minuto [$F(2, 182) = 5,228$; $p < 0,005$] e palavra por minuto [$F(1,77, 161,74) = 9,401$; $p < 0,001$].

Tabela 11 – Índices de taxa de elocução nas diferentes tarefas de fala

SIL/MIN ^(e)	Média (DP ^(d))	F ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Figura estática	176,7(±47,0)			
Semiespontânea	187,5(±45,6)	5,228	2	p < 0,005
História em sequência	189,7(±42,1)			
PAL/MIN^(f)				
Figura estática	93,9(±23,2)			
Semiespontânea	106,1(±29,4)	9,401	2	p < 0,001
História em sequência	100,4(±24,9)			

(a) p valor do teste ANOVA

(b) Graus de liberdade

(c) Valor do teste ANOVA

(d) Desvio-padrão

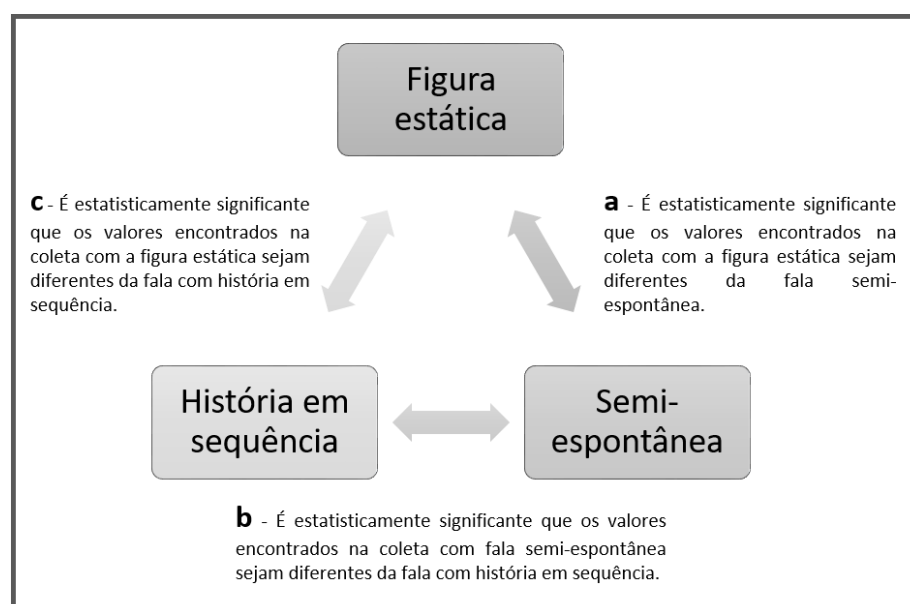
(e) Sílabas por minuto

(f) Palavra por minuto

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Na análise inferencial do cruzamento de dados de três amostras pareadas não é especificado entre quais elementos houve a diferença estatisticamente significativa, por isso, é realizada a análise de *post hoc*.

Na tentativa de favorecer o entendimento da análise de *post hoc* foi elaborada a Figura 13 para favorecer na interpretação desta seção (parte A do terceiro experimento). Sequencialmente, são apresentadas tabelas com as análises de *post hoc* que utilizam a sinalização das letras descritas a seguir.

Figura 13 – Codificação da análise dos testes de *post hoc* da parte A do terceiro experimento

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Para a interpretação das Tabelas 12, 14 e 16 é importante se atentar que os colchetes (]) delimitam as variáveis que apresentam diferença estatisticamente significativa. As setas para baixo (↓) representam que as médias das variáveis foram baixas e as setas para cima (↑) representam que as médias das variáveis foram altas.

Conforme demonstrado na Tabela 12, o teste de *post hoc* de Sidak mostrou que nas taxas de elocução de sílaba por minuto e palavra por minuto, a diferença entre as diferentes tarefas de fala ocorreu entre figura estática e fala semiespontânea e figura estática e história em sequência. As diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e história em sequência não apresentaram diferenças entre si.

Tabela 12 – Análise do *post hoc* das taxas de elocução que sofreram influência da variação da tarefa cognitiva na coleta de fala

Sílaba por minuto	Média (DP)	Análise do <i>post hoc</i> de Sidak
Figura estática	176,7(±47,0)↓	] a] c
Semi-espontânea	187,5(±45,6)↑	
História em sequência	189,7(±42,1)↑	
Palavra por minuto		
Figura estática	93,9(±23,2)↓	] a] c
Semi-espontânea	106,1(±29,4)↑	
História em sequência	100,4(±24,9)↑	

DP – desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Para a variável descontinuidade de fala (Tabela 13) foi realizado o teste não paramétrico de Friedman que mostrou que há efeito das diferentes tarefas de fala na descontinuidade de fala [$\chi^2(2) = 7,467$; $p < 0,05$].

Tabela 13 – Índices de descontinuidade de fala nas

Descontinuidade de fala	Média (DP ^(d)) %	χ^2 (c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Figura estática	4,47(±2,50)	7,467	2	p < 0,05
Semiespontânea	5,51(±2,94)			
História em sequência	4,91(±2,97)			

^(a) p valor do teste Friedman

^(b) Graus de liberdade

^(c) Qui quadrado do Teste Friedman

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

O teste *post hoc* de Dunn Bonferroni (Tabela 14) mostrou que as diferentes tarefas de fala por meio de fala semiespontânea e figura estática se diferem entre si, sendo maior a média de descontinuidade de fala na coleta de fala semiespontânea.

Tabela 14 – Análise do *post hoc* descontinuidade de fala que sofreu influência da variação da tarefa cognitiva na coleta de fala

Descontinuidade de fala	Média (DP ^(d))	Análise do <i>post hoc</i> de Dunn Bonferroni
Figura estática	4,47(±2,50)↓	]a
Semiespontânea	5,51(±2,94)↑	
História em sequência	4,91(±2,97)	

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Para as variáveis de disfluências típicas (Tabela 15), o teste não paramétrico de Friedman indicou que as disfluências típicas de hesitação [$\chi^2(2) = 24,580$; $p < 0,001$] e MAS [$\chi^2(2) = 13,988$; $p > 0,001$] sofreram influência das diferentes tarefas de fala.

Tabela 15 – Índices de disfluências típicas nas diferentes tarefas de fala

Hesitação	Média (DP ^(d))	$\chi^2(c)$	df ^(b)	Valor de p ^(a)	Continua
Figura estática	4,72(±7,23)	24,580	2	p < 0,001	
Semiespontânea	5,67(±8,49)				
História em sequência	3,17(±5,35)				
MAS		13,988	2	p < 0,001	
Figura estática	5,82(±5,18)				
Semiespontânea	10,79(±8,68)				
História em sequência	6,90(±5,60)				
Revisão		2,976	2	0,22	
Figura estática	2,26(±2,22)				
Semiespontânea	3,18(±3,38)				
História em sequência	2,38(±2,22)				
Palavra não terminada		1,194	2	0,55	
Figura estática	0,96(±1,66)				
Semiespontânea	0,89(±1,51)				
História em sequência	1,07(±1,66)				
Repetição de palavra		7,604	2	0,07	
Figura estática	1,99(±2,43)				
Semiespontânea	2,37(±2,35)				
História em sequência	1,86(±2,02)				
Conclusão					

Repetição de segmento	Média (DP ^(d))	χ^2 ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Figura estática	0,43(±0,88)	4,573	2	0,10
Semiespontânea	0,49(±0,93)			
História em sequência	0,62(±0,98)			
Repetição de frase				
Figura estática	0,25(±0,75)	0,212	2	0,89
Semiespontânea	0,25(±0,73)			
História em sequência	0,20(±0,49)			

^(a) p valor do teste Friedman

^(b) Graus de liberdade

^(c) Qui quadrado do Teste Friedman

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Na Tabela 16, o teste *post hoc* de Dunn Bonferroni mostrou que há diferença na produção da hesitação entre a coleta de fala semiespontânea e a coleta com o uso da história em sequência, com maior produção na primeira e menor produção na segunda tarefa de fala. Já para as disfluências de MAS, o teste *post hoc* de Dunn Bonferroni evidenciou diferença entre a coleta de fala semiespontânea e a coleta com o uso de figura estática, com maior produção na primeira e menor produção na segunda tarefa de fala.

Tabela 16 – Análise do *post hoc* das disfluências típicas que sofreram influência da variação da tarefa cognitiva na coleta de fala

Hesitação	Média (DP ^(d))	Análise do <i>post hoc</i> de Dunn Bonferroni
Figura estática	4,72(±7,23)	] b
Semiespontânea	5,67(±8,49) ↑	
História em sequência	3,17(±5,35) ↓	
MAS		
Figura estática	5,82(±5,18) ↓	] a
Semiespontânea	10,79(±8,68) ↑	
História em sequência	6,90(±5,60)	

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Para as variáveis de disfluências atípicas (Tabela 17), o teste não paramétrico de Friedman indicou que a produção das disfluências atípicas de repetição de sílaba [$\chi^2(2) = 3,000$; $p > 0,005$], repetição de som [$\chi^2(2) = 0,412$; $p > 0,005$], prolongamento [$\chi^2(2) = 2,000$; $p > 0,005$], bloqueio [$\chi^2(2) = 0,000$; $p > 0,005$], pausa [$\chi^2(2) = 0,400$; p

> 0,005] e intrusão de som ou segmento [$\chi^2(2) = 3,000$; $p > 0,005$] não sofreu influência das diferentes tarefas de fala.

Tabela 17 – Índices de disfluências atípicas nas diferentes tarefas de fala

Repetição de sílaba	Média (DP ^(d))	χ^2 ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Figura estática	0,18(±0,76)	3,000	2	0,22
Semiespontânea	0,15(±0,72)			
História em sequência	0,10(±0,49)			
Repetição de som				
Figura estática	0,18(±1,12)	0,412	2	0,81
Semiespontânea	0,08(±0,37)			
História em sequência	0,11(±0,65)			
Prolongamento				
Figura estática	0,08(±0,30)	2,000	2	0,36
Semiespontânea	0,14(±0,73)			
História em sequência	0,03(±0,23)			
Bloqueio				
Figura estática	0,02(±0,20)	0,000	2	1,00
Semiespontânea	0,01(±0,10)			
História em sequência	0,01(±0,10)			
Pausa				
Figura estática	0,02(±0,14)	0,400	2	0,81
Semiespontânea	0,04(±0,32)			
História em sequência	0,02(±0,02)			
Intrusão de som ou segmento				
Figura estática	0,02(±0,14)	3,000	2	0,22
Semiespontânea	0,01(±0,10)			
História em sequência	0,0			

^(a) p valor do teste Friedman

^(b) Graus de liberdade

^(c) Qui quadrado do Teste Friedman

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Entre as hipóteses estabelecidas para esta tese, as que se aplicam ao Experimento 3 (parte A) e suas devidas interpretações são:

- As diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “taxa de elocução”.

Essa hipótese foi confirmada porque a manifestação da taxa de elocução (palavras e sílabas por minuto) diferiu nas diferentes tarefas de fala.

- As diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “descontinuidade de fala”.

Essa hipótese foi confirmada porque a manifestação da descontinuidade de fala diferiu nas diferentes tarefas de fala.

- As diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências típicas”.

Essa hipótese foi confirmada parcialmente, pois as médias das disfluências típicas de hesitação e MAS sofreram interferência das diferentes tarefas de fala. Já as demais disfluências típicas foram iguais nas diferentes tarefas de fala pesquisadas (revisão, palavra não terminada, repetição de palavra e repetição de segmento).

- As diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências atípicas”.

Essa hipótese foi refutada, pois as médias das disfluências atípicas não sofreram interferência das diferentes tarefas de fala.

5.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TERCEIRO EXPERIMENTO - PARTE B

Participaram desse experimento as mesmas 92 crianças do terceiro experimento “parte A” (33 meninos e 59 meninas) de 6 a 11 anos, com idade média de 8,3 anos ($\pm 1,44$). Os resultados aqui apresentados se relacionam às diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontros) com diferença de sete dias entre as coletas. Nessa análise estatística, foram desconsideradas as diferentes tarefas de fala e focou-se na diferença da ordem dos encontros nas coletas de fala.

As variáveis da parte B do terceiro experimento foram testadas quanto a sua distribuição por meio do teste Shapiro Wilk, que verificou distribuição normal das

variáveis de sílaba por minuto e palavra por minuto (dos três encontros). As demais variáveis não apresentaram distribuição normal.

Foi realizada a análise inferencial das taxas de elocução (Tabela 18) por meio do teste paramétrico ANOVA de uma via com medidas repetidas, que demonstrou não haver efeito da ordem dos encontros nas medidas de taxa de elocução de sílaba por minuto [$F(2, 182) = 1,776$; $p > 0,05$] e palavra por minuto [$F(2, 182) = 0,983$; $p > 0,05$].

Nesta seção (parte B), não houve diferença estatisticamente significativa entre as ordens dos encontros e, dessa forma, não houve a necessidade de análise de *post hoc* como nas partes A e C do terceiro experimento.

Tabela 18 – Índices de taxa de elocução na ordem dos encontros

Sílabas por minuto	Média (DP ^(d))	<i>F</i> ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Primeiro encontro	181,23(±47,86)	1,776	2	0,17
Segundo encontro	183,51(±44,28)			
Terceiro encontro	189,24(±43,40)			
Palavras por minuto				
Primeiro encontro	97,96(±24,78)	0,983	2	0,37
Segundo encontro	100,64(±24,39)			
Terceiro encontro	102,02(±29,90)			

^(a) p valor do teste ANOVA

^(b) Graus de liberdade

^(c) Valor do teste ANOVA

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Para a variável descontinuidade de fala (Tabela 19) foi realizado o teste não paramétrico de Friedman que mostrou não haver efeito das diferentes da ordens dos encontros de fala na descontinuidade de fala [$\chi^2(2) = 5,517$; $p > 0,05$].

Tabela 19 – Índices de descontinuidade de fala na ordem dos encontros

Descontinuidade de fala	Média (DP ^(d)) %	$\chi^2^{(c)}$	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Primeiro encontro	5,18(±3,17)	2,517	2	0,28
Segundo encontro	4,69(±2,39)			
Terceiro encontro	5,03(±2,90)			

^(a) p valor do teste Friedman

^(b) Graus de liberdade

^(c) Qui quadrado do Teste Friedman

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Para as variáveis de disfluências típicas (Tabela 20) o teste não paramétrico de Friedman indicou que a disfluências típicas de hesitação [$\chi^2(2) = 0,683$; $p > 0,05$]; MAS [$\chi^2(2) = 0,094$; $p > 0,05$]; revisão [$\chi^2(2) = 0,949$; $p > 0,05$]; palavra não terminada [$\chi^2(2) = 2,235$; $p > 0,05$]; repetição de palavra [$\chi^2(2) = 2,899$; $p > 0,05$]; repetição de segmento [$\chi^2(2) = 0,653$; $p > 0,05$] e repetição de frase [$\chi^2(2) = 0,030$; $p > 0,05$] não sofreram influência da ordem dos encontros da coleta de fala.

Tabela 20 – Índices de disfluências típicas na ordem dos encontros

Hesitação	Média (DP ^(d))	χ^2 ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
Primeiro encontro	5,29(±8,78)	0,683	2	0,71
Segundo encontro	4,58(±7,07)			
Terceiro encontro	3,68(±5,27)			
MAS				
Primeiro encontro	8,09(±7,48)	0,094	2	0,95
Segundo encontro	7,89(±7,04)			
Terceiro encontro	7,52(±6,46)			
Revisão				
Primeiro encontro	2,43(±2,28)	0,949	2	0,62
Segundo encontro	2,51(±2,42)			
Terceiro encontro	2,88(±3,26)			
Palavra não terminada				
Primeiro encontro	0,93(±1,59)	2,235	2	0,32
Segundo encontro	0,89(±1,53)			
Terceiro encontro	1,08(±1,7)			
Repetição de palavra				
Primeiro encontro	1,92(±1,94)	2,899	2	0,23
Segundo encontro	1,94(±2,23)			
Terceiro encontro	2,34(±2,61)			
Repetição de segmento				
Primeiro encontro	0,54(±0,98)	0,653	2	0,72
Segundo encontro	0,50(±0,93)			
Terceiro encontro	0,50(±0,89)			
Repetição de frase				
Primeiro encontro	0,20(±0,50)	0,030	2	0,98
Segundo encontro	0,27(±0,78)			
Terceiro encontro	0,21(±0,69)			

^(a) p valor do teste Friedman

^(b) Graus de liberdade

^(c) Qui quadrado do Teste Friedman

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Para as variáveis de disfluências atípicas (Tabela 21), o teste não paramétrico de Friedman indicou que a produção das disfluências atípicas de repetição de sílaba [$\chi^2(2) = 5,571$; $p > 0,05$], repetição de som [$\chi^2(2) = 1,118$; $p > 0,05$], prolongamento [$\chi^2(2) = 0,452$; $p > 0,05$], bloqueio [$\chi^2(2) = 2,000$; $p > 0,05$], pausa [$\chi^2(2) = 1,600$; $p > 0,05$] e intrusão de som ou segmento [$\chi^2(2) = 0,000$; $p > 0,05$] não sofreu influência da ordem dos encontros da coleta de fala.

Tabela 21 – Índices de disfluências atípicas na ordem dos encontros

Repetição de sílaba	Média (DP^(d))	χ^2 ^(c)	df ^(b)	Valor de p^(a)
Primeiro encontro	0,20(±0,77)	5,571	2	0,06
Segundo encontro	0,11(±0,51)			
Terceiro encontro	0,10(±0,70)			
Repetição de som				
Primeiro encontro	0,06(±0,35)	1,118	2	0,57
Segundo encontro	0,09(±0,47)			
Terceiro encontro	0,20(±1,21)			
Prolongamento				
Primeiro encontro	0,10(±0,68)	0,452	2	0,79
Segundo encontro	0,76(±0,37)			
Terceiro encontro	0,06(±0,28)			
Bloqueio				
Primeiro encontro	0,00(±0,00)	2,00	2	0,36
Segundo encontro	0,03(±0,23)			
Terceiro encontro	0,01(±0,10)			
Pausa				
Primeiro encontro	0,05(±0,34)	1,600	2	0,44
Segundo encontro	0,01(±0,10)			
Terceiro encontro	0,02(±0,20)			
Intrusão de som ou segmento				
Primeiro encontro	0,01(±0,10)	0,000	2	1,00
Segundo encontro	0,01(±0,10)			
Terceiro encontro	0,01(±0,10)			

Legenda:

^(a) p valor do teste Friedman

^(b) Graus de liberdade

^(c) Qui quadrado do Teste Friedman

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Na parte B do terceiro experimento, não houve diferença estatisticamente significativa entre as amostras. Dessa forma, não foi necessária a análise *post hoc*. Entre as

hipóteses estabelecidas para esta tese, as que se aplicam ao Experimento 3 (parte B) e suas devidas interpretações são:

- As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “taxa de elocução”.

Essa hipótese foi refutada. A manifestação da taxa de elocução foi semelhante, independentemente da ordem dos encontros na coleta de fala.

- As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “descontinuidade de fala”.

Essa hipótese foi refutada. A manifestação da descontinuidade de fala foi semelhante, independentemente da ordem dos encontros na coleta de fala.

- As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências típicas”.

Essa hipótese foi refutada. A manifestação das disfluências típicas foi semelhante, independentemente da ordem dos encontros na coleta de fala.

- As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências atípicas”.

Essa hipótese foi refutada. A manifestação das disfluências atípicas foi semelhante, independentemente da ordem dos encontros na coleta de fala.

5.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TERCEIRO EXPERIMENTO – PARTE C

Participaram desse experimento as mesmas 92 crianças do terceiro experimento “parte A e B” (33 meninos e 59 meninas) de 6 a 11 anos, com idade média de 8,3 anos ($\pm 1,44$). Foram realizadas coletas de fala no primeiro, segundo e terceiro encontro por meio de figura estática, fala semiespontânea e história em sequência com diferença de sete dias entre as coletas. Nessa análise estatística, foram consideradas as diferentes tarefas de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala

semiespontânea e as diferentes ordens dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro).

Os testes de normalidade das variáveis aqui apresentadas foram realizados nas partes A e B do terceiro experimento desta seção.

Na Tabela 22, o teste ANOVA unifatorial mostrou que a taxa de elocução de sílaba por minuto não sofreu efeito das ordens dos encontros nas coletas das amostras de fala com base em figura estática [$F(2,89)=1,186$; $p > 0,05$], fala semiespontânea [$F(2,89)=2,886$; $p > 0,05$] e história em sequência [$F(2,89)=2,322$; $p > 0,05$].

O teste ANOVA unifatorial também mostrou que a taxa de elocução de palavra por minuto não sofreu efeito das ordens dos encontros nas coletas das amostras de fala por meio de figura estática [$F(2,89)=0,171$; $p > 0,05$], fala semiespontânea [$F(2,89)=1,561$; $p > 0,05$] e história em sequência [$F(2,89)=1,541$; $p > 0,05$].

Tabela 22 – Índices de taxa de elocução nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros

Sílabas por minuto	Média (DP ^(a))			$F^{(b)}$	df ^(c)	Valor de p ^(d)
	1º encontro	2º encontro	3º encontro			
Figura estática	187,21(±57,15)	169,63(±47,30)	175,87(±27,89)	1,186	2	0,31
Semiespontânea	178,15(±47,45)	183,39(±35,59)	203,79(±47,41)	2,886	2	0,06
História em sequência	179,04(±35,43)	202,76(±40,02)	186,38(±45,52)	2,322	2	0,10
Palavras por minuto						
Figura estática	96,07(±25,25)	93,15(±26,29)	92,74(±14,25)	0,171	2	0,84
Semiespontânea	100,98(±27,14)	105,96(±19,56)	113,59(±37,38)	1,561	2	0,21
História em sequência	95,09(±19,81)	106,76(±22,95)	98,98(±28,43)	1,541	2	0,22

^(a) Desvio-padrão

^(b) Valor do teste ANOVA unifatorial

^(c) Graus de liberdade

^(d) p valor do ANOVA unifatorial

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Na Tabela 23, o teste não paramétrico Kruskal Wallis mostrou que há efeito da ordem dos encontros na coleta da amostra de fala semiespontânea [$\chi^2(2) = 8,537$; $p < 0,05$] na variável descontinuidade de fala.

Tabela 23 – Índices de descontinuidade de fala nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros

Descontinuidade de fala	Média (DP ^(b)) %			χ^2 ^(c)	df ^(d)	Valor de p ^(e)
	1º encontro	2º encontro	3º encontro			
Figura estática	4,09(±2,44)	5,10(±2,73)	3,86(±1,95)	3,651	2	0,16
Semiespontânea	6,65(±3,54)	4,30(±1,92)	4,88(±2,06)	8,537	2	0,01
História em sequência	3,99(±2,15)	4,41(±2,20)	5,80(±3,60)	4,297	2	0,11

^(b) Desvio-padrão

^(c) Qui quadrado do teste Kruskal Wallis

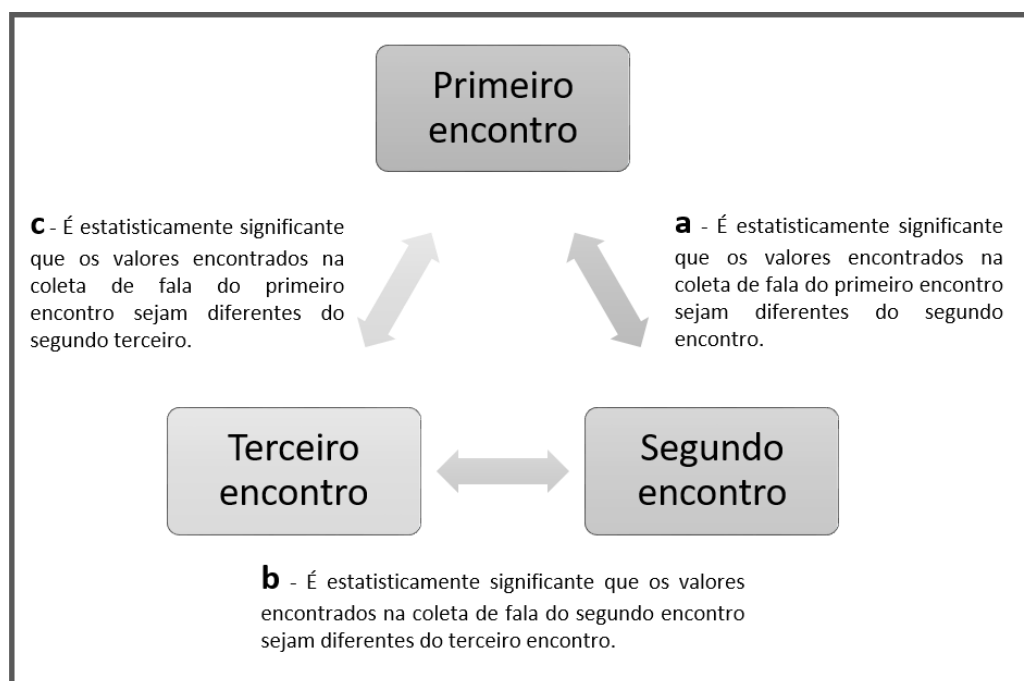
^(d) Graus de liberdade

^(e) p valor do teste Kruskal Wallis

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

A análise inferencial do cruzamento de dados de três amostras pareadas não determina especificamente entre quais elementos houve a diferença estatisticamente significativa, por isso é realizada a análise de *post hoc*.

Na tentativa de favorecer o entendimento da análise de *post hoc* foi elaborada a imagem abaixo para auxiliar na interpretação dos resultados desta seção (parte C do terceiro experimento). Sequencialmente são apresentadas tabelas com as análises de *post hoc* que utilizam a sinalização das letras descritas na Figura 14 a seguir.

Figura 14 – Codificação da análise dos testes de *post hoc* da parte C do terceiro experimento

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Para a interpretação das Tabelas 24, 26 e 28, é importante atentar que os colchetes (]) delimitam as variáveis que apresentam diferença estatisticamente significativa. As setas para baixo (↓) representam que as médias das variáveis foram baixas e as setas para cima (↑) representam que as médias das variáveis foram altas.

Na Tabela 24, pode ser observado que o teste *post hoc* de Bonferroni demonstrou que há diferença de produção de descontinuidade de fala na coleta de fala por meio de fala semiespontânea entre o primeiro e segundo encontro com maior produção no primeiro encontro.

Tabela 24 – Análise do *post hoc* da descontinuidade de fala que sofreu influência da variação da ordem dos encontros de coleta de fala

Descontinuidade de fala na coleta de fala semiespontânea	Média (DP ^(d)) %	Análise do <i>post hoc</i> de Bonferroni
Primeiro encontro	6,65(±3,54)↑	]a
Segundo encontro	4,30(±1,92)↓	
Terceiro encontro	4,88(±2,06)	

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Na Tabela 25, o teste não paramétrico Kruskal Wallis mostrou que há efeito da ordem na coleta de fala por meio de figura estática [$\chi^2(2) = 13,020$; $p < 0,05$] e semiespontânea [$\chi^2(2) = 9,614$; $p < 0,05$] na disfluências típica de hesitação.

Na disfluência típica de revisão (Tabela 25), o teste mostrou que há efeito da ordem na coleta de fala por meio de figura estática [$\chi^2(2) = 12,935$; $p < 0,05$] e fala semiespontânea [$\chi^2(2) = 18,890$; $p < 0,01$]. Já na disfluência típica de repetição de palavras, foi verificado que há efeito da ordem na coleta de fala por meio de fala semiespontânea [$\chi^2(2) = 6,696$; $p < 0,05$].

Ainda na Tabela 25, na disfluência típica de repetição de segmento, o teste mostrou que há efeito da ordem na coleta de fala por meio de figura estática [$\chi^2(2) = 7,320$; $p < 0,05$], fala semiespontânea [$\chi^2(2) = 16,357$; $p < 0,01$] e história em sequência [$\chi^2(2) = 13,279$; $p < 0,01$].

Na disfluência típica de repetição de frase (Tabela 25), o teste mostrou que há efeito da ordem na coleta de fala por meio de figura estática [$\chi^2(2) = 24,563$; $p < 0,01$], fala

semiespontânea [$\chi^2(2) = 32,794$; $p < 0,01$] e história em sequência [$\chi^2(2) = 40,328$; $p < 0,01$].

Tabela 25 – Índices de disfluências típicas nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros

Continua

Hesitação	Média (DP ^(d))			χ^2 ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
	1º encontro	2º encontro	3º encontro			
Figura estática	2,17(±3,93)	8,28(±9,21)	1,74(±2,24)	13,020	2	0,01
Semiespontânea	9,90(±11,33)	2,17(±2,14)	2,62(±2,63)	9,614	2	0,00
História em sequência	1,22(±1,75)	1,41(±2,44)	5,58(±7,09)	6,765	2	0,03*
MAS						
Figura estática	4,38(±4,72)	6,48(±5,59)	6,48(±4,84)	3,236	2	0,19
Semiespontânea	10,85(±8,88)	11,70(±8,37)	10,00(±8,87)	0,889	2	0,64
História em sequência	8,00(±5,60)	6,83(±6,83)	6,33(±4,58)	1,698	2	0,42
Revisão						
Figura estática	3,34(±2,05)	1,78(±2,10)	1,74(±2,22)	12,935	2	0,00
Semiespontânea	2,28(±2,59)	2,00(±2,31)	5,38(±4,03)	18,890	2	0,00
História em sequência	1,57(±1,53)	3,93 (±2,37)	1,73(±1,88)	6,6765	2	0,03
Palavra não terminada						
Figura estática	1,0(±1,94)	0,93(±1,70)	0,96(±1,22)	1,098	2	0,57
Semiespontânea	1,00(±1,55)	0,91(±1,62)	0,72(±1,41)	0,466	2	0,79
História em sequência	0,74(±1,17)	0,83(±1,25)	1,43(±2,07)	1,464	2	0,48
Repetição de palavra						
Figura estática	2,41(±2,45)	1,48(±2,34)	2,35(±2,51)	4,525	2	0,10
Semiespontânea	1,70(±1,55)	2,09(±1,92)	3,52(±3,11)	6,696	2	0,10
História em sequência	1,70(±1,79)	2,48(±2,24)	1,50(±1,92)	4,095	2	0,12
Repetição de segmento						
Figura estática	0,59(±0,90)	0,55(±1,03)	0,04(±0,20)	7,320	2	0,02
Semiespontânea	0,82(±1,18)	0,00(±0,00)	0,45(±0,73)	16,357	2	0,00
História em sequência	0,04(±0,20)	0,83(±1,00)	0,80(±1,11)	13,279	2	0,00
Repetição de frase						
Figura estática	0,30(±0,18)	0,08(±0,47)	0,83(±1,18)	24,563	2	0,00
Semiespontânea	0,03(±0,15)	0,96(±1,22)	0,00(±0,00)	32,794	2	0,00
História em sequência	0,74(±0,75)	0,00(±0,00)	0,03(±0,15)	40,328	2	0,00

^(a) p valor do Kruskal Wallis

^(b) Graus de liberdade

^(c) Valor do teste Kruskal Wallis

^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

As comparações em pares por meio do teste *post hoc* de Bonferroni (Tabela 26) demonstraram que há diferença de produção de hesitação na coleta com uso de figura

estática entre o primeiro e segundo encontro e entre o segundo e terceiro encontro com maior produção no segundo encontro. Há diferença de produção de hesitação na coleta por meio de fala semiespontânea entre o primeiro e segundo encontro e entre o primeiro e o terceiro encontro com maior produção no primeiro encontro (Tabela 26). Na coleta de fala com uso de história em sequência não há diferença de produção de hesitação entre os encontros.

As comparações em pares por meio do teste *post hoc* de Bonferroni apresentados na Tabela 26 demonstraram que há diferença de produção de revisão na coleta por meio de figura estática entre o primeiro e segundo encontro e entre o primeiro e terceiro encontro com maior produção no primeiro encontro. Há diferença também de produção de revisão na coleta a partir de fala semiespontânea entre o primeiro e terceiro encontro e entre o segundo e o terceiro encontro com maior produção no terceiro encontro. Na coleta de fala com uso de história em sequência, há diferença de produção de revisão entre o primeiro e segundo encontro e entre o segundo e o terceiro encontro com maior produção no segundo encontro.

As comparações em pares apresentados na Tabela 26 demonstraram que há diferença de produção de repetição de segmento na coleta com uso de figura estática entre o primeiro e terceiro encontro, com maior produção no primeiro encontro. Há diferença de produção de repetição de segmento na coleta por meio de fala semiespontânea entre o primeiro e segundo encontro e entre o segundo e o terceiro encontro com menor produção no segundo encontro. Na coleta de fala com uso de história em sequência, há diferença de produção de repetição de segmento entre o primeiro e segundo encontro e entre o primeiro e o terceiro encontro com menor produção no primeiro encontro.

Na Tabela 26, as comparações em pares do teste *post hoc* demonstraram que há diferença de produção de repetição de frase na coleta com uso de figura estática entre o primeiro e terceiro encontro e entre o segundo e terceiro encontro com maior produção no terceiro encontro. Há diferença de produção de repetição de frase na coleta por meio de fala semiespontânea entre o primeiro e segundo encontro e entre o segundo e o terceiro encontro com maior produção no segundo encontro. Na coleta de fala a partir de história em sequência, há diferença de produção de repetição de

frase entre o primeiro e segundo encontro e entre o primeiro e o terceiro encontro com maior produção no primeiro encontro.

Tabela 26 – Análise do *post hoc* das disfluências típicas que sofreram influência da variação da ordem dos encontros de coleta de fala

		Análise do <i>post hoc</i> de Dunn Bonferroni	
	Média (DP ^(d))		
Hesitação na coleta de fala com figura estática			
Primeiro encontro	2,17(±3,93)↓	}a }b	
Segundo encontro	8,28(±9,21)↑		
Terceiro encontro	7,74(±2,24)↓		
Hesitação na coleta de fala semi-espontânea			
Primeiro encontro	9,90(±11,33)↑	}a }c	
Segundo encontro	2,17(±2,14)↓		
Terceiro encontro	2,62(±2,63)↓		
Revisão na coleta de fala com figura estática			
Primeiro encontro	3,34(±2,05)↑	}a }c	
Segundo encontro	1,78(±2,10)↓		
Terceiro encontro	1,74(±2,22)↓		
Revisão na coleta de fala com semi-espontânea			
Primeiro encontro	2,28(±2,59)↓	}b }c	
Segundo encontro	2,00(±2,31)↓		
Terceiro encontro	5,38(±4,03)↑		
Revisão na coleta de fala com história em sequência			
Primeiro encontro	1,57(±1,53)↓	}a }b	
Segundo encontro	3,93(±2,37)↑		
Terceiro encontro	1,73(±1,88)↓		
Repetição de segmento na coleta de fala com figura estática			
Primeiro encontro	0,59(±0,90)↑	}c	
Segundo encontro	0,55(±1,03)		
Terceiro encontro	0,04(±0,20)↓		
Repetição de segmento na coleta de fala semi-espontânea			
Primeiro encontro	0,82(±1,18)↑	}a }b	
Segundo encontro	0,00(±0,00)↓		
Terceiro encontro	0,45(±0,73)↑		
Repetição de segmento na coleta de fala com história em sequência			
Primeiro encontro	0,04(±0,20)↓	}a }c	
Segundo encontro	0,83(±1,00)↑		
Terceiro encontro	0,80(±1,11)↑		

Continua

		Conclusão	
	Média (DP ^(d))	Análise do <i>post hoc</i> de Dunn Bonferroni	
Repetição de frase na coleta de com figura estática			
Primeiro encontro	0,30(±0,18)↓	] b] c	
Segundo encontro	0,08(±0,47)↓		
Terceiro encontro	0,83(±1,18)↑		
Repetição de frase na coleta de fala espontânea			
Primeiro encontro	0,03(±0,15)↓	] a] b	
Segundo encontro	0,96(±1,22)↑		
Terceiro encontro	0,00(±0,00)↓		
Repetição de frase na coleta de com história em sequência			
Primeiro encontro	0,74(±0,75)↑	] a] c	
Segundo encontro	0,00(±0,00)↓		
Terceiro encontro	0,03(±0,15)↓		

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Na Tabela 27, o teste não paramétrico Kruskal Wallis mostrou que há efeito da ordem de coleta da amostra de fala com o uso de figura estática [$\chi^2(2) = 8,370$; $p < 0,05$] na variável de disfluência atípica de repetição de sílaba. O teste também mostrou que na disfluência atípica de prolongamento houve efeito da ordem de coleta da amostra de fala com o uso de figura estática [$\chi^2(2) = 6,644$; $p < 0,05$].

Tabela 27 – Índices de disfluências atípicas de fala nas diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros

Repetição de sílaba	Média (DP ^(d))			χ^2 ^(c)	df ^(b)	Valor de p ^(a)
	1º encontro	2º encontro	3º encontro			
Figura estática	0,52(±1,29)	0,05(±0,22)	0,00(±0,00)	8,370	2	0,01
Semiespontânea	0,08(±0,26)	0,09(±0,28)	0,31(±1,22)	0,035	2	0,98
História em sequência	0,04(±0,20)	0,24(±0,83)	0,03(±0,15)	2,177	2	0,33
Repetição de som						
Figura estática	0,03(±0,18)	0,15(±0,66)	0,43(±2,08)	0,584	2	0,74
Semiespontânea	0,10(±0,49)	0,09(±0,28)	0,03(±0,18)	0,682	2	0,71
História em sequência	0,04(±0,20)	0,03(±0,18)	0,20(±0,96)	0,631	2	0,72
Prolongamento						
Figura estática	0,00(±0,00)	0,05(±0,22)	0,22(±0,51)	6,644	2	0,03
Semiespontânea	0,20(±0,99)	0,17(±0,65)	0,03(±0,18)	0,711	2	0,70
História em sequência	0,09(±0,41)	0,03(±0,18)	0,00(±0,00)	1,613	2	0,44
Bloqueio						
Figura estática	0,00(±0,00)	0,05(±0,31)	0,00(±0,00)	1,300	2	0,52
Semiespontânea	0,00(±0,00)	0,00(±0,00)	0,03(±0,18)	2,172	2	0,33
História em sequência	0,00(±0,00)	0,03(±0,18)	0,00(±0,00)	2,172	2	0,33
Pausa						
Figura estática	0,03(±0,18)	0,03(±0,15)	0,00(±0,00)	0,744	2	0,68
Semiespontânea	0,10(±0,49)	0,00(±0,00)	0,00(±0,00)	2,629	2	0,26
História em sequência	0,00(±0,00)	0,00(±0,00)	0,05(±0,31)	1,300	2	0,52
Intrusão de som ou segmento						
Figura estática	0,03 (±0,18)	0,03 (±0,15)	0,00(±0,00)	0,744	2	0,68
Semiespontânea	0,00(±0,00)	0,00(±0,00)	0,03 (±0,18)	2,172	2	0,33
História em sequência	0,00(±0,00)	0,00(±0,00)	0,00(±0,00)	0,000	2	1,00

^(a) p valor do Kruskal Wallis^(b) Graus de liberdade^(c) Valor do teste Kruskal Wallis^(d) Desvio-padrão

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

As comparações em pares do teste *post hoc* de Bonferroni (Tabela 28) demonstraram que há diferença de produção de repetição de sílaba na coleta por meio de figura estática entre o primeiro e terceiro encontro com maior produção no primeiro encontro.

Quanto ao prolongamento, observado na Tabela 28, as comparações em pares demonstraram que há diferença de produção de repetição de sílaba na coleta com uso de figura estática entre o primeiro e terceiro encontro com maior produção no terceiro encontro.

Não há diferença, entre os encontros, de produção de repetição de sílaba e prolongamento na coleta por meio de fala semiespontânea e na coleta com uso de história em sequência (Tabela 28).

Tabela 28 – Análise do *post hoc* para as disfluências atípicas que sofreram influência da variação da ordem dos encontros de coleta de fala

Repetição de sílaba na coleta de fala com figura estática	Média (DP ^(d))	Análise do <i>post hoc</i> de Dunn Bonferroni
Primeiro encontro	0,52(±1,29) ↑	] c
Segundo encontro	0,05(±0,22)	
Terceiro encontro	0,00(±0,00) ↓	
Prolongamento na coleta de fala com figura estática		
Primeiro encontro	0,00(±0,00) ↓	] c
Segundo encontro	0,05(±0,22)	
Terceiro encontro	0,22(±0,51) ↑	

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da pesquisa (2021).

Entre as hipóteses estabelecidas para esta tese, as que se aplicam ao Experimento 3 e suas devidas interpretações são:

- As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) e diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “taxa de elocução”.

A hipótese foi refutada, pois a manifestação da taxa de elocução foi semelhante entre as diferentes ordens dos encontros e nas diferentes tarefas na coleta de fala.

- As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) e diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “descontinuidade de fala”.

A hipótese foi confirmada, pois a manifestação da descontinuidade de fala diferiu de acordo com a ordem dos encontros e nas diferentes tarefas na coleta de fala. As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) e diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências típicas”.

A hipótese foi parcialmente confirmada. A manifestação das disfluências típicas de hesitação, revisão, repetição de palavras, repetição de segmento e repetição de frase, diferem de acordo com a ordem dos encontros e as diferentes tarefas na coleta de fala. A manifestação das demais disfluências (MAS, palavra não terminada e repetição de palavra) típicas foram semelhantes.

- As diferentes ordens dos encontros na coleta de fala (primeiro, segundo e terceiro encontro) e diferentes tarefas na coleta de fala, por meio de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea, interferem nos valores da variável da fluência “tipologia das disfluências atípicas”.

A hipótese foi parcialmente confirmada. A manifestação das tipologias de repetição de sílaba e prolongamento diferem de acordo com a ordem dos encontros as diferentes tarefas na coleta de fala. A manifestação das demais tipologias de disfluências atípicas (repetição de som, bloqueio, pausa e intrusão de som ou segmento) foram semelhantes.

6 DISCUSSÃO

6.1 AS VARIEDADES MINEIRA E CAPIXABA (PRIMEIRO EXPERIMENTO)

O primeiro experimento objetivou comparar a fluência da fala infantil das variedades mineira e capixaba do português brasileiro e teve como hipóteses que as variáveis da fluência da fala são diferentes entre as duas variedades.

Participaram desse experimento 84 crianças de 8 e 9 anos, 42 de Minas Gerais (MG) e 42 do Espírito Santo (ES). Foram verificados valores de taxa de elocução em sílaba e palavras por minuto semelhantes entre as duas variedades. As variáveis de descontinuidade de fala, disfluência típica de hesitação e disfluências atípicas de prolongamento, pausa e intrusão de som e segmento foram estatisticamente maiores na variedade mineira. Já as disfluências típicas de revisão e repetição de som ou segmento foram maiores na variedade capixaba.

A taxa de elocução é um importante componente linguístico para a caracterização da fluência da fala e de seus distúrbios (ANDRADE; 2000, 2004a; 2004b). Os resultados encontrados mostraram que as crianças mineiras e capixabas possuem valores de taxa de elocução semelhantes (154,9 sílabas por minuto em MG e 169,5 no ES; 86,8 palavras por minuto em MG e 90,2 no ES), pois não houve diferença estatisticamente significativa. Costa, Martins-Reis e Celeste (2016), embora tenham pesquisado adultos, encontrou valores semelhantes dos encontrados neste estudo com média de taxa de elocução para a variedade mineira de 90,2 palavras por minuto e 170,4 sílabas por minuto.

Acredita-se que a maior porcentagem de descontinuidade de fala na variedade mineira (8,0 em MG e 4,3 no ES) tenha contribuído para diminuir a taxa de elocução (PINTO; SCHIEFER; ÁVILA, 2013). A medição da taxa de articulação com consequente exclusão dos eventos de disfluências (GONÇALVES, 2017) serviria, nesse caso, para explicar melhor as medidas temporais das variedades mineira e capixaba.

Diferentemente dos dados encontrados nesta pesquisa, Meireles e Gambarini (2012), quando compararam as taxas de elocução em variedades do português brasileiro,

sinalizaram maior taxa de elocução na variedade mineira e menor na variedade capixaba. Essa diferença pode ser justificada pela idade dos sujeitos, pelos métodos de coleta e pela análise da taxa de elocução, que, nesta pesquisa, foi com crianças, coleta com uso de figura estática e análise de sílabas fonológicas, enquanto na pesquisa de Meireles e Gambarini (2012) foi com adultos, coleta por meio de leitura de frases-veículos e análise de sílabas V-V (vogal-vogal). Essa diferença metodológica pode ser um dificultador na mensuração do objeto de estudo e consequente comparação dos resultados (GONÇALVES, 2013).

O parâmetro normativo de fluência da fala, descrito por Andrade (2000, 2004b, 2006) diz respeito à população paulista da década de 90 e é utilizado, ainda nos dias de hoje, na clínica fonoaudiológica como um norteador para auxiliar no julgamento da gagueira. Os valores, propostos por Andrade (2000, 2004b, 2006) para a taxa de elocução e a descontinuidade de fala, por sexo, para as idades de 8 e 9 anos, estão apresentados na Tabela 29 e comparados com os valores desta pesquisa.

Tabela 29 – Comparação dos valores de referência da taxa de elocução e descontinuidade de fala de crianças de 8 e 9 anos dos sexos feminino e masculino nas variedades mineira e capixaba

Idade, sexo e variedade	Taxa de elocução		Descontinuidade de fala
	Sílaba/ minuto	Palavra/ minuto	%.
8 anos menina paulista	154,5	83,5	7,3
8 anos menino paulista	156,5	89,3	7,9
9 anos menina paulista	132,1	70,6	11,6
9 anos menino paulista	148,1	83,6	8,6
Média simples da variedade paulista de ambos os sexos e idades	147,8	81,7	8,8
Variedade mineira ambos os sexos e idades	154,9	86,8	8,0
Variedade capixaba ambos os sexos e idades	159,5	90,2	4,3

Fonte: Andrade (2004b) e dados desta pesquisa (2021).

Na Tabela 29, embora por meio de média simples, podemos perceber que a média da taxa de elocução da variedade paulista em sílabas e palavras por minuto (147,8 e 81,7 respectivamente) é menor do que a encontrada na variedades mineira (154,9 sílabas por minuto e 86,8 palavras por minuto) e capixaba (159,5 sílabas por minuto e 90,2 palavras por minuto), entretanto a descontinuidade de fala foi sutilmente maior do que a variedade mineira e consideravelmente maior (mais que o dobro) da variedade capixaba.

Nas variedades mineira e capixaba deste estudo, embora a taxa de elocução seja semelhante, Laver (1995) sinaliza acerca da variação da taxa de elocução por particularidades regionais de cada comunidade sociolinguística, como nos estudos de Silva (2014) para a variedade florianopolitana e no estudo de Meireles, Tozetti e Borges (2010) para as variedades mineira, paulista, baiana e capixaba. Já as diferenças encontradas nas variedades mineira e capixaba quanto à descontinuidade de fala e à manifestação das disfluências típicas e atípicas, também foram percebidas por Silva na comparação da variedade florianopolitana com demais variedades do português brasileiro.

Assim, considera-se importante o uso cauteloso de parâmetros normativos da fluência de uma variedade apenas do português), uma vez que as diferenças entre os achados podem estar relacionadas a questões regionais e de coleta de dados. Estudos com maior rigor e semelhanças metodológicas nas variedades do português brasileiro podem contribuir para melhor entendimento da taxa de elocução.

Quanto às disfluências típicas, a hesitação se apresentou maior na variedade mineira (média de 4,8 em MG e 2,2 no ES) e a revisão maior na variedade capixaba (1,1 em MG e 2,9 no ES), que podem refletir particularidades comportamentais e sociais das duas variedades. Aqui podemos pensar em relação à produção das disfluências e ao tempo de fala. Enquanto a hesitação é produzida antes da expressão da fala propriamente dita, na tentativa de melhorar a sua performance, a revisão é produzida depois, para corrigir o que já foi expresso (ANDRADE, 2012). Assim, podemos inferir que, em ambas as variedades, houve uma preocupação das crianças com a produção da fala, antes da fala na variedade mineira com as hesitações e após a fala na variedade capixaba com as revisões.

Quatro fatores podem interferir na produção das hesitações (MERLO, 2006, p. 47): 1) fatores linguísticos (complexidade semântica, habilidade gramatical, pausas silenciosas fluentes, suavidade de emissão, taxa de elocução, tipo textual, tipo de apoio e tipo de língua - materna ou estrangeira); 2) fatores cognitivos (idade, atenção, memória operacional, memória de longo prazo e sono); 3) fatores afetivos (abuso de drogas, ansiedade, humor, introversão e extroversão e valoração das experiências linguísticas anteriores) e; 4) fatores genéticos (dominância manual e gênero).

Neste estudo, foi possível controlar o tipo de apoio com uso figura estática, língua materna (português brasileiro) e o fator idade para ambas as variedades, porém podemos averiguar que diversos fatores estão envolvidos na produção da hesitação (MERLO, 2006) que não foram (e provavelmente não seriam) controlados para a realização da pesquisa.

Quanto às disfluências atípicas, foi verificada maior produção de prolongamentos (média de 3,1 em MG e 0,48 no ES) e pausas (0,62 em MG e 0,17 no ES) na variedade mineira. Da mesma maneira, um estudo (JUSTE; ANDRADE, 2006) comparando dois grupos de crianças com e sem gagueira verificou que o grupo de crianças fluentes apresenta maior manifestação de disfluências atípicas de pausas e prolongamentos. No entanto, devemos nos questionar acerca da classificação dessas disfluências como atípicas, uma vez que as pausas podem ser elementos importantes de recarga respiratória, para estruturar e organizar as frases e promover ênfase na fala (MARQUEZIN *et al.*, 2015).

As diferenças observadas na comparação das variedades mineira e capixaba refletem uma real manifestação do fator regional nas variáveis da fluência da fala, que provocam consequentemente uma reflexão acerca de como o comportamento social e regional reflete na língua, uma vez que é provável que “[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões diferentes, tenham características sociolinguísticas e, consequentemente, sociofonéticas distintas” (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 12). Assim, fonoaudiólogos, como também integrantes sociais, devem se apropriar dessas manifestações em suas regiões e levá-las para o consultório clínico.

6.2 OS DIFERENTES MÉTODOS DE COLETA DE FALA (SEGUNDO E TERCEIRO EXPERIMENTO)

O segundo e o terceiro experimento envolveram diferentes métodos de coletas de fala (coleta por meio de figura estática e fala semiespontânea). Participaram do segundo experimento 25 crianças de 6 a 11 anos com média de 8,6 anos que tiveram a fala coletada a partir de figura estática e fala semiespontânea.

Nesse experimento, todos os resultados se mostraram semelhantes entre as coletas, com exceção da disfluência típica de palavra não terminada, que foi maior na coleta a

partir de fala semiespontânea (0,44) em detrimento da coleta com uso de figura estática (0,12). A apresentação da disfluência foi muito sutil, por isso vamos discutir os diferentes métodos de coleta e os valores encontrados das variáveis da fluência da fala no terceiro experimento.

É importante destacar que a variação das idades do segundo experimento foi vasta (de 6 a 11 anos) e, em contrapartida, a amostra de 25 crianças foi limitada. Além disso, não houve controle acerca da ordem dos encontros ou dos dias de distância entre as coletas de fala. Assim, inicialmente os resultados do segundo experimento, sem diferença estatisticamente significativa, serviram para readequação dos métodos, nortearam a pesquisa com as fonoaudiólogas clínicas sobre o modo de coleta e análise da fluência da fala e, a partir das leituras e pesquisas, foi idealizado então o terceiro experimento com diferentes métodos de coleta na tarefa de fala e ordens dos encontros.

No terceiro experimento participaram 92 crianças de 6 a 11 anos de idade com média de 8,3 anos. Na parte A do terceiro experimento, as diferentes tarefas na coleta de fala foram separadas para análise estatística.

O uso de diferentes recursos para incitar a produção de fala é comum na prática de pesquisas. A mostra de fala pode, por exemplo, ser coletada com o uso de desenhos feitos pela criança (SPINILLO, 1991, 1993, FIORINDO, 2008); com uso de figura estática (SOUZA; SPERB, 2009); por meio de história em sequência (SPINILLO, 1993; BENTO; BEFI-LOPES, 2010; BRANDÃO; PARENTE; PEÑA-CASANOVA, 2010; BEFI-LOPES *et al.*, 2013; LIMA *et al.*, 2014); com livros de histórias sem palavras (MOTTA *et al.*, 2006) (CAVALCANTE; MANDRÁ, 2010); a partir de narrativa após escuta de história (FIORINDO, 2008); com fala espontânea (SPINILLO, 1991, 1993; SOUZA; SPERB, 2009; BRANDÃO; PARENTE; PEÑA-CASANOVA, 2010; CAVALCANTE; MANDRÁ, 2010); com leitura de texto (PINTO; SCHIEFER; AVILA, 2013; FIORIN *et al.*, 2015; JUSTE *et al.*, 2018), entre outros.

Além do uso de diferentes tarefas de fala para a coleta de dados em pesquisas, o *Stuttering Severity Instrument* (SSI) (RILEY, 1994), por exemplo, sinaliza o uso clínico de diferentes tarefas na coleta de fala para crianças não alfabetizadas e para crianças alfabetizadas e adultos. O teste propõe a coleta de fala por meio de narrativa de

desenho animado, de conversa (fala semiespontânea) e com o uso de leitura de texto (RILEY, 1994). Cavalcante e Mandrá (2010) consideram importante o uso de diferentes tarefas de fala na prática clínica, pois favorece a variabilidade da amostra de fala e permite a avaliação de um todo linguístico. Para incitar a fala, o uso de recursos como imagens e “frases de estímulo” (como perguntas de “Como foi o dia?”, ou “O que você fez nas últimas férias?” etc.) é visto como um mecanismo favorecedor na coleta da amostra de fala (BITAR, 2002), uma vez que, para a fala ser produzida, é preciso existir intenção, iniciativa e vontade em transmitir a informação (PERRONI, 1992).

Quanto às variáveis da fluência, analisadas na parte A do terceiro experimento, os índices de taxa de elocução nas diferentes tarefas de fala foram menores na tarefa de fala por meio de figura estática em sílaba por minuto (176,7) e palavra por minuto (93,9). Já as maiores taxas de elocução variaram com maior produção na coleta a partir de história em sequência (189,7) em sílaba por minuto e em coleta a partir de fala semiespontânea (106,1) em palavra por minuto. A fala, portanto, se mantém mais lenta com a coleta por meio de figura estática.

As crianças desta pesquisa gastaram mais tempo para a produção da fala a partir de figura estática, embora a literatura relate menor demanda de memória na fala incitada por meio de figuras, uma vez que o conteúdo de fala está visível ao sujeito (DUONG; TARDIF; SKA, 2003). Um estudo que também utilizou a figura estática sinalizou que o tipo de discurso realizado pelos sujeitos foi majoritariamente descritivo (LIMA *et al.*, 2014). Neste estudo foram consideradas as produções dos discursos narrativos e descritivos, embora a classificação da tipologia discursiva não tenha sido realizada na análise dos dados.

Quanto à descontinuidade de fala, verifica-se menor produção na coleta com uso de figura estática (4,47) e maior produção na coleta por meio de fala semiespontânea (5,51). Esse achado reforça a ideia de que o uso de figura estática gera maior controle da criança acerca do conteúdo que será falado, requer menos demandas cognitivas e linguísticas (BRANDÃO; PARENTE, 2011; LIMA *et al.*, 2014) e consequentemente produz menos disfluências. Por outro lado, a fala espontânea (neste trabalho, semiespontânea) gera mais disfluências (PINTO; SCHIEFER; AVILA, 2013; FIORIN

et al., 2015), pois demanda maior elaboração e consequentemente processamento cortical.

Em relação às disfluências típicas, pode-se observar maior produção de hesitação na fala semiespontânea (5,67) e menor na coleta a partir de história em sequência (3,17). De maneira diferente do que foi apresentado nesta pesquisa, Befi-Lopes e outros (2013) entendem que a coleta com o uso de histórias em sequência pode ser um dificultador da fluência da fala por causa da complexidade das figuras.

Quanto às disfluências típicas de MAS (Marcadores de Apoio e Sequenciadores), foi observada menor produção na figura estática (5,82) e maior na fala semiespontânea (10,79). Em estudo realizado com pessoas que gaguejam e pessoas com desenvolvimento típico, foi possível observar que, na fala espontânea, a MAS também se apresentou maior (PINTO; SCHIEFER; AVILA, 2013) em ambos os grupos. Neste estudo, optou-se por abdicar da classificação das “interjeições” preconizada nos instrumentos norteadores desta pesquisa (ANDRADE, 2000; 2004b; 2006), e adotar, de maneira convincente, o termo MAS (Marcadores de apoio e Sequenciadores). Pensar nas “interjeições” como marcadores discursivos e/ou conversacionais e suas relações com o contexto comunicativo e a interação entre os interlocutores (OLIVEIRA E SILVA; MACEDO, 1996; URBANO, 1995) é necessário na prática fonoaudiológica. Dessa forma, poderemos propor uma análise mais aprofundada dos elementos que compõem a amostra de fala, para então, e somente assim, distinguir e interpretar as disfluências da fala.

Na parte B do terceiro experimento, as diferentes ordens dos encontros na coleta de fala foram separadas para análise estatística. A taxa de elocução, a descontinuidade de fala, as disfluências típicas e atípicas não apresentaram resultados diferentes nas diversas ordens dos encontros, ou seja, a ordem dos encontros na coleta de fala isoladamente não interferiu nos valores das variáveis da fluência da fala.

Por outro lado, quando associamos a ordem dos encontros (primeiro, segundo e terceiro encontro) com as diferentes tarefas na coleta de fala (a partir de figura estática, história em sequência e fala semiespontânea), observamos que esses métodos de coleta interferem nos valores de algumas variáveis da fluência da fala.

Na variável descontinuidade de fala, há diferença estatisticamente significativa na coleta a partir de fala semiespontânea entre o primeiro e segundo encontro, com maior produção no primeiro (6,65) e menor produção no segundo encontro (4,30). Assim, para a coleta por meio de fala semiespontânea, houve maior produção de disfluências no primeiro encontro. A fala espontânea, por si só, gera mais disfluências (PINTO; SCHIEFER; AVILA, 2013; FIORIN *et al.*, 2015) e, acrescida de um primeiro encontro, com uma pesquisadora até então desconhecida (para a coleta desta pesquisa), pode potencializar a produção das disfluências.

Com resultados parecidos dos apresentados no parágrafo anterior, foi observada, no primeiro encontro, nas disfluências comuns, uma maior produção das disfluências de hesitação na coleta de fala semiespontânea (9,90), revisão na coleta de fala com uso de figura estática (3,34), repetição de segmento na coleta de fala com figura estática (0,59), repetição de segmento na coleta por meio de fala semiespontânea (0,82) e na repetição de frase a partir de coleta com história em sequência (0,74). Para as disfluências atípicas, foi observada maior produção no primeiro encontro de repetição de sílaba (0,52) e maior produção no terceiro encontro de prolongamento (0,22). Houve, portanto, uma maior produção das disfluências típicas e atípicas no primeiro encontro.

Dessa forma, a apreciação do Quadro 10 permite averiguar que, para as variáveis da fluência que apresentaram diferença estatisticamente significativa, as ordens dos encontros interferiram de maneira heterogênea nas variáveis da fluência. A saber: 7 variáveis diminuíram e 7 aumentaram no primeiro encontro; 7 variáveis diminuíram e 4 aumentaram no segundo encontro; no terceiro encontro, 8 variáveis diminuíram e 5 aumentaram.

Na premissa de aprofundarem nos estudos das relações sociopessoais, ou seja, nas práticas pessoais nas quais as pessoas interagem, Nascimento e colaboradoras (2016) discutiram acerca da teoria da polidez na interação entre os interlocutores durante a coleta de fala. As autoras refletem acerca da importância de entender a relação entre os interlocutores para conseguir uma amostra de fala mais específica e inferem sobre a importância de controlar tal interação (NASCIMENTO *et al.*, 2016). Uma outra base teórica que pode contribuir para o entendimento da diferença dos valores encontrados nas variáveis da fluência da fala é abordada por Araujo (2014)

acerca do “grau da distância” entre os interlocutores durante a coleta de fala. Dessa forma, vamos utilizar essas duas abordagens para explicar a heterogeneidade nos resultados.

Nesse experimento, foi observada uma mudança na manifestação da fluência da fala dos indivíduos, por meio da ordem dos encontros, com menor produção de disfluências no terceiro encontro. Acerca dessa diferença, podemos pensar no “grau de distância” entre os interlocutores (pesquisadora e criança) durante a coleta desta pesquisa, considerado por Araujo (2014 p. 48) como distantes, ou seja, quando “os interlocutores não se conheciam anteriormente e só conversaram no momento da gravação da interação”. A autora relata que essa distância provoca um diferente comportamento linguístico durante a coleta de fala (ARAUJO, 2014). No entanto, com o passar dos encontros, a interação entre a pesquisadora e as crianças aumentou, o “grau de distância” entre elas diminuiu e conseqüentemente diminuiu a produção das disfluências, ou seja, no terceiro encontro, as crianças já estavam mais familiarizadas com a pesquisadora, o que promoveu maior interação no processo de fala (BATTISTI, 2014) e conseqüentemente maior fluência na coleta.

Por outro lado, a teoria da polidez está relacionada à regulação do comportamento linguístico durante a interação (ARAUJO, 2014; NASCIMENTO *et al.*, 2016). Em relação às crianças participantes desta pesquisa, a teoria da polidez nos faz pensar que, em um primeiro encontro, a fala se apresenta mais polida e que, com o passar dos encontros, a criança se comporta linguisticamente com mais liberdade, permitindo-se inclusive praticar disfluências no momento de fala. Assim, podemos nos apropriar da contribuição teórica do “grau de distância entre os interlocutores” e da teoria da polidez para justificar a heterogeneidade entre os resultados que não manteve um único ou majoritário padrão, embora com uma leve queda no terceiro encontro.

Quadro 10 – Resumo das variáveis que sofreram influência das diferentes tarefas de fala e ordens dos encontros

Variáveis	Primeiro encontro	Segundo encontro	Terceiro encontro	Figura estática	Semi espontânea	História em sequência
Descontinuidade de fala na coleta por meio de fala	↑	↓			X	
Hesitação	↓	↑	↓	X		
Hesitação	↑	↓	↓		X	
Revisão	↑	↓	↓	X		
Revisão	↓	↓	↑		X	
Revisão	↓	↑	↓			X
Repetição de segmento	↑		↓	X		
Repetição de segmento	↑	↓	↑		X	
Repetição de segmento	↓	↑	↑			X
Repetição de frase	↓	↓	↑	X		
Repetição de frase	↓	↑	↓		X	
Repetição de frase	↑	↓	↓			X
Repetição de sílaba	↑		↓	X		
Prolongamento	↓		↑	X		
Total de variáveis de descontinuidade de fala, disfluências típicas e disfluências comuns que sofreram interferência das ordens dos encontros e tarefas de fala	7↓7↑	7↓4↑	8↓5↑	6	5	3

↓: representa que a média da variável foi baixa; ↑: representa que a média da variável foi alta; o X sinaliza qual a tarefa de fala foi utilizada na variável que apresentou diferença nos valores; em branco temos as caixas das variáveis que não sofreram influência dos métodos de coleta de fala.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Já nas diferentes tarefas de fala, podemos perceber no Quadro 10 que a coleta com uso de figura estática apresentou maior variação dos resultados (6 variações) e que a imagem com a história em sequência apresentou maior estabilidade de variação com 3 variações. A história em sequência, portanto, se apresentou mais estável para a coleta da fala com poucas variações dos resultados. De maneira diferente do que foi apresentado nesta pesquisa, Befi-Lopes e outros (2013) sinalizam que a complexidade das imagens nas histórias em sequência pode dificultar a produção da fala. Logo, de maneira geral, o resultado das variáveis da fluência da fala não obedeceu a um padrão específico, sofrendo variadas influências dos diferentes métodos de coleta.

Ainda assim, considera-se importante o uso de diferentes métodos na coleta, na tentativa de promover maior variabilidade possível da linguagem oral infantil, uma vez que a amostra de fala e sua análise são cruciais na determinação diagnóstica da fluência e suas alterações (MERCON; NEMR, 2007).

Na tentativa de diversificar os métodos de coleta de fala em fluência, este estudo sugere um roteiro denominado “Três por três” com, no mínimo, três tipos de coleta de fala orientado em três passos, conforme apresentado no Quadro 11 a seguir.

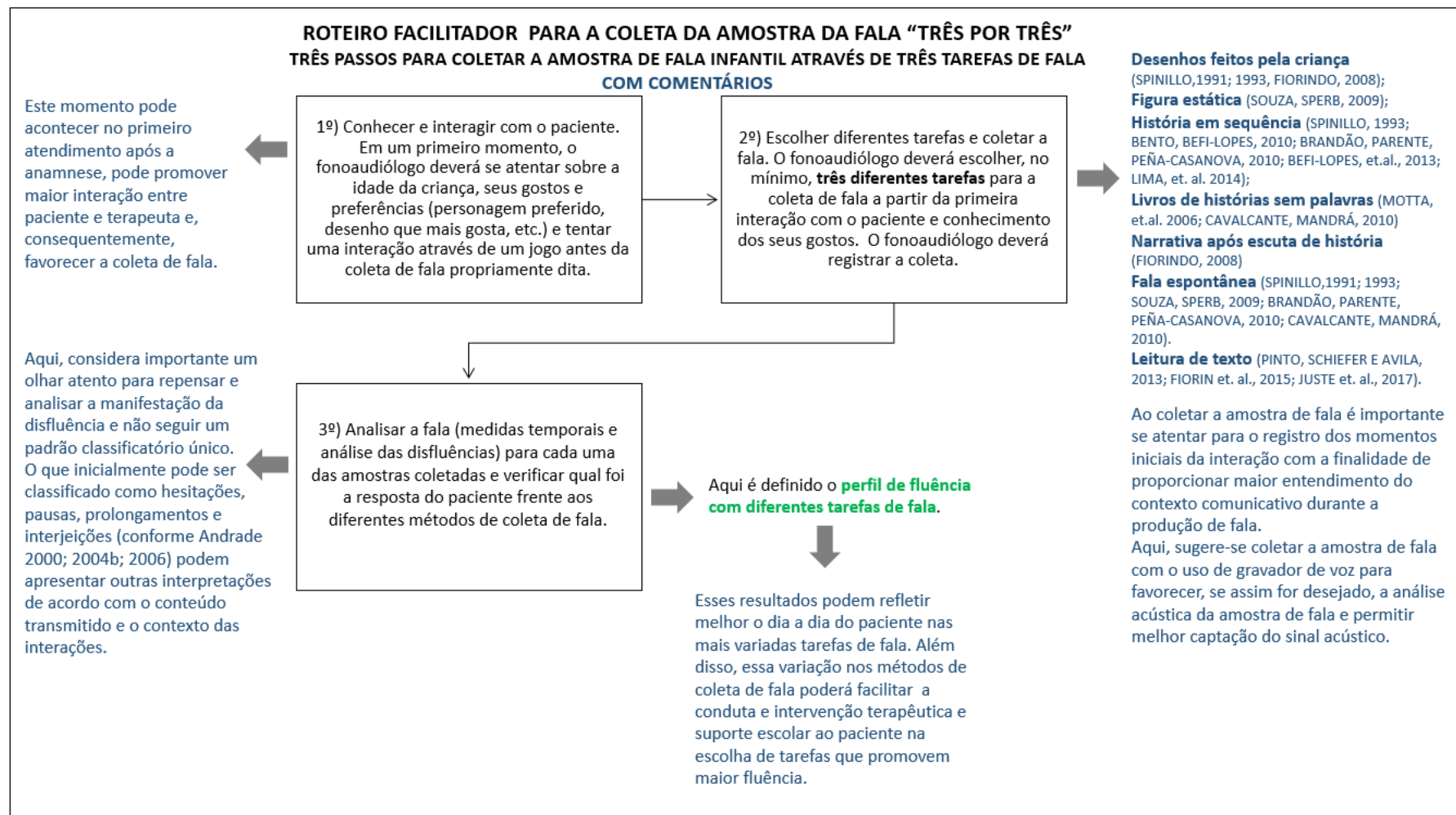
Na prática clínica fonoaudiológica, a coleta de fala é costumeiramente atrelada ao processo de avaliação e reavaliação dos pacientes que deve ser realizada o mais brevemente possível para que a intervenção terapêutica aconteça. Assim, a coleta de fala em três encontros distintos (com intervalo de 7 dias), excluindo o primeiro contato e anamnese com o paciente, gastaria em torno de um mês para acontecer e inviabilizaria a prática clínica. Por isso, na tentativa de suprimir a falta de oportunidade de coletar a amostra de fala infantil em vários encontros, a proposta do primeiro passo do roteiro para a interação inicial se faz necessária.

Quanto ao segundo passo, com as escolhas das diferentes tarefas para a coleta de fala, é importante atentar para o que diz a literatura acerca de cada uma delas e utilizar os métodos que mais coadunam com cada necessidade clínica. Neste estudo, de uma maneira geral, o uso da figura estática se mostrou o método mais suscetível às variações de resultados, o uso de história em sequência se mostrou mais estável quanto às variações de resultados e a fala semiespontânea foi o método que mais promoveu disfluências.

No terceiro passo do roteiro, é sinalizada a importância da atenção ao conteúdo da mensagem produzida pela criança e no contexto da comunicação para analisar os marcadores conversacionais e as disfluências produzidas pela criança.

A ideia de sugerir a ampliação e diversidade da coleta foi orientada pelos resultados desta pesquisa e pelos diferentes métodos de coleta observados na literatura, que podem representar melhor o perfil da fluência da fala infantil, favorecer a avaliação clínica da fluência e o diagnóstico das suas alterações e contribuir na aplicação da prática clínica baseada em evidências na Fonoaudiologia.

Quadro 11 – Roteiro facilitador para a coleta da amostra da fala “três por três”



Fonte: Elaboração da autora (2021).

7 CONCLUSÕES

Após coleta e análise dos três experimentos que envolveram a comparação da fluência da fala infantil das variedades mineira e capixaba e a possível interferência dos diferentes métodos de coleta na fluência da fala, conclui-se que:

- De maneira geral, este estudo mostra que, para a amostra pesquisada, a variedade capixaba se apresenta “mais fluente” que a variedade mineira. Na comparação entre as variedades mineira e capixaba, a taxa de elocução de ambas as variedades apresentou valores semelhantes. A descontinuidade de fala foi diferente entre as variedades pesquisadas com maior produção na variedade mineira. Na análise das disfluências, a variedade mineira apresentou maior produção de hesitações, prolongamentos, pausas e intrusão de som ou segmento, enquanto a variedade capixaba apresentou maior produção de revisão.
- Na análise isolada das diferentes tarefas na coleta de fala, a figura estática é o método que promove menor taxa de elocução (palavras e sílabas por minuto) e descontinuidade de fala. Por outro lado, a coleta por meio de fala semiespontânea gera mais hesitações e MAS. Já na análise isolada da ordem dos encontros na coleta, as variáveis da fluência da fala apresentaram resultados semelhantes.
- A análise de associação das diferentes tarefas de fala com as diferentes ordens dos encontros mostra variação bastante heterogênea sem que um padrão seja estabelecido. A taxa de elocução permaneceu semelhante, independentemente dos métodos de coleta utilizado. O primeiro encontro se apresentou o mais propenso em aumento de disfluências (descontinuidade de fala na coleta por meio de fala semiespontânea, hesitação na coleta de fala semiespontânea, revisão na coleta com uso de figura estática, repetição de segmento na coleta com uso de figura estática, repetição de segmento na coleta a partir de fala semiespontânea, repetição de frase na coleta por meio de história em sequência e repetição de sílaba na coleta de fala com uso de figura estática). O terceiro encontro, por sua vez, foi o que mais proporcionou queda dos valores das disfluências e a história em sequência foi a tarefa na

coleta de fala mais estável com menos diferenças nos valores das variáveis da fluência da fala.

Dessa forma, entende-se que há diferença regional entre as variedades mineira e capixaba e que os diferentes métodos de coleta interferem na fluência da fala infantil.

A pesquisa acerca das variáveis da fluência, em variedades do português brasileiro e por meio de diferentes métodos de coleta de fala, precisa avançar para o alcance de maior discussão e robustez científica. É esperada a continuação desta pesquisa em outras variedades do português brasileiro com diferentes métodos na coleta de fala. Além disso, projeta-se a uma análise linguística das amostras de fala com a finalidade de, por meio dos estudos dos marcadores conversacionais, favorecer a classificação das tipologias das disfluências, promover o melhor o entendimento dos fenômenos linguísticos nas variáveis da fluência da fala e favorecer a prática clínica fonoaudiológica.

Uma proposta para difundir os achados e compartilhar junto à comunidade clínica e científica é a elaboração, a alimentação e a atualização constante de um banco de dados dos achados em fluência nas diversas variedades do português brasileiro. Com esse banco de dados, poderemos verificar os diferentes métodos de coleta de fala, o público analisado e os resultados encontrados, para definirmos nossa tomada de decisão clínica, seja na coleta, na análise e no diagnóstico, seja na intervenção terapêutica em fluência da fala.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações apresentadas nesta tese nos direcionam para reflexão, ajuste e uso dos diferentes métodos de coleta da fala na pesquisa e na clínica da fluência. Além disso, sinaliza para as variações regionais da fluência da fala, aqui nesta tese entre as variedades mineira e capixaba. Essas diferenças encontradas entre os métodos e as variedades do português constituem uma importante ferramenta que nos projeta para novas pesquisas, principalmente em prol de uma prática clínica fonoaudiológica baseada em evidência científica. Entre as indagações e limitações apresentadas neste estudo, vamos nos ater a alguns pontos importantes nessas considerações.

Esta pesquisa se preocupou em manter o padrão de coleta nos municípios pertencentes à Grande Vitória no Espírito Santo e à Grande Belo Horizonte em Minas Gerais, entretanto entendemos a importância de estudos inter e intra estados do Brasil para sabermos como a fluência da fala infantil se comporta em outras regiões. Aqui, mais uma vez, entendemos que parâmetros normativos que contemplem todas as variedades do português brasileiro ainda não são uma realidade e que as pesquisas precisam muito avançar nesse quesito.

Os diferentes métodos de coleta de fala encontrados na literatura nos chamam a atenção e sinalizam que, na prática, são utilizados diferentes meios para incitar a fala infantil. Assim, pesquisas com maior variação de métodos de coleta de fala são importantes sinalizadoras do comportamento linguístico infantil frente aos estímulos e podem apontar para a melhor tomada de decisão na prática clínica fonoaudiológica.

Nesta tese, a pesquisa realizada com fonoaudiólogas que atendem à fluência da fala nos mostrou algumas práticas acerca da coleta de fala para análise da fluência, porém uma pesquisa com mais questionamentos e com o número de participantes maior é importante para, inclusive, nortear as próximas pesquisas.

A estratificação por idade e sexo também é importante, visto que a maioria das pesquisas com crianças apresentam essas variáveis bem delimitadas e favorecem também a comparação dos resultados e a discussão dos achados.

Por fim, entendemos a necessidade de analisar a produção das disfluências a partir de uma perspectiva linguística quanto aos marcadores discursivos que podem favorecer o entendimento dos fenômenos da fala como um todo, bem como facilitar a tomada de decisão na classificação das tipologias das disfluências. Outra análise que merece atenção e aprofundamento linguístico se relaciona às tipologias discursivas que podem inferir decisivamente acerca do método utilizado na coleta de fala e podem favorecer o entendimento da manifestação das variáveis da fluência da fala.

Este estudo beneficia diretamente a prática fonoaudiológica com a comprovação das variações regionais para as variáveis da fluência da fala, expondo que os diferentes métodos de coleta de fala interferem nas variáveis da fluência e, acima de tudo, incitando uma importante reflexão acerca das contribuições da Linguística para a Fonoaudiologia.

REFERÊNCIAS

- AGUADO, G. Dimensões perceptivas, sociais, funcionais e comunicativas do desenvolvimento da linguagem. *In*: CHEVRIE-MULLER, C.; NARBONA, J. **A linguagem da criança**: aspectos normais e patológicos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 71-87.
- AMBROSE, N.; YAIRI, E. Normative data for early child hood stuttering. **J Speech Hear Res.**, v. 42, p. 895-909, ago. 1999.
- AMERICAN SPEECH LANGUAGE HEARING ASSOCIATION. ASHA. 2013. Stuttering. Disponível em: <http://www.asha.org/public/speech/disorders/stuttering/>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- AMERICAN SPEECH LANGUAGE-HEARINGASSOCIATION. ASHA. Terminology pertaining to fluency and fluency disorders. **Fluency and Fluency Disorders**, p. 29-36, 1999.
- ANDRADE, A. N. de; GIL, D.; SCHIEFER, A. M.; PEREIRA, L. D. Avaliação comportamental do processamento auditivo em indivíduos gagos. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 20, n. 1, p. 43-48, mar. 2008.
- ANDRADE, C. R. F. de. Abordagem neurolinguística e motora da gagueira. *In*: FERREIRA, L. P.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGE, S. C. O. (Eds.). **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004a. p. 1001-26.
- ANDRADE, C. R. F. de. Fluência. *In*: ANDRADE, C. R. F. de; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. **ABFW**: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2. ed. rev., ampl. e atual. Barueri: Pró-Fono, 2004b. p. 51-82.
- ANDRADE, C. R. F. de. **Gagueira infantil**: risco, diagnóstico e programas terapêuticos. Barueri: Pró-Fono, 2012.
- ANDRADE, C. R. F. de. **Perfil da fluência da fala: parâmetro comparativo diferenciado por idade para crianças, adolescentes, adultos e idosos**. Barueri: Pró-Fono, 2006. 1 CD-ROM. (Série Livros Digitais de Pesquisas Financiadas por Agências de Fomento).
- ANDRADE, C. R. F. de. Protocolo para avaliação da fluência da fala. **Pró-fono**, v. 12, n. 2, p. 121-130, set. 2000.
- ANDRADE, C. R. F. de; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. ABFW: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. Barueri: Pró-Fono, 2000.
- ANDRADE, C. R. F. de; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. ABFW: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. 2a ed. Barueri: Pró-Fono, 2004.

ANDRADE, C. R. F. de; CERVONE, L. M.; SASSI, F. C. Relationship between the stuttering severity index and speech rate. *Med J. São Paulo*, v. 121, n. 2, p. 81-4, 2003.

ANDRADE, C. R. F. de; SASSI, F. C.; JUSTE, F. S.; ERCOLIN, B. Modelamento da fluência com o uso da eletromiografia de superfície: estudo piloto. **Pró-Fono: Revista de Atualização Científica**, Barueri, v. 20, n. 2, p. 129-132, jun. 2008b.

ANDRADE, C. R. F. de; SASSI, F. C.; JUSTE, F. S.; ERCOLIN, B. Qualidade de vida em obrigação com gagueira desenvolvimental persistente. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 20, n. 4, p. 219-224, dez. 2008a. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-56872008000400003>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872008000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 abr. 2018.

ANDRADE, C. R.F. de; MARTINS, V. O. de. Variação da fluência da fala em idosos. **Pró-Fono R. Atual Cient.**, Barueri, v. 22, n. 1, p. 13-18, mar. 2010.

ANGRISANI, R. M. G. *et al.* Avaliação eletrofisiológica da audição em gagos, pré e pós terapia fonoaudiológica. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 21, n. 2, p. 95-100, jun. 2009.

ARAUJO, A. S. “**Você me faria um favor?**”: o futuro do pretérito e a expressão de polidez. 2014, 113 f., Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

ARCURI, C. F. *et al.* Taxa de elocução de fala segundo a gravidade da gagueira. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 21, n. 1, p. 45-50, mar. 2009.

BARBOSA, P. A. Análise e modelamento dinâmicos da prosódia do português brasileiro. **Revista de estudos da linguagem**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 75-96, dez. 2007.
BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2014. p. 79-98.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. [1999].

BEFI-LOPES, D. M. *et al.* Complexidade da história e pausas silentes em crianças com e sem distúrbio específico de linguagem. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 325-329, 2013.

BEFI-LOPES, D. M. Vocabulário. In: ANDRADE, C. R. F. de; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. **ABFW**: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. Barueri: Pró-Fono, 2000.

BEFI-LOPES, D. M. Vocabulário. In: ANDRADE, C. R. F. de; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. **ABFW**: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. 2. ed. Barueri: Pró-Fono, 2004.

BENTO, A. C. P.; BEFI-LOPES, D. M. Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 22, n. 4, p. 503-508, dez. 2010.

BITAR, M. L. **Produção oral de crianças a partir da leitura de imagens**. São Paulo: Humanitas, 2002.

BOYSSON-BARDIES, B. de. Como a fala surge na criança. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 97-103, mar. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 abr. 2021.

BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. de M. P. Doença de Alzheimer e a aplicação de diferentes tarefas discursivas. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 161-69, 2011.

BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. de M. P.; PEÑA-CASANOVA, J. Estratégias comunicativas de pessoas com doença de Alzheimer. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 308-316, 2010.

BRASIL. **Lei nº 6.965, de 9 de dezembro de 1981**. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Fonoaudiólogo, e determina outras providências. Brasília, 1981. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6965.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

BUZZETI, P. B. M. de M. *et al.* Comparação da leitura de escolares com gagueira em duas condições de escuta: habitual e atrasada. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 67-73, fev. 2016.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade (Org.). **Documentos 2**. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 97-108. v. 1.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARRASCO, E. R.; SCHIEFER, A. M.; AZEVEDO, M. F. de. O efeito do *feedback* auditivo atrasado na gagueira. **Audiol. Commun. Res.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 116-122, jun. 2015.

CASTRO, Blenda Stephanie Alves e *et al.* Perfil da fluência: comparação entre falantes do Português Brasileiro e do Português Europeu. **CoDAS**, São Paulo, v. 26, n. 6, p. 444-446, dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20142014184>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822014000600444&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 abr. 2021.

CAVALCANTE, P. A.; MANDRÁ, P. P. Narrativas orais de crianças com desenvolvimento típico de linguagem. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 22, n. 4, p. 391-396, dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-56872010000400005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872010000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 abr. 2020.

CELESTE, L. C.; REIS, C. Expressão de certeza e dúvida na gagueira: estudo dos aspectos temporais da fala. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 1609-1620, dez. 2013.

CHAMBERS, F. What do we mean by fluency? **System**, [S. l.], v. 25, n. 4, p. 535-44, dez. 1997.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, L. M. O.; MARTINS-REIS, V. de O.; CELESTE, L. C. Metodologias de análise da velocidade de fala: um estudo piloto. **CoDAS**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 41-45, fev. 2016.

DUARTE, T. F.; CRENITTE, P. A. P.; LOPES-HERRERA, S. A. Caracterização dos indivíduos com distúrbios da fluência, atendidos na clínica-escola do curso de fonoaudiologia da USP-Bauru. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.12, p.12-20, jun./set. 2009.

DUONG, A.; TARDIF, A.; SKA, B. Discourse about discourse: what is it and how does it progress in Alzheimer's disease? **Brain Cogn**, v. 53, n. 2, p. 177-80, 2003.

FERNANDES, F. D. M. Pragmática. ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. **ABFW: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática**. 1a ed. Barueri: Pró-Fono, 2000.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A Dialetoologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIORIN, M. *et al.* Fluência da leitura e da fala espontânea de escolares: estudo comparativo entre gogos e não gogos. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 151-158, fev. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620152014>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462015000100151&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jul. 2019.

FIORINDO, P. P. Narrativas orais produzidas por crianças: a explicação em foco. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v, 37, n. 2, p. 92-98, 2008.

FOLHA, G. A.; FELICIO, C. M.de. Relações entre idade, porcentagem de consoantes corretas e velocidade de fala. **Pró-Fono R. Atual. Cient**, Barueri, v. 21, n. 1, p. 39-44, mar. 2009.

FURINI, J. *et al.* O papel das pistas temporais auditivas na fluência de adultos com gagueira. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 19, n. 5, p. 611-619, set. 2017.

GONÇALVES, C. S. **Taxa de elocução e de articulação em corpus forense do português brasileiro**. 2013. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GONÇALVES, C. S. Taxa de elocução e taxa de articulação em corpus utilizado na perícia de Comparação de Locutores. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 15-25, jan./mar. 2017.

GOODGLASS, H.; KAPLAN, J. **Evaluación de la afasia y de transtornos relacionados**. Madrid: Editorial Medica Panamericana, 1986.

GOULART, B. N. G. de; CHIARI, B. M. Avaliação clínica fonoaudiológica, integralidade e humanização: perspectivas gerais e contribuições para reflexão. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 335-340, dez. 2007.

IBM CORP. **IBM SPSS Statistics for Windows** Version 20.0. Armonk, NY: IBM Corp, 2011.

JUSTE, F. S. *et al.* Frequência das interrupções da fala na doença de Parkinson e gagueira do desenvolvimento: uma comparação entre tarefas de fala. **PLOS ONE**, v. 13, n. 6, p. e0199054, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0199054>. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0199054>. Acesso em: 2 JUL. 2019.

JUSTE, F. S.; ANDRADE, C. R. F. de. Perfil da fluência da fala em diferentes tarefas para indivíduos com doença de Parkinson. **CoDAS**, São Paulo, v. 29, n. 4, e20160130, jul. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20172016130>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822017000400300&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jul. 2019.

JUSTE, F. S.; ANDRADE, C. R. F. de. Tipologia das rupturas de fala e classes gramaticais em crianças gagas e fluentes. **Pró-Fono** (Impresso), v. 18, n. 2, p. 129-140, 2006.

LABOV, W. [1972]. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMÔNICA, D. A. C.; BRITTO, D. B. O. (Org). **Tratado de linguagem: perspectivas contemporâneas**. Ribeirão Preto: Book Toy, 2017.

LAVER, John. **Principles of Phonetics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

LENNES. M; ALAROUTO, N.; VAINIO, N. Is the phonetic quality of unaccented words unpredictable? An example from spontaneous Finnish. **Journal of the International Phonetic Association**, v. 31, p12-138, 2001.

LEVELT, W. J. **Speaking**: From intention to articulation. MIT press, 1993.

LIMA, T. M. *et al.* Doença de Alzheimer: cognição e discurso narrativo com apoio em figuras. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 1168-1177, ago. 2014

LINDAU, T. A.; ROSSI, N. F.; GIACHETTI, C. M. Instrumento de Avaliação Pré-Escolar de Língua, segunda edição, em crianças de língua portuguesa brasileira. **CoDAS**, n. 26, p. 328-330, 2014.

LUCENTE, L. . Modelo dinâmico da fala: entoação, ritmo e discurso no português brasileiro. **Joss Journal Of Speech Science** , v. 3, p. 21-62, 2013.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. **As aulas de Saussure**: um retorno aos manuscritos. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016

MARQUEZIN, D. M. S. S. *et al.* Expressividade da fala de executivos: análise de aspectos perceptivos e acústicos da dinâmica vocal. **CoDAS**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 160-169, abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20152014188>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822015000200160&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2021.

MARTINS, Vanessa de Oliveira. **Variação da fluência da fala em falantes do português brasileiro**: quatro estudos. 2007. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. DOI:10.11606/T.8.2007.tde-23102007-145204. Acesso em: 13 abr. 2021.

MEDEIROS, J. S. F. de *et al.* Análise do discurso de indivíduos afásicos fluentes e com leve dificuldade de compreensão oral. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 704-720, jun. 2016.

MEIRA, I. Abordagem fenomenológica da fluência. *In*: FERNANDES, F.; MENDES, B.; NAVAS, A. **Tratado de Fonoaudiologia**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2009. p. 434-442.

MEIRELES, A. R. **Reestruturações rítmicas da fala no português brasileiro**. 2007. 295p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269184>. Acesso em: 6 mar. 2020.

MEIRELES, A. R.; BARBOSA, P. A. O papel da taxa de elocução nos processos dinâmicos de mudança linguística. **Revista (con) textos linguísticos**, Vitória, v. 3, p. 91-116, 2009.

MEIRELES, A. R.; TOZETTI, J. P.; BORGES, R. R. Velocidade da fala e variação rítmica em Português do Brasil. *In*: SPEECH PROSODY 2010 CONFERENCE, 2010, Chicago. Processos do Conferência de Prosódia de Fala 2010. **Anais [...]**. Chicago: RG. v.1. p.1-4, 2010.

MEIRELES, A. R.; GAMBARINI, V. **Rhythm Typology of Brazilian Portuguese dialects**. In: Speech Prosody 2012, 6th International Conference on Speech Prosody, Shanghai: Proceedings of Speech Prosody v. 1, 2012.

MERCON, S. M. de A.; NEMR, K.. Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos qualitativos e quantitativos. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 174-79, jun. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462007000200005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462007000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 abr. 2021.

MERLO, S. Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais. 2006. 218 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MICROSOFT CORPORATION. **Excel**. 2016.

MOTTA, A. B. *et al.* Contar histórias: uma proposta de avaliação assistida da narrativa infantil. **Inter Psicol.**, v. 10, n. 1, p. 157-67, 2006.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33-42.

NASCIMENTO, J. dos S. *et al.* Constituição de amostras sociolinguísticas e o controle de variáveis pragmáticas. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. (Org.). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2016. p. 101-112.

NOGUEIRA, P.R.. *et al.* Gagueira desenvolvimental persistente familiar: disfluências e prevalência. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 5, p. 1441-1448, out. 2015.

NOVAES, P. M.; NICOLIELO-CARRILHO, A. P.; LOPES-HERRERA, S. A. Velocidade e fluência de fala em crianças com distúrbio fonológico. **CoDAS**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 339-343, ago. 2015.

OLIVEIRA E SILVA, G. M.; MACEDO, A. T. de. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 10-33.

OLIVEIRA, A. M. do C. C. de *et al.* O que fonoaudiólogos e estudantes de fonoaudiologia entendem por fluência e disfluência. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 40-46, mar. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462007000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462007000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 abr. 2021.

OLIVEIRA, C. C. C.de; SCIVOLETTO, S. Relação entre abstinência de maconha e fluência da fala em um adolescente com gagueira: implicações para o tratamento fonoaudiológico e psiquiátrico. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 660-662, abr. 2014.

OLIVEIRA, C. M. C. de *et al.* Familiar counseling and its effects on childhood stuttering. **Rev Soc Bras Fonoaudiol.**, v. 15, n. 1, p. 115-24, 2010.

OLIVEIRA, C. M. C. de.; FIORIN, M.; NOGUEIRA, P. R.; LAROZA, C. P. Perfil da fluência: análise comparativa entre gagueira desenvolvimental persistente familiar e isolada. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 1627-1634, dez. 2013.

OLIVEIRA, C. M. C. de; BROGLIO, G. A. F.; BERNARDES, A. P. L.; CAPELLINI, S. A. Relação entre taxa de elocução e descontinuidade da fala na taquifemia. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 59-63, 2013.

OLIVEIRA, C. M. C. de; PEREIRA, L. J. Gagueira desenvolvimental persistente: avaliação da fluência pré e pós-programa terapêutico. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 120-130, fev. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462013005000046>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462014000100120&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jul.2019.

PERKINS, W.; KENT, R. D.; CURLEE, R. F. A. Theory of neuropsycholinguistic function in stuttering. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 34, n. 4, p. 734-52, ago. 1991.

PERRONI, M. C. **O desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes; 1992.

PERRUCINI, D. S. *et al.* Efeito da retroalimentação auditiva atrasada na fala e leitura de taquifêmicos. **Audiol. Commun. Res.**, São Paulo, v. 22, e1795, 2017.

PEZZATI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 165-218.

PICOLOTO, L. A. *et al.* Efeito da retroalimentação auditiva atrasada na gagueira com e sem alteração do processamento auditivo central. **CoDAS**, São Paulo, v. 29, n. 6, e20170038, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/201720170038>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822017000600307&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jul. 2019.

PINTO, J. C. B. R.; SCHIEFER, A. M.; AVILA, C. R. Br. de. Disfluências e velocidade de fala em produção espontânea e em leitura oral em indivíduos gagos e não gagos. **Audiol. Commun. Res.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 63-70, jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S2317-64312013000200003>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-64312013000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2021.

PRATES, L. P. C.; MARTINS, V. O. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Rev Med Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 21, n. 4 Supl. 1 - S1-S68, 2011.

PUYUELO, M.; RONDAL, J. **Manual de desenvolvimento e alterações da linguagem na criança e no adulto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REGAÇONE, S. F. *et al.* Avaliação eletrofisiológica do sistema auditivo em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 6, p. 1838-1847, dez. 2015.

RILEY, G. D. **Stuttering Severity Instrument for Children and Adults**. Austin: Pro Ed; 1994.

ROSSI, R. *et al.* Habilidades fonológicas em crianças com gagueira. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 167-173, fev. 2014.

SANTANA, A. P. A linguagem na clínica fonoaudiológica: implicações de uma abordagem discursiva. **Rev. Disturb. Comum**, v. 13, n. 1, p. 161-174, 2001.

SANTANA, B. A.; OLIVEIRA, C. M. C. de. Achados relevantes da história clínica de taquifêmicos. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 6, p. 1860-1870, dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201420213>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462014000601860&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 jul. 2019.

SAUSSURE, F [1916]. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCARPA, E. M.; FERNANDEZ-SVARTSMAN, F. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 54, n. 1, p. 25–40, 2012. DOI: 10.20396/cel.v54i1.8636969. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636969>. Acesso em: 18 set. 2021.

SILVA, J.de A. **Estudo sociofonético de variações rítmicas no dialeto capixaba**. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

SILVA, P. B. da *et al.* Prolongamentos na fala de adultos com e sem gagueira. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 1141-1150, out. 2016.

SILVA, S. M. **A fluência da fala do florianopolitano**. 2014. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Fonoaudiologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169739>. Acesso em 11 abr. 2021.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SIMÃO, L. M. Interação pesquisador-sujeito: a perspectiva de ação social na construção do conhecimento. **Ciência e Cultura**, v. 41, n. 12, p. 1195-1202, dez. 1989.

SIMON, A. M. A gagueira da criança. *In*: CHEVRIE-MULLER, C.; NARBONA, J. A. **Linguagem da criança**: aspectos normais e patológicos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005. p.360-379.

SIQUEIRA, A. S. do N.; MAGALHÃES, M. L. P.; GONÇALVES, S. M. G. Dialetologia e Geolinguística: uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XXVIII, p. 46-70, 2014.

SOUZA, A. P. R. de; SPERB, C. Desempenho narrativo em sujeitos com distúrbio/atraso fonológico. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 389-395, set. 2009.
SOUZA, J. B. de. *et al.* Frequência e tipologia das disfluências: análise comparativa entre taquifêmicos e gagos. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 857-863, ago. 2013.

SPINILLO, A. G. Era uma vez ... e foram felizes para sempre: esquema narrativo e variações experimentais. **Temas em Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 67-78, 1993.

SPINILLO, A. G. O efeito da representação pictográfica na produção de narrativas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 215-227, 1991.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. *In*: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WERTZNER, H. F.; SILVA, L. M. Velocidade de fala em crianças com e sem transtorno fonológico. **Pró-Fono R. Atual. Cient.**, Barueri, v. 21, n. 1, p. 19-24, mar. 2009.

WERTZNER, W. H. Fonologia. *In*: ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. **ABFW**: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. Barueri: Pró-Fono, 2000.

WERTZNER, W. H. Fonologia. *In*: ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, W. H. **ABFW**: Teste de linguagem infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. 2. ed. Barueri: Pró-Fono, 2004.

YACOVENCO, Lilian Coutinho *et al.* Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto)**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 771-806, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300003>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2021.

YAIRI, E.; AMBROSE, N. G.; NIERMANN, R. The Early Months of Stuttering: A Developmental Study. **J Speech Hear Res.**, v. 36, p. 521-8, 1993.

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L.; LAMPRECHT, R. R. **Avaliação fonológica da criança**: reeducação e terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

ZÁGARI, M. R. A dimensão sociolinguística do projeto ALiB. *In*: MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; MILANI, G. A. L.. **Documentos I**: Projeto do Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Ed. da UFBA, 2004.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ANAMNESE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Prezado responsável, que bom que você aceitou participar desta pesquisa. Peço a gentileza de responder junto com a criança este questionário. Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato com a escola ou com a pesquisadora Márcia Emília pelo telefone: 27 99812-3258.

Muito obrigada por contribuir com a ciência.

ANAMNESE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
NOME: _____	DATA _____
COLETA: ____/____/____	
DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____	BILÍNGUE: () SIM () NÃO
SEXO/GÊNERO: () MASC. () FEM.	
RESPONSÁVEL LEGAL: _____	
TELEFONE: () _____	
SÉRIE/ANO ESCOLAR: _____	
ESCOLA: _____	

1) Como você considera a audição do seu filho(a)? Entende quando falam com ele(a)?

() normal () alterada () alguma dificuldade

Se alterada ou com dificuldade, o que é percebido?

2) Como você considera a fala do seu filho(a)? Entendem quando ele(a) fala?

() normal () alterada () alguma dificuldade

Se alterada ou com dificuldade, o que é percebido?

3) Marque sobre os hábitos orais e vocais da criança:

- () Não apresenta queixas
- () Onicofagia (roer unha)
- () Sucção não nutritiva (chupa dedo)

- () Chupeta ou mamadeira
- () Respiração Oral
- () Rouquidão
- () dor/ ardência na garganta
- () Outra _____

4) Seu filho(a) apresenta alterações/queixas neurológicas? Ele faz acompanhamento com neurologista?

5) A criança já realizou tratamento fonoaudiológico anteriormente ou apresenta queixa fonoaudiológica?

Perguntas direcionadas para as crianças:

6) Quem Mora com você?

7) Você tem irmãos? Quantos? Qual a idade dele(s)?

8) Com quem você passa o maior tempo do seu dia?

9) Com quem você brinca? Seus pais brincam com você?

10) O que você gosta de brincar?

11) Em que ano você está na escola?

12) Em qual turno você estuda?

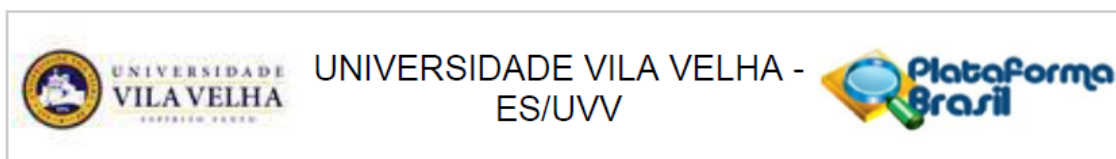
13) Você brinca com seus amigos da sala?

14) Qual matéria você mais gosta de estudar?

15) Qual matéria você menos gosta de estudar? Por que você não gosta?

Família: Outras informações importantes acerca do desenvolvimento global e escolar da criança:

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Laboratório de linguagem: Perfil fonológico e de fluência da fala da variante capixaba do Português Brasileiro

Pesquisador: Márcia Emília da Rocha Assis Eloi

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61331216.5.0000.5064

Instituição Proponente: SOC EDUC DO ESP SANTO UNIDADE DE V VELHA ENSINO SUPERIO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.844.154

Apresentação do Projeto:

Caracterizar o perfil fonológico e de fluência da fala da variante capixaba do Português Brasileiro - PB.

Método: Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal em que as amostras serão recrutadas de duas formas: 1) demanda espontânea na Clínica de Referência UVV; escolas municipais de educação infantil e ensino fundamental de Vitória e Grande Vitória. Para cumprir com o objetivo da pesquisa serão coletadas as amostras da fala espontânea com estimulação por uma figura (para fluência) e provas de imitação e nomeação do ABFW. Para a análise estatística inferencial dos dados será utilizado o teste Qui-quadrado para variáveis categóricas e o teste "T" de Student para quantificação das amostras cruzando o p-valor (com significância de 0,05), pareado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Caracterizar o perfil fonológico e de fluência da fala da variante capixaba do Português Brasileiro - PB.

Endereço: Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21

Bairro: BOA VISTA II

CEP: 29.102-920

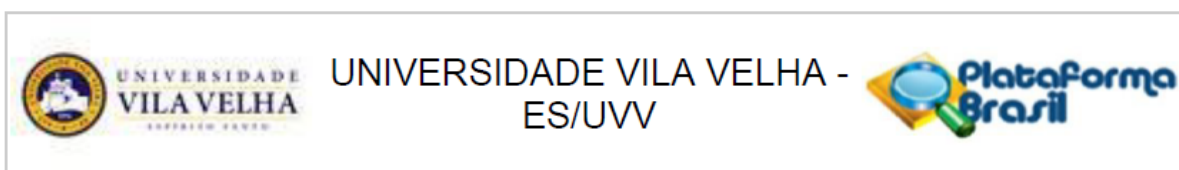
UF: ES

Município: VILA VELHA

Telefone: (27)3421-2137

Fax: (27)3421-2137

E-mail: cep.uvv@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.844.154

Objetivo Secundário:

- Delinear a tipologia das rupturas mais prevalentes na variante capixaba do PB;
- Descrever a frequência das rupturas da variante capixaba do PB;
- Averiguar a duração das rupturas e das pausas na variante capixaba do PB;
- Estabelecer a velocidade de fala da variante capixaba do PB nas unidades de medidas silábica e fonêmica;
- Caracterizar os processos fonológicos mais predominantes nessa variante.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A presente pesquisa não apresenta riscos à integridade física e cognitiva dos participantes. Apresenta risco mínimo de cansaço pois a criança deverá falar para ser avaliada. Na coleta escolar, os alunos também se ausentarão da sala de aula resultando risco mínimo na perda de conteúdos escolares. Os dados coletados não serão identificados visando evitar quaisquer constrangimentos ao participante sendo mantido em sigilo absoluto para preservar sua integridade. Caso a criança participante (ou seus responsáveis) sinta algum constrangimento ou não deseje participar da coleta em qualquer momento, o mesmo será prontamente desligado da pesquisa sem que isso lhe traga quaisquer prejuízo. Os pacientes que se encaminharem à Clínica Escola, serão submetidos à avaliação e tratamento rotineiros da prática clínica fonoaudiológica.

Benefícios:

Esta pesquisa beneficiará ao conhecimento da comunidade científica fonoaudiológica e linguística no que diz respeito à fala da variante capixaba do PB. Sendo assim, o conhecimento desse estudo possibilitaria um melhor diagnóstico da realidade da fala capixaba e condutas terapêuticas pertinentes para essa variante do PB.. Além disso, as crianças que apresentarem escores abaixo do limiares da normalidade receberão encaminhamento fonoaudiológico para o serviço de Fonoaudiologia da Universidade Vila Velha (serviço vinculado ao curso proponente desta pesquisa).

Tamanho da Amostra no Brasil: 200

Endereço:

Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21
Bairro: BOA VISTA II **CEP:** 29.102-920
UF: ES **Município:** VILA VELHA
Telefone: (27)3421-2137 **Fax:** (27)3421-2137 **E-mail:** cep.uvv@gmail.com



UNIVERSIDADE VILA VELHA -
ES/UVV



Continuação do Parecer: 1.844.154

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem escrito sem pendências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Toda documentação está de acordo.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado acata o parecer do relator

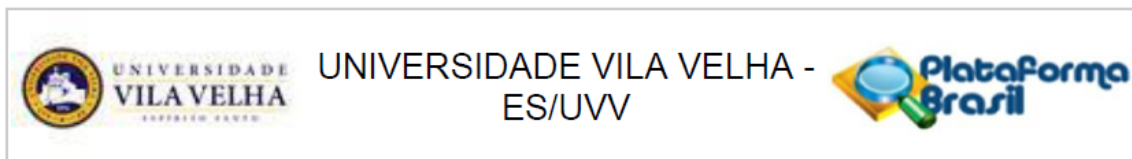
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_806388.pdf	24/10/2016 11:57:25		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostook.pdf	24/10/2016 11:56:31	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	brochura.pdf	12/10/2016 22:49:53	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
Investigador				
Outros	anexo3ok.pdf	12/10/2016 22:47:01	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
Outros	anexo2ok.pdf	12/10/2016 22:46:34	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo1.pdf	12/10/2016 22:45:58	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
Endereço: Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21				

Bairro: BOA VISTA II **CEP:** 29.102-920

UF: ES **Município:** VILA VELHA

Telefone: (27)3421-2137 **Fax:** (27)3421-2137 **E-mail:** cep.uvv@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.844.154

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem escrito sem pendências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Toda documentação está de acordo.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

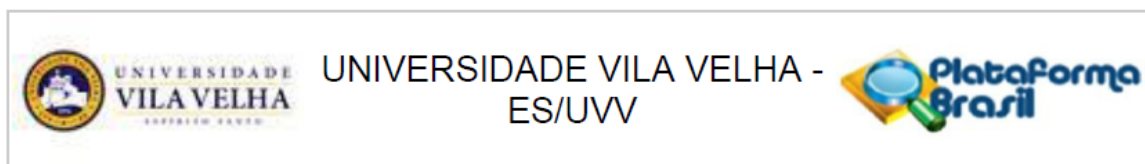
Projeto Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado acata o parecer do relator

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação	
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_806388.pdf		24/10/2016 11:57:25		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostook.pdf	24/10/2016	11:56:31	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura.pdf	12/10/2016	22:49:53	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
Outros	anexo3ok.pdf	12/10/2016	22:47:01	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
Outros	anexo2ok.pdf	12/10/2016	22:46:34	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito
TCLE / Assentimento / Justificativa de Ausência	anexo1.pdf	12/10/2016	22:45:58	Márcia Emília da Rocha Assis Eloi	Aceito



Continuação do Parecer: 1.844.154

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VILA VELHA, 30 de Novembro de 2016

Assinado por:

Zilma Maria Almeida Cruz
(Coordenador)

Endereço:

Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21

Bairro: BOA VISTA II

CEP: 29.102-920

UF: ES

Município: VILA VELHA

Telefone: (27)3421-2137

Fax: (27)3421-2137

E-mail: cep.uvv@gmail.com

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando um estudo acerca do perfil fonológico e de fluência da fala da variante capixaba do português brasileiro de escolares da educação infantil e do ensino fundamental conduzido por pesquisadores da Universidade Vila Velha. A pesquisa será realizada na clínica de Fonoaudiologia da UVV ou na escola onde o seu filho (a) estuda. Se seu filho for avaliado na escola, será marcado juntamente com o professor de seu filho (a) e com a equipe pedagógica o dia para a aplicação dos protocolos.

A participação no estudo não implica em riscos à integridade física e cognitiva do(a) seu (sua) filho (a). Pode ocorrer risco mínimo de cansaço pois o (a) seu (sua) filho (a) deverá se concentrar nas atividades propostas. Durante as avaliações ele(a) também se ausentará da sala de aula resultando em risco mínimo na perda de conteúdo escolar. Os dados coletados não serão identificados visando evitar quaisquer constrangimentos ao seu (sua) filho (a) sendo mantido em sigilo absoluto para preservar sua integridade. Caso seu (sua) filho (a) (ou seus você) sinta algum constrangimento ou não deseje participar da coleta em qualquer momento, o seu (sua) filho (a) será prontamente desligado da pesquisa sem que isso lhe traga quaisquer prejuízo. Caso houver qualquer constrangimento, o (a) mesmo (a) poderá se recusar a participar da pesquisa sem quaisquer prejuízo.

Esta pesquisa visa benefícios diretos para os escolares ao promover melhor compreensão e formas de intervenção na terapia fonoaudiológica em fonologia e fluência.

Se seu filho (a) apresentar escores abaixo do limiars da normalidade receberá fonoterapia fonoaudiológica no serviço de Fonoaudiologia da Universidade Vila Velha (serviço vinculado ao curso proponente desta pesquisa).

Você não receberá qualquer benefício material pela sua participação e não terá nenhum gasto com a pesquisa. Todos os gastos serão de responsabilidade dos pesquisadores.

Afirmamos que os seus dados de identificação, e os de seu/sua filho/filha, não serão utilizados em nenhum momento. A amostra da fala do (a) seu (sua) filho(a), bem

como os protocolos preenchidos, ficarão sob a guarda dos pesquisadores por cinco anos e posteriormente serão destruídos.

Você terá a liberdade de retirar o consentimento em qualquer momento e proibir a participação de seu/sua filho/filha no estudo sem que isto traga prejuízo para a criança.

Para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis pelo estudo listados no final do documento, antes, durante e após o decorrer do trabalho.

Caso concorde em participar do estudo, leia o texto abaixo e assine.

Eu _____ autorizo meu filho (a)

_____ a participar desta pesquisa. Autorizo a publicação dos dados em eventos e/ou periódicos científicos, sempre resguardando minha identidade e do meu filho, desta forma nossos nomes não serão divulgados em nenhuma das publicações

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

Pesquisadora: Márcia Emília da Rocha Assis Eloi, Universidade Vila Velha- ES (27) 99812-3258

E-mail: marcia.eloi@uvv.br

COEP – Comitê de ética em Pesquisa Universidade de Vila Velha

Prédio Inotec - 3º andar, sala 12, na Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Avenida Comissário José Dantas de Melo, nº21, Boa Vista, Vila Velha-ES CEP:29.102-920 Tel: (27) 3421-2084 E-mail: ceo.uvv@gmail.com.

ANEXO C – RESOLUÇÃO Nº 196 DE 10 DE OUTUBRO DE 1996

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE

RESOLUÇÃO Nº 196 DE 10 DE OUTUBRO DE 1996

O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Ordinária, realizada nos dias 09 e 10 de outubro de 1996, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, **RESOLVE:**

Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos:

I - PREÂMBULO

A presente Resolução fundamenta-se nos principais documentos internacionais que emanaram declarações e diretrizes sobre pesquisas que envolvem seres humanos: o Código de Nuremberg (1947), a Declaração dos Direitos do Homem (1948), a Declaração de Helsinque (1964 e suas versões posteriores de 1975, 1983 e 1989), o Acordo Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (ONU, 1966, aprovado pelo Congresso Nacional Brasileiro em 1992), as Propostas de Diretrizes Éticas Internacionais para Pesquisas Biomédicas Envolvendo Seres Humanos (CIOMS/OMS 1982 e 1993) e as Diretrizes Internacionais para Revisão Ética de Estudos Epidemiológicos (CIOMS, 1991). Cumpre as disposições da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e da legislação brasileira correlata: Código de Direitos do Consumidor, Código Civil e Código Penal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Orgânica da Saúde 8.080, de 19/09/90 (dispõe sobre as condições de atenção à saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes), Lei 8.142, de 28/12/90 (participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde), Decreto 99.438, de 07/08/90 (organização e atribuições do Conselho Nacional de Saúde), Decreto 98.830, de 15/01/90 (coleta por estrangeiros de dados e materiais científicos no Brasil), Lei 8.489, de 18/11/92, e Decreto 879, de 22/07/93 (dispõem sobre retirada de tecidos, órgãos e outras partes do corpo humano com fins humanitários e científicos), Lei 8.501, de 30/11/92 (utilização de cadáver), Lei 8.974, de 05/01/95 (uso das técnicas de engenharia genética e liberação no meio ambiente de organismos geneticamente modificados), Lei 9.279, de 14/05/96 (regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial), e outras.

Esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

O caráter contextual das considerações aqui desenvolvidas implica em revisões periódicas desta Resolução, conforme necessidades nas áreas tecnocientífica e ética.

Ressalta-se, ainda, que cada área temática de investigação e cada modalidade de pesquisa, além de respeitar os princípios emanados deste texto, deve cumprir com as exigências setoriais e regulamentações específicas.

II - TERMOS E DEFINIÇÕES

A presente Resolução, adota no seu âmbito as seguintes definições:

II.1 - Pesquisa - classe de atividades cujo objetivo é desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável. O conhecimento generalizável consiste em teorias, relações ou princípios ou no acúmulo de informações sobre as quais estão baseados, que possam ser corroborados por métodos científicos aceitos de observação e inferência.

II.2 - Pesquisa envolvendo seres humanos - pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais.

II.3 - Protocolo de Pesquisa - Documento contemplando a descrição da pesquisa em seus aspectos fundamentais, informações relativas ao sujeito da pesquisa, à qualificação dos pesquisadores e à todas as instâncias responsáveis.

II.4 - Pesquisador responsável - pessoa responsável pela coordenação e realização da pesquisa e pela integridade e bem-estar dos sujeitos da pesquisa.

II.5 - Instituição de pesquisa - organização, pública ou privada, legitimamente constituída e habilitada na qual são realizadas investigações científicas.

II.6 - Promotor - indivíduo ou instituição, responsável pela promoção da pesquisa.

II.7 - Patrocinador - pessoa física ou jurídica que apoia financeiramente a pesquisa.

II.8 - Risco da pesquisa - possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente.

II.9 - Dano associado ou decorrente da pesquisa - agravo imediato ou tardio, ao indivíduo ou à coletividade, com nexo causal comprovado, direto ou indireto, decorrente do estudo científico.

II.10 - Sujeito da pesquisa - é o(a) participante pesquisado(a), individual ou coletivamente, de caráter voluntário, vedada qualquer forma de remuneração.

II.11 - Consentimento livre e esclarecido - anuência do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa.

II.12 - Indenização - cobertura material, em reparação a dano imediato ou tardio, causado pela pesquisa ao ser humano a ela submetida.

II.13 - Ressarcimento - cobertura, em compensação, exclusiva de despesas decorrentes da participação do sujeito na pesquisa.

II.14 - Comitês de Ética em Pesquisa-CEP - colegiados interdisciplinares e independentes, com "munus público", de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

II.15 - Vulnerabilidade - refere-se a estado de pessoas ou grupos que, por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido.

II.16 - Incapacidade - Refere-se ao possível sujeito da pesquisa que não tenha capacidade civil para dar o seu consentimento livre e esclarecido, devendo ser assistido ou representado, de acordo com a legislação brasileira vigente.

III - ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

As pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais.

III.1 - A eticidade da pesquisa implica em:

a) consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (*autonomia*). Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade;

b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (*beneficência*), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;

c) garantia de que danos previsíveis serão evitados (*não maleficência*);

d) relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (*justiça e equidade*).

III.2- Todo procedimento de qualquer natureza envolvendo o ser humano, cuja aceitação não esteja ainda consagrada na literatura científica, será considerado como pesquisa e, portanto, deverá obedecer às diretrizes da presente Resolução. Os procedimentos referidos incluem entre outros, os de natureza instrumental, ambiental, nutricional, educacional, sociológica, econômica, física, psíquica ou biológica, sejam eles farmacológicos, clínicos ou cirúrgicos e de finalidade preventiva, diagnóstica ou terapêutica.

III.3 - A pesquisa em qualquer área do conhecimento, envolvendo seres humanos deverá observar as seguintes exigências:

a) ser adequada aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas;

b) estar fundamentada na experimentação prévia realizada em laboratórios, animais ou em outros fatos científicos;

c) ser realizada somente quando o conhecimento que se pretende obter não possa ser obtido por outro meio;

d) prevalecer sempre as probabilidades dos benefícios esperados sobre os riscos previsíveis;

e) obedecer a metodologia adequada. Se houver necessidade de distribuição aleatória dos sujeitos da pesquisa em grupos experimentais e de controle, assegurar que, *a priori*, não seja possível estabelecer as vantagens de um procedimento sobre outro através de revisão de literatura, métodos observacionais ou métodos que não envolvam seres humanos;

f) ter plenamente justificada, quando for o caso, a utilização de placebo, em termos de não maleficência e de necessidade metodológica;

- g)** contar com o consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa e/ou seu representante legal;
- h)** contar com os recursos humanos e materiais necessários que garantam o bem-estar do sujeito da pesquisa, devendo ainda haver adequação entre a competência do pesquisador e o projeto proposto;
- i)** prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico - financeiro;
- j)** ser desenvolvida preferencialmente em indivíduos com autonomia plena. Indivíduos ou grupos vulneráveis não devem ser sujeitos de pesquisa quando a informação desejada possa ser obtida através de sujeitos com plena autonomia, a menos que a investigação possa trazer benefícios diretos aos vulneráveis. Nestes casos, o direito dos indivíduos ou grupos que queiram participar da pesquisa deve ser assegurado, desde que seja garantida a proteção à sua vulnerabilidade e incapacidade legalmente definida;
- l)** respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades;
- m)** garantir que as pesquisas em comunidades, sempre que possível, traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão. O projeto deve analisar as necessidades de cada um dos membros da comunidade e analisar as diferenças presentes entre eles, explicitando como será assegurado o respeito às mesmas;
- n)** garantir o retorno dos benefícios obtidos através das pesquisas para as pessoas e as comunidades onde as mesmas forem realizadas. Quando, no interesse da comunidade, houver benefício real em incentivar ou estimular mudanças de costumes ou comportamentos, o protocolo de pesquisa deve incluir, sempre que possível, disposições para comunicar tal benefício às pessoas e/ou comunidades;
- o)** comunicar às autoridades sanitárias os resultados da pesquisa, sempre que os mesmos puderem contribuir para a melhoria das condições de saúde da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os sujeitos da pesquisa não sejam estigmatizados ou percam a auto-estima;
- p)** assegurar aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- q)** assegurar aos sujeitos da pesquisa as condições de acompanhamento, tratamento ou de orientação, conforme o caso, nas pesquisas de rastreamento; demonstrar a preponderância de benefícios sobre riscos e custos;
- r)** assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa ou patrocinador do projeto;
- s)** comprovar, nas pesquisas conduzidas do exterior ou com cooperação estrangeira, os compromissos e as vantagens, para os sujeitos das pesquisas e para o Brasil, decorrentes de sua realização. Nestes casos deve ser identificado o pesquisador e a instituição nacionais co-responsáveis pela pesquisa. O protocolo deverá observar as exigências da Declaração de Helsinque e incluir documento de aprovação, no país de origem, entre os apresentados para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição brasileira, que exigirá o cumprimento de seus próprios referenciais éticos. Os estudos patrocinados do exterior também devem responder às necessidades de treinamento de pessoal no Brasil, para que o país possa desenvolver projetos similares de forma independente;
- t)** utilizar o material biológico e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo;
- u)** levar em conta, nas pesquisas realizadas em mulheres em idade fértil ou em mulheres grávidas, a avaliação de riscos e benefícios e as eventuais interferências sobre a fertilidade, a gravidez, o embrião ou o feto, o trabalho de parto, o puerpério, a lactação e o recém-nascido;
- v)** considerar que as pesquisas em mulheres grávidas devem, ser precedidas de pesquisas em mulheres fora do período gestacional, exceto quando a gravidez for o objetivo fundamental da pesquisa;
- x)** propiciar, nos estudos multicêntricos, a participação dos pesquisadores que desenvolverão a pesquisa na elaboração do delineamento geral do projeto; e
- z)** descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que a aprovou.

IV - CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

IV.1 - Exige-se que o esclarecimento dos sujeitos se faça em linguagem acessível e que inclua necessariamente os seguintes aspectos:

- a)** a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- b)** os desconfortos e riscos possíveis e os benefícios esperados;
- c)** os métodos alternativos existentes;
- d)** a forma de acompanhamento e assistência, assim como seus responsáveis;

e) a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia, informando a possibilidade de inclusão em grupo controle ou placebo;

f) a liberdade do sujeito se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado;

g) a garantia do sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa;

h) as formas de ressarcimento das despesas decorrentes da participação na pesquisa; e

i) as formas de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

IV.2 - O termo de consentimento livre e esclarecido obedecerá aos seguintes requisitos:

a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima;

b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação;

c) ser assinado ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais; e

d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador.

IV.3 - Nos casos em que haja qualquer restrição à liberdade ou ao esclarecimento necessários para o adequado consentimento, deve-se ainda observar:

a) em pesquisas envolvendo crianças e adolescentes, portadores de perturbação ou doença mental e sujeitos em situação de substancial diminuição em suas capacidades de consentimento, deverá haver justificação clara da escolha dos sujeitos da pesquisa, especificada no protocolo, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e cumprir as exigências do consentimento livre e esclarecido, através dos representantes legais dos referidos sujeitos, sem suspensão do direito de informação do indivíduo, no limite de sua capacidade;

b) a liberdade do consentimento deverá ser particularmente garantida para aqueles sujeitos que, embora adultos e capazes, estejam expostos a condicionamentos específicos ou à influência de autoridade, especialmente estudantes, militares, empregados, presidiários, internos em centros de readaptação, casas-abrigo, asilos, associações religiosas e semelhantes, assegurando-lhes a inteira liberdade de participar ou não da pesquisa, sem quaisquer represálias;

c) nos casos em que seja impossível registrar o consentimento livre e esclarecido, tal fato deve ser devidamente documentado, com explicação das causas da impossibilidade, e parecer do Comitê de Ética em Pesquisa;

d) as pesquisas em pessoas com o diagnóstico de morte encefálica só podem ser realizadas desde que estejam preenchidas as seguintes condições:

- documento comprobatório da morte encefálica (atestado de óbito);

- consentimento explícito dos familiares e/ou do responsável legal, ou manifestação prévia da vontade da pessoa;

- respeito total à dignidade do ser humano sem mutilação ou violação do corpo;

- sem ônus econômico financeiro adicional à família;

- sem prejuízo para outros pacientes aguardando internação ou tratamento;

- possibilidade de obter conhecimento científico relevante, novo e que não possa ser obtido de outra maneira;

e) em comunidades culturalmente diferenciadas, inclusive indígenas, deve-se contar com a anuência antecipada da comunidade através dos seus próprios líderes, não se dispensando, porém, esforços no sentido de obtenção do consentimento individual;

f) quando o mérito da pesquisa depender de alguma restrição de informações aos sujeitos, tal fato deve ser devidamente explicitado e justificado pelo pesquisador e submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados obtidos a partir dos sujeitos da pesquisa não poderão ser usados para outros fins que os não previstos no protocolo e/ou no consentimento.

V - RISCOS E BENEFÍCIOS

Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. O dano eventual poderá ser imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade.

V.1 - Não obstante os riscos potenciais, as pesquisas envolvendo seres humanos serão admissíveis quando:

a) oferecerem elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender, prevenir ou aliviar um problema que afete o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos;

b) o risco se justifique pela importância do benefício esperado;

c) o benefício seja maior, ou no mínimo igual, a outras alternativas já estabelecidas para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento.

V.2 - As pesquisas sem benefício direto ao indivíduo, devem prever condições de serem bem suportadas pelos sujeitos da pesquisa, considerando sua situação física, psicológica, social e educacional.

V.3 - O pesquisador responsável é obrigado a suspender a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, conseqüente à mesma, não previsto no termo de consentimento. Do mesmo modo, tão logo constatada a superioridade de um método em estudo sobre outro, o projeto deverá ser suspenso, oferecendo-se a todos os sujeitos os benefícios do melhor regime.

V.4 - O Comitê de Ética em Pesquisa da instituição deverá ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo.

V.5 - O pesquisador, o patrocinador e a instituição devem assumir a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos.

V.6 - Os sujeitos da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização.

V.7 - Jamais poderá ser exigido do sujeito da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O formulário do consentimento livre e esclarecido não deve conter nenhuma ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao sujeito da pesquisa abrir mão de seus direitos legais, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

VI - PROTOCOLO DE PESQUISA

O protocolo a ser submetido à revisão ética somente poderá ser apreciado se estiver instruído com os seguintes documentos, em português:

VI.1 - folha de rosto: título do projeto, nome, número da carteira de identidade, CPF, telefone e endereço para correspondência do pesquisador responsável e do patrocinador, nome e assinaturas dos dirigentes da instituição e/ou organização;

VI.2 - descrição da pesquisa, compreendendo os seguintes itens:

- a)** descrição dos propósitos e das hipóteses a serem testadas;
- b)** antecedentes científicos e dados que justifiquem a pesquisa. Se o propósito for testar um novo produto ou dispositivo para a saúde, de procedência estrangeira ou não, deverá ser indicada a situação atual de registro junto a agências regulatórias do país de origem;
- c)** descrição detalhada e ordenada do projeto de pesquisa (material e métodos, casuística, resultados esperados e bibliografia);
- d)** análise crítica de riscos e benefícios;
- e)** duração total da pesquisa, a partir da aprovação;
- f)** explicitação das responsabilidades do pesquisador, da instituição, do promotor e do patrocinador;
- g)** explicitação de critérios para suspender ou encerrar a pesquisa;
- h)** local da pesquisa: detalhar as instalações dos serviços, centros, comunidades e instituições nas quais se processarão as várias etapas da pesquisa;
- i)** demonstrativo da existência de infra-estrutura necessária ao desenvolvimento da pesquisa e para atender eventuais problemas dela resultantes, com a concordância documentada da instituição;
- j)** orçamento financeiro detalhado da pesquisa: recursos, fontes e destinação, bem como a forma e o valor da remuneração do pesquisador;
- l)** explicitação de acordo preexistente quanto à propriedade das informações geradas, demonstrando a inexistência de qualquer cláusula restritiva quanto à divulgação pública dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento; neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento;
- m)** declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; e

n) declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados coletados.

VI.3 - informações relativas ao sujeito da pesquisa:

a) descrever as características da população a estudar: tamanho, faixa etária, sexo, cor (classificação do IBGE), estado geral de saúde, classes e grupos sociais, etc. Expor as razões para a utilização de grupos vulneráveis;

b) descrever os métodos que afetem diretamente os sujeitos da pesquisa;

c) identificar as fontes de material de pesquisa, tais como espécimens, registros e dados a serem obtidos de seres humanos. Indicar se esse material será obtido especificamente para os propósitos da pesquisa ou se será usado para outros fins;

d) descrever os planos para o recrutamento de indivíduos e os procedimentos a serem seguidos. Fornecer critérios de inclusão e exclusão;

e) apresentar o formulário ou termo de consentimento, específico para a pesquisa, para a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, incluindo informações sobre as circunstâncias sob as quais o consentimento será obtido, quem irá tratar de obtê-lo e a natureza da informação a ser fornecida aos sujeitos da pesquisa;

f) descrever qualquer risco, avaliando sua possibilidade e gravidade;

g) descrever as medidas para proteção ou minimização de qualquer risco eventual. Quando apropriado, descrever as medidas para assegurar os necessários cuidados à saúde, no caso de danos aos

indivíduos. Descrever também os procedimentos para monitoramento da coleta de dados para prover a segurança dos indivíduos, incluindo as medidas de proteção à confidencialidade; e

h) apresentar previsão de ressarcimento de gastos aos sujeitos da pesquisa. A importância referente não poderá ser de tal monta que possa interferir na autonomia da decisão do indivíduo ou responsável de participar ou não da pesquisa.

VI.4 - qualificação dos pesquisadores: "Curriculum vitae" do pesquisador responsável e dos demais participantes.

VI.5 - termo de compromisso do pesquisador responsável e da instituição de cumprir os termos desta Resolução.

VII - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA-CEP

Toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa.

VII.1 - As instituições nas quais se realizem pesquisas envolvendo seres humanos deverão constituir um ou mais de um Comitê de Ética em Pesquisa- CEP, conforme suas necessidades.

VII.2 - Na impossibilidade de se constituir CEP, a instituição ou o pesquisador responsável deverá submeter o projeto à apreciação do CEP de outra instituição, preferencialmente dentre os indicados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS).

VII.3 - Organização - A organização e criação do CEP será da competência da instituição, respeitadas as normas desta Resolução, assim como o provimento de condições adequadas para o seu funcionamento.

VII.4 - Composição - O CEP deverá ser constituído por colegiado com número não inferior a 7 (sete) membros. Sua constituição deverá incluir a participação de profissionais da área de saúde, das ciências exatas, sociais e humanas, incluindo, por exemplo, juristas, teólogos, sociólogos, filósofos, bioeticistas e, pelo menos, um membro da sociedade representando os usuários da instituição. Poderá variar na sua composição, dependendo das especificidades da instituição e das linhas de pesquisa a serem analisadas.

VII.5 - Terá sempre caráter multi e transdisciplinar, não devendo haver mais que metade de seus membros pertencentes à mesma categoria profissional, participando pessoas dos dois sexos. Poderá ainda contar com consultores "ad hoc", pessoas pertencentes ou não à instituição, com a finalidade de fornecer subsídios técnicos.

VII.6 - No caso de pesquisas em grupos vulneráveis, comunidades e coletividades, deverá ser convidado um representante, como membro "ad hoc" do CEP, para participar da análise do projeto específico.

VII.7 - Nas pesquisas em população indígena deverá participar um consultor familiarizado com os costumes e tradições da comunidade.

VII.8 - Os membros do CEP deverão se isentar de tomada de decisão, quando diretamente envolvidos na pesquisa em análise.

VII.9 - Mandato e escolha dos membros - A composição de cada CEP deverá ser definida a critério da instituição, sendo pelo menos metade dos membros com experiência em pesquisa, eleitos pelos seus pares. A escolha da coordenação de cada Comitê deverá ser feita pelos membros que compõem o colegiado, durante a primeira reunião de trabalho. Será de três anos a duração do mandato, sendo permitida recondução.

VII.10 - Remuneração - Os membros do CEP não poderão ser remunerados no desempenho desta tarefa, sendo recomendável, porém, que sejam dispensados nos horários de trabalho do Comitê das outras obrigações nas instituições às quais prestam serviço, podendo receber ressarcimento de despesas efetuadas com transporte, hospedagem e alimentação.

VII.11 - Arquivo - O CEP deverá manter em arquivo o projeto, o protocolo e os relatórios correspondentes, por 5 (cinco) anos após o encerramento do estudo.

VII.12 - Liberdade de trabalho - Os membros dos CEPs deverão ter total independência na tomada das decisões no exercício das suas funções, mantendo sob caráter confidencial as informações recebidas. Deste modo, não podem sofrer qualquer tipo de pressão por parte de superiores hierárquicos ou pelos interessados em determinada pesquisa, devem isentar-se de envolvimento financeiro e não devem estar submetidos a conflito de interesse.

VII.13 - Atribuições do CEP:

a) revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas;

b) emitir parecer consubstanciado por escrito, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, identificando com clareza o ensaio, documentos estudados e data de revisão. A revisão de cada protocolo culminará com seu enquadramento em uma das seguintes categorias:

- aprovado;

- com pendência: quando o Comitê considera o protocolo como aceitável, porém identifica determinados problemas no protocolo, no formulário do consentimento ou em ambos, e recomenda uma revisão específica ou solicita uma modificação ou informação relevante, que deverá ser atendida em 60 (sessenta) dias pelos pesquisadores;

- retirado: quando, transcorrido o prazo, o protocolo permanece pendente;

- não aprovado; e

- aprovado e encaminhado, com o devido parecer, para apreciação pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/MS, nos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

c) manter a guarda confidencial de todos os dados obtidos na execução de sua tarefa e arquivamento do protocolo completo, que ficará à disposição das autoridades sanitárias;

d) acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores;

e) desempenhar papel consultivo e educativo, fomentando a reflexão em torno da ética na ciência;

f) receber dos sujeitos da pesquisa ou de qualquer outra parte denúncias de abusos ou notificação sobre fatos adversos que possam alterar o curso normal do estudo, decidindo pela continuidade, modificação ou suspensão da pesquisa, devendo, se necessário, adequar o termo de consentimento. Considera-se como anti-ética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou;

g) requerer instauração de sindicância à direção da instituição em caso de denúncias de irregularidades de natureza ética nas pesquisas e, em havendo comprovação, comunicar à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/MS e, no que couber, a outras instâncias; e

h) manter comunicação regular e permanente com a CONEP/MS.

VII.14 - Atuação do CEP:

a) A revisão ética de toda e qualquer proposta de pesquisa envolvendo seres humanos não poderá ser dissociada da sua análise científica. Pesquisa que não se faça acompanhar do respectivo protocolo não deve ser analisada pelo Comitê.

b) Cada CEP deverá elaborar suas normas de funcionamento, contendo metodologia de trabalho, a exemplo de: elaboração das atas; planejamento anual de suas atividades; periodicidade de reuniões; número mínimo de presentes para início das reuniões; prazos para emissão de pareceres; critérios para solicitação de consultas de *experts* na área em que se desejam informações técnicas; modelo de tomada de decisão, etc.

VIII - COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CONEP/MS)

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP/MS é uma instância colegiada, de natureza consultiva, deliberativa, normativa, educativa, independente, vinculada ao Conselho Nacional de Saúde.

O Ministério da Saúde adotará as medidas necessárias para o funcionamento pleno da Comissão e de sua Secretaria Executiva.

VIII.1 - Composição: A CONEP terá composição multi e transdisciplinar, com pessoas de ambos os sexos e deverá ser composta por 13 (treze) membros titulares e seus respectivos suplentes, sendo 05 (cinco) deles personalidades destacadas no campo da ética na pesquisa e na saúde e 08 (oito) personalidades com destacada atuação nos campos teológico, jurídico e outros, assegurando-se que pelo menos um seja da área de gestão da saúde. Os membros serão selecionados, a partir de listas indicativas elaboradas pelas instituições que possuem CEP registrados na CONEP, sendo que 07 (sete) serão escolhidos pelo Conselho Nacional de Saúde e 06 (seis) serão definidos por sorteio. Poderá contar também com consultores e membros "ad hoc", assegurada a representação dos usuários.

VIII.2 - Cada CEP poderá indicar duas personalidades.

VIII.3 - O mandato dos membros da CONEP será de quatro anos com renovação alternada a cada dois anos, de sete ou seis de seus membros.

VIII.4 - Atribuições da CONEP - Compete à CONEP o exame dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, bem como a adequação e atualização das normas atinentes. A CONEP consultará a sociedade sempre que julgar necessário, cabendo-lhe, entre outras, as seguintes atribuições:

a) estimular a criação de CEPs institucionais e de outras instâncias;

b) registrar os CEPs institucionais e de outras instâncias;

c) aprovar, no prazo de 60 dias, e acompanhar os protocolos de pesquisa em áreas temáticas especiais tais como:

1- genética humana;

2- reprodução humana;

3- fármacos, medicamentos, vacinas e testes diagnósticos novos (fases I, II e III) ou não registrados no país (ainda que fase IV), ou quando a pesquisa for referente a seu uso com modalidades, indicações, doses ou vias de administração diferentes daquelas estabelecidas, incluindo seu emprego em combinações;

4- equipamentos, insumos e dispositivos para a saúde novos, ou não registrados no país;

5- novos procedimentos ainda não consagrados na literatura;

6- populações indígenas;

7- projetos que envolvam aspectos de biossegurança;

8- pesquisas coordenadas do exterior ou com participação estrangeira e pesquisas que envolvam remessa de material biológico para o exterior; e

9- projetos que, a critério do CEP, devidamente justificado, sejam julgados merecedores de análise pela CONEP;

d) prover normas específicas no campo da ética em pesquisa, inclusive nas áreas temáticas especiais, bem como recomendações para aplicação das mesmas;

e) funcionar como instância final de recursos, a partir de informações fornecidas sistematicamente, em caráter *ex-officio* ou a partir de denúncias ou de solicitação de partes interessadas, devendo manifestar-se em um prazo não superior a 60 (sessenta) dias;

f) rever responsabilidades, proibir ou interromper pesquisas, definitiva ou temporariamente, podendo requisitar protocolos para revisão ética inclusive, os já aprovados pelo CEP;

g) constituir um sistema de informação e acompanhamento dos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos em todo o território nacional, mantendo atualizados os bancos de dados;

h) informar e assessorar o MS, o CNS e outras instâncias do SUS, bem como do governo e da sociedade, sobre questões éticas relativas à pesquisa em seres humanos;

i) divulgar esta e outras normas relativas à ética em pesquisa envolvendo seres humanos;

j) a CONEP juntamente com outros setores do Ministério da Saúde, estabelecerá normas e critérios para o credenciamento de Centros de Pesquisa. Este credenciamento deverá ser proposto pelos setores do Ministério da Saúde, de acordo com suas necessidades, e aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde; e

l) estabelecer suas próprias normas de funcionamento.

VIII.5 - A CONEP submeterá ao CNS para sua deliberação:

a) propostas de normas gerais a serem aplicadas às pesquisas envolvendo seres humanos, inclusive modificações desta norma;

b) plano de trabalho anual;

c) relatório anual de suas atividades, incluindo sumário dos CEP estabelecidos e dos projetos analisados.

IX - OPERACIONALIZAÇÃO

IX.1 - Todo e qualquer projeto de pesquisa envolvendo seres humanos deverá obedecer às recomendações desta Resolução e dos documentos endossados em seu preâmbulo. A responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

IX.2 - Ao pesquisador cabe:

a) apresentar o protocolo, devidamente instruído ao CEP, aguardando o pronunciamento deste, antes de iniciar a pesquisa;

b) desenvolver o projeto conforme delineado;

c) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;

d) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;

e) manter em arquivo, sob sua guarda, por 5 anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos recomendados pelo CEP;

f) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;

g) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

IX.3 - O Comitê de Ética em Pesquisa institucional deverá estar registrado junto à CONEP/MS.

IX.4 - Uma vez aprovado o projeto, o CEP passa a ser co-responsável no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa.

IX.5 - Consideram-se autorizados para execução, os projetos aprovados pelo CEP, exceto os que se enquadrarem nas áreas temáticas especiais, os quais, após aprovação pelo CEP institucional deverão ser enviados à CONEP/MS, que dará o devido encaminhamento.

IX.6 - Pesquisas com novos medicamentos, vacinas, testes diagnósticos, equipamentos e dispositivos para a saúde deverão ser encaminhados do CEP à CONEP/MS e desta, após parecer, à Secretaria de Vigilância Sanitária.

IX.7 - As agências de fomento à pesquisa e o corpo editorial das revistas científicas deverão exigir documentação comprobatória de aprovação do projeto pelo CEP e/ou CONEP, quando for o caso.

IX.8 - Os CEP institucionais deverão encaminhar trimestralmente à CONEP/MS a relação dos projetos de pesquisa analisados, aprovados e concluídos, bem como dos projetos em andamento e, imediatamente, aqueles suspensos.

X. DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

X.1 - O Grupo Executivo de Trabalho-GET, constituído através da Resolução CNS 170/95, assumirá as atribuições da CONEP até a sua constituição, responsabilizando-se por:

a) tomar as medidas necessárias ao processo de criação da CONEP/MS;

b) estabelecer normas para registro dos CEP institucionais;

X.2 - O GET terá 180 dias para finalizar as suas tarefas.

X.3 - Os CEP das instituições devem proceder, no prazo de 90 (noventa) dias, ao levantamento e análise, se for o caso, dos projetos de pesquisa em seres humanos já em andamento, devendo encaminhar à CONEP/MS, a relação dos mesmos.

X4 - Fica revogada a Resolução 01/88.

ADIB D. JATENE

Presidente do Conselho Nacional de Saúde

Homologo a Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991.

ADIB D. JATENE

Ministro de Estado da Saúde

ANEXO D – FLUÊNCIA. PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO (BLOCO AVULSO)

ANEXO 1

FLUÊNCIA. PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO (BLOCO AVULSO)

Nome:

Data:

Tipo de Controle:

1. Tipologia das rupturas.

Disfluências Comuns	Disfluências Gagas
hesitação	repetição de sílabas
interjeição	repetição de sons
revisão	prolongamento
palavra não terminada	bloqueio
repetição de palavras	pausa
repetição de Segmentos	intrusão de sons ou segmentos
repetição de frases	
Total	Total

2. Velocidade de fala.

Fluxo de Palavras por Minuto	Fluxo de Sílabas por Minuto

3. Frequência das rupturas.

Porcentagem de Descontinuidade de Fala	Porcentagem de Disfluências Gagas

4. Transcrição da Amostra da Fala:

ANEXO E – FONOLOGIA. PROTOCOLO DE REGISTRO - IMITAÇÃO



ABFW – TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL
nas Áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática



Capítulo 1 - Fonologia Haydée Fiszbein Wertzner

ANEXO 1

Fonologia. Protocolo de Registro - Imitação

Nome:
Data do Exame:
Idade:

Registro		Análise Tradicional		
Vocabulo	Transcrição	Fonema	Inicial	Final
01. Peteca		p		
02. Bandeja		b		
03. Tigela		t		
04. Doce		d		
05. Cortina		k		
06. Gato		g		
07. Foguete		f		
08. Vinho		v		
09. Selo		s		
10. Zero		z		
11. Chuva		ʃ		
12. Jacaré		ʒ		
13. Machado		m		
14. Nata		n		
15. Lama		ɲ		
16. Lápis		l		
17. Prago		ʎ		
18. Café		r		
19. Alfaca		r		
20. Raposa		Arqui/S/		
21. Borracha		Arqui/R/		
22. Abelha		pR		
23. Carro		bR		
24. Branco		tR		

ANEXO F – FIGURAS ESTÁTICAS: INSTRUMENTO AFC (AVALIAÇÃO FONOLÓGICA DAS CRIANÇAS)

Figuras estáticas: Instrumento AFC – Avaliação Fonológica das crianças (YAVAS, 1991):

Figura “Sala”.

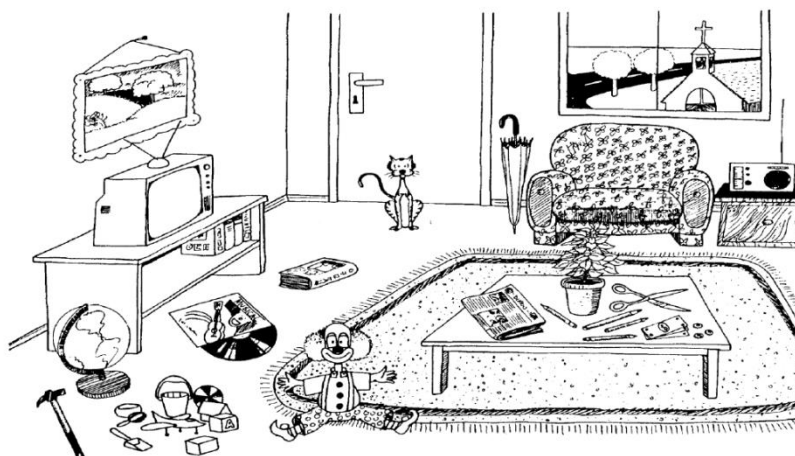


Figura “Zoológico”.

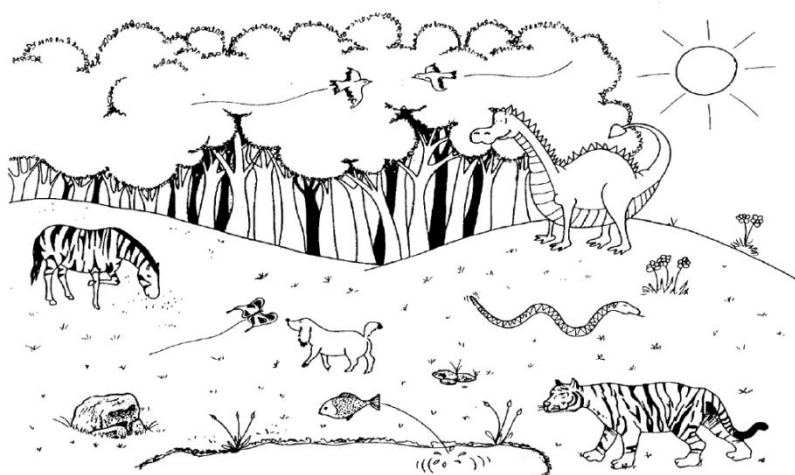


Figura “Veículos”.

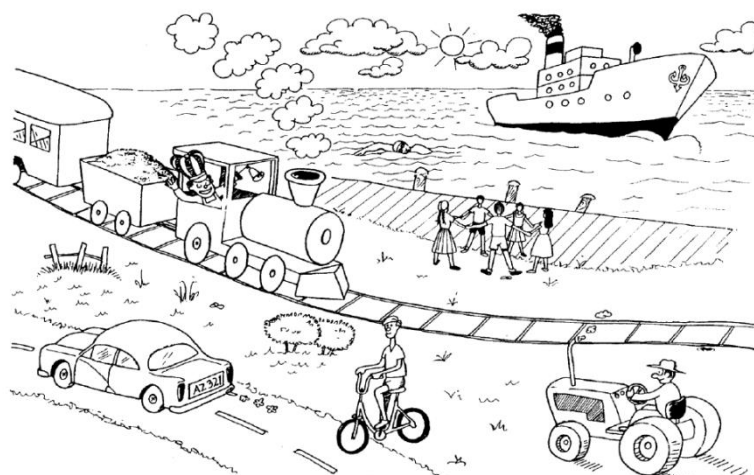
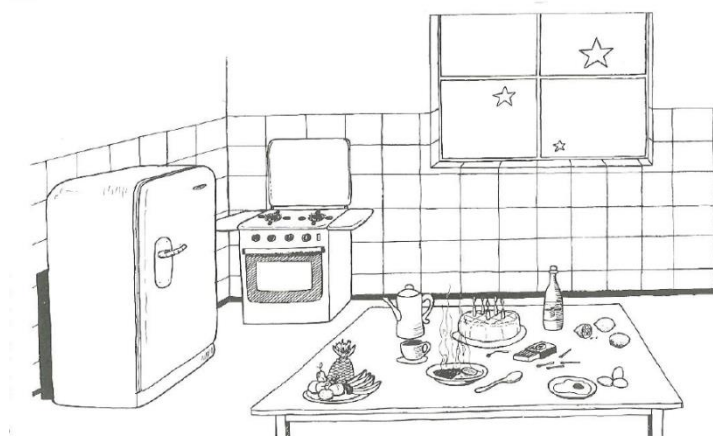


Figura “Banheiro”



Figura “cozinha”



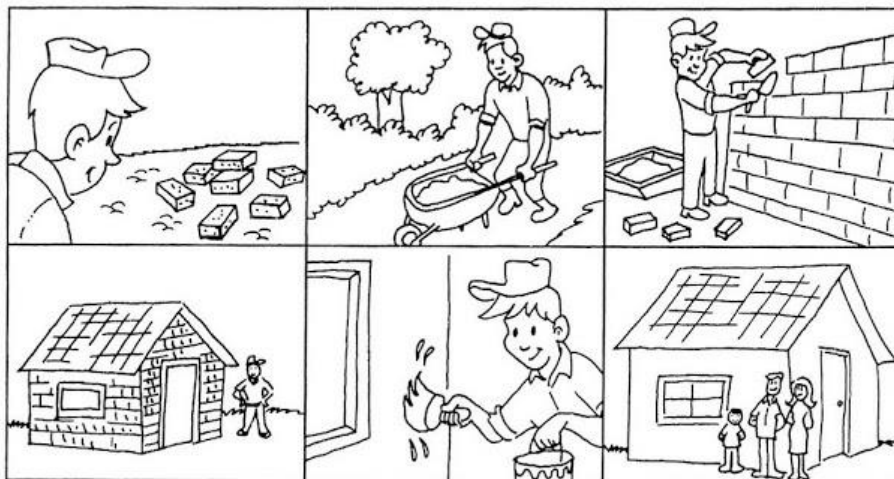
Instrumento Teste Boston (GOODGLASS; KAPLAN, 1991):

Figura “O roubo do biscoito”.



**ANEXO G – FIGURAS ESTIMULADORAS DE HISTÓRIA EM SEQUÊNCIA
UTILIZADAS NA COLETA DE FALA**

Continua



Fonte: <https://www.slideshare.net/wagnervi/sequencia-para-produco-de-texto>

Conclusão



Fonte: <http://ekldata.com/VgbtMgtju6LdKWeKERNqRm32Bak/images-sequentielles.jpg>